



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Formação de Professores
Programa de Pós-Graduação em História Social

**Aprendendo, ocupando e produzindo nas terras do 25 de
Abril.**

PEDRO FREITAS DE ALMEIDA

São Gonçalo
Fevereiro de 2022

Aprendendo, ocupando e produzindo nas terras do 25 de Abril.

Pedro Freitas de Almeida

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Território, Relações de Poder e Movimentos Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Gelsom Rozentino de Almeida

São Gonçalo
2022

**Aprendendo, ocupando e produzindo nas terras do 25 de
Abril.**

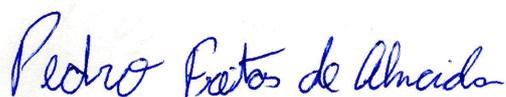
Pedro Freitas de Almeida

CATALOGAÇÃO NA FONTE

FEITA NA BIBLIOTECA

UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.



Assinatura

15 de fevereiro de 2022

Data

Pedro Freitas de Almeida

Aprendendo, ocupando e produzindo nas terras do 25 de Abril.

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Território, Relações de Poder e Movimentos Sociais.

Aprovada em 22 de fevereiro de 2022.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Gelsom Rozentino de Almeida (Orientador)
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof. Dr. Rafael Vaz da Motta Brandão
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Profa. Dra. Lia Tiriba
Faculdade de Educação - UFF

São Gonçalo
2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, e a todas as possíveis forças ocultas que contribuíram para tantos bons encontros durante esses dois anos de pesquisa. O desencadeamento lógico dos acontecimentos que permitiram que essa dissertação esteja pronta neste dia nos faz acreditar que fomos mentorados por consciências superiores que identificam-se com a necessidade histórica das discussões aqui travadas.

Aos meus colegas de curso, que dividiram as disciplinas cursadas conosco. Aos professores do Programa de Pós Graduação em História Social e em especial ao Professor doutor que orientou essa pesquisa, Gelsom Rozentino de Almeida. Aproveito para agradecer aos colegas e professores da graduação na UFF e do Colégio Pedro II. Encontramos aqui um desenvolvimento lógico capaz de transformar caos em cosmos.

Aos membros da banca que com afincos e gentileza prontificaram-se a ler, dialogar e contribuir com as discussões suscitadas por essa dissertação. Vale portanto citar que além do Gelsom Rozentino, fizeram parte desta banca o professor Rafael Brandão, a quem tive a oportunidade de conhecer durante o curso de mestrado e a professora Lia Tiriba Vargas, amiga que me acompanha desde a graduação, a quem conheci no processo de seleção de bolsistas de iniciação científica no campo Trabalho e Educação.

Agradeço também aos amigos e camaradas que se ofereceram para ler meus trabalhos, apontar defeitos e dar sugestões. Pessoas com interesse abnegado dispostas a ajudar e contribuir com a construção desse projeto.

Agradeço, por fim, a minha família. Que me proporcionou, até aqui, parte central da formação de meu pensamento e comportamento. Meus pais, tios, primos e irmãos. Às gerações anteriores que trabalharam muito, acreditando que famílias pobres poderiam ascender socialmente por meio do estudo, do trabalho e servindo socialmente.

Resumo

Esta dissertação, em três capítulos, traz uma visão geral sobre a Revolução dos Cravos, com os principais acontecimentos, anteriores e posteriores ao 25 de Abril de 1974 e ao tempo que durou o Processo Revolucionário em Curso (PREC). A análise das dimensões educativas dos movimentos populares durante o PREC requer a reconstrução histórica da totalidade social em que os sujeitos coletivos estão imersos. Atravessado por questões econômicas, políticas, sociais, culturais e educacionais. Utiliza-se de Antônio Gramsci, Thompson e Paulo Freire para fundamentar as bases teóricas da educação de trabalhadores. Localiza os saberes do trabalho associado em cooperativas e unidades coletivas de produção durante a reforma agrária portuguesa. Traz fontes primárias das instâncias de base do poder popular que se desenvolvia, interpretando documentos de cooperativas e o desenvolvimento da produção de mercadorias e saberes nas experiências do trabalho associado nas zonas agrárias de Portugal. Destacam-se os processos pedagógicos nos momentos de trabalho e lazer, no interior das cooperativas, fundamentados na práxis entre poder das ideias e das ações na construção da sociedade de livres produtores.

Abstract

This dissertation, in three chapters, provides an overview of the Carnation Revolution, with the main events, before and after the 25th of April 1974 and the duration of the Revolutionary Process in Progress (PREC). The analysis of the educational dimensions of popular movements during the PREC requires the historical reconstruction of the social totality in which collective subjects are immersed. Crossed by economic, political, social, cultural and educational issues. It uses Antônio Gramsci, Thompson and Paulo Freire to support the theoretical bases of workers' education. It locates the knowledge of associated work in cooperatives and collective production units during the Portuguese agrarian reform. It brings primary sources of the grassroots instances of popular power that was developed, interpreting documents from cooperatives and the development of the production of goods and knowledge in the experiences of associated work in the agrarian areas of Portugal. The pedagogical processes in moments of work and leisure, within the cooperatives, are highlighted, based on the praxis between the power of ideas and actions in the construction of a society of free producers.

Índice

Agradecimentos	1
Resumo	2
Abstract	2
Índice	3
Introdução	5
Capítulo I: Entendendo a atmosfera da sociedade portuguesa em abril de 1974.	8
Capítulo II: Pressupostos para construção de uma práxis da pedagogia popular	31
Capítulo III: Trabalho, lazer e produção de saberes nas Unidades Coletivas de Produção e Cooperativas Agrárias.	47
Conclusão	76
Referências bibliográficas	78

Introdução

É com entusiasmo que apresentamos a pesquisa Aprendendo, ocupando e produzindo nas terras do 25 de Abril, orientada pelo professor Gelsom Rozentino de Almeida e desenvolvida no Programa de Pós Graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Faculdade de Formação de Professores - São Gonçalo, onde tivemos como objetivo principal investigar o processo de reforma agrária em Portugal, o processo de luta e redistribuição de terras e a produção de saberes inerente ao trabalho associativo no interior das cooperativas de produção organizadas depois do 25 de Abril.

Caracterizamos esse ambiente de produção de saberes como um movimento de educação, que através de uma pedagogia socialmente referencial, necessária para viver e trabalhar, nas esferas de base do poder popular. Essa dinâmica foi determinante para denominarmos o período que teve início no 25 de Abril de 1974 até o 25 de novembro de 1975 como Período Revolucionário em Curso (PREC). O marco econômico do PREC no campo econômico foi questionamento da propriedade privada e da exploração do trabalho, no campo cultural foi desenvolvimento educacional e pedagógico construídos nos ambientes de trabalho coletivo e lazer.

Buscamos encontrar os nexos entre as lutas no campo e o apoio político e econômico dos governos. Encontramos também a solidariedade de classe em diferentes esferas de produção em Portugal, e o apoio de governos socialistas e entidades e cooperativas de outros países que entendiam que a luta da classe trabalhadora é internacional.

Tivemos os primeiros contatos com fontes documentais do período ainda na graduação em História na Universidade Federal Fluminense. Participamos da pesquisa "Pedagogias da Produção Associada: Trabalho e Educação no Movimento Popular do 25 de Abril", realizada no Instituto de Educação da UFF, coordenado pela Dra. Lia Tiriba. Tal pesquisa tinha como objeto de estudo os filmes e documentários produzidos sobre o período. Tivemos como resultado, além de inúmeros relatórios, a produção de um catálogo com resumos e resenhas desses filmes. A delimitação da reforma agrária como recorte espacial e temático teve origem na monografia de conclusão da graduação, orientada pelo professor Marcelo Badaró.

No mestrado, ampliamos as discussões teóricas e o acervo de fontes documentais. Fomos desafiados a aprofundar algumas discussões. Destacamos nesse sentido a contribuição do nosso orientador na sugestão de fontes bibliográficas capazes de subsidiar a continuidade

da pesquisa. Gelsom Rozentino fez valer o *nós* do historiador, de modo que merecidamente apresentamos essa narrativa escrita na primeira pessoa do plural.

No primeiro capítulo intitulado de Entendendo a atmosfera da sociedade portuguesa em abril de 1974. Apresentamos o contexto português de antes e depois do 25 de Abril. Demarcamos o objeto de pesquisa e o contextualizamos. Demos a ênfase necessária ao a guerra ultramarina e a importância dos movimentos de descolonização dos territórios portugueses em África. Interpretamos a ditadura de 48 anos que aprisionou Portugal (e alguns portugueses) e relatamos o surgimento do Movimento das Forças Armadas MFA. Além disso, mostramos o ascenso geral das lutas em Portugal e demonstramos que o trabalho associado e a formação de cooperativas não se limitou às regiões agrárias, pelo contrário, esteve nas regiões urbanas nos mais diferentes segmentos da sociedade portuguesa.

No segundo capítulo buscamos as fundamentações teóricas de nossa pesquisa. Que autores justificariam a crítica que faríamos das fontes? Como construíram os nexos entre trabalho e educação de trabalhadores? Apropriamo-nos de Antônio Gramsci, Lenin, Marx, Thompson, Paulo Freire e outros intelectuais. Entendemos que o pilar central de interpretação da construção dos saberes do trabalho associado seria a categoria práxis. Tivemos o mérito de utilizar os debates e lições da disciplina do mestrado do Dr. Rafael Brandão em nossa pesquisa. Onde aprofundamos os métodos de formação de intelectuais orgânicos a classe trabalhadora a partir de textos gramscianos. Lenin nos serviu para entendermos que Gramsci era leninista e por suas contribuições acerca da unidade entre teoria e prática no desenvolvimento da luta revolucionária. Em Marx discutimos a concepção de estado, o conceito de socialismo e comunismo, e desenvolvimento da luta de classe. Aproveitamos para destacar que foi Marx quem cunhou o termo *trabalho associado* para determinar a forma de trabalho no interior de cooperativas sem patrão. Thompson nos trouxe a importância da categoria experiência e sua relação com a educação formal, privilegiando a experiência dos trabalhadores em todo processo pedagógico. Paulo Freire aprofundou a práxis como determinante no processo educativo e interpretativo da realidade social.

No terceiro capítulo priorizamos fontes primárias, e adentramos nosso objeto de pesquisa histórico. Apresentamos a reforma agrária: as diferenças e semelhanças entre os processos no sul e no norte de Portugal. Enquanto as terras do sul eram grandes latifúndios improdutivos, as terras do norte eram de pequenos e médios proprietários. No sul as terras tiveram de ser ocupadas enquanto no norte o desafio era a associação de trabalhadores e não a expropriação de terras. Interpretamos documentos de cooperativas de ambas as regiões, e apresentamos o desenvolvimento da produção de mercadorias e saberes nas experiências do

trabalho associado. Tentamos comprovar o processo pedagógico nos momentos de trabalho e lazer no interior das cooperativas. Encontramos na práxis do período uma potencialização do poder das ideias e das ações práticas na construção da sociedade de livres produtores. Destacamos valores como democracia, unidade, organização e solidariedade neste período fértil de encontro entre a educação e a experiência dos trabalhadores.

Pretendemos apresentar fatos, desenvolver os subsídios teóricos e metodológicos, e analisar as fontes. Estruturar nexos entre formação e informação sobre o objeto pesquisado. Construimos uma relação coerente no recorte e cronologia de cada capítulo. Aprendemos muito com o estudo da Revolução dos Cravos e a Reforma Agrária.

Boa leitura!

Capítulo I: Entendendo a atmosfera da sociedade portuguesa em abril de 1974.

A História é a ciência de homens e mulheres conscientes no tempo e no espaço. Tal consciência é determinada pelas suas experiências reais. As ideias trocadas no local de trabalho, por um grupo de produtores e sua estrutura organizativa, definirão as posições ante a política geral de seu tempo, determinarão sua consciência. É a ação que definirá os critérios para as verdades históricas. E é por meio de comparações e relações que encontramos categorizações científicas para os fatos.

Não se trata de idolatrarmos o senso comum, mas, sim, atentar ao momento histórico em que massas humanas redescobrem a sua existência, ao apoderarem-se dos meios de produção e de um projeto político. A revolução propicia um descortinar do mundo. Se o povo não tivesse do que reclamar, a passividade seria sinônimo de razão. Contudo, o que vemos é o capitalismo em contradição com a própria existência humana.

“Uma visão clara do conjunto da história econômica de um determinado período nunca é possível no próprio momento; não se pode alcançá-la senão mais tarde, depois de se terem reunido e selecionado os materiais (...)”¹ e conhecendo os fatos decorrentes. Do mesmo modo, o historiador se propõe a aproximar-se do passado, edificando uma totalidade e uma interpretação precisa, através do estabelecimento de um rigor e coerência metodológica e conceitual. Não nos cabe olhar o passado (por mais recente que seja, ou maior sejam os números de sobreviventes) com os olhos dele. Heráclito já sabia que não podia banhar-se duas vezes nas águas do mesmo rio, pois, não só ele, como as águas do rio, transformaram-se entre um momento e outro.

“A existência de ideias revolucionárias numa época determinada pressupõe a existência de uma classe revolucionária”². Esse potencial revolucionário nem sempre é utilizado, e nunca atingiu o seu auge, pondo fim à luta de classe. É precisamente nas ruas, no chão de fábrica e dos bairros mais pobres, que percebemos os diferentes níveis qualitativos (e não quantitativos) da consciência e da experiência de classe, em outras palavras, o grau de acirramento das lutas de classe.

¹ ENGELS, Friedrich. *As lutas de classe na França (1848-1850), de Karl Marx*. In: ENGELS, Friedrich. *Política*. Organizado por: NETTO, José Paulo. editora ática, São Paulo, 1981.

² MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. Edições Progresso Lisboa - Moscovo, 1982

O leitor terá contato, a partir de agora, com uma visão geral sobre a Revolução dos Cravos, com os principais acontecimentos, anteriores e posteriores ao 25 de Abril de 1974. Durante toda pesquisa, analisaremos filmes e documentários sobre o 25 de Abril e o Processo Revolucionário em Curso, que nos serviram como fontes de pesquisa. Não nos sentimos à vontade de utilizar o cinema militante português como objeto central, porque entendemos que não temos o conhecimento necessário sobre as técnicas e categorias cinematográficas que gostaríamos de utilizar, embora o acervo assistido conte com a quase totalidade dos filmes produzidos durante a Revolução dos Cravos.

A Ditadura

O processo revolucionário em curso (PREC)³ é o período da história portuguesa que vai da revolução dos cravos, de 25 de abril de 1974 à 25 de novembro 1975. Durante esse período emergiu, em Portugal, um conjunto de iniciativas populares no intuito de forjar novas democracia, economia e cultura. Um momento histórico marcado por um forte antagonismo entre os projetos políticos para a nação. Nas ruas, praças, fábricas, escolas, bairros, e terras se forjaram: cooperativas de produção, manifestações, saberes populares, assembleias, periódicos, documentários, etc. A dualidade de poder teve seu ápice no verão de 1975. Com a constituição de abril de 1976, o poder consolidou-se sob comando dos liberais e Portugal logo aliou-se à Comunidade Europeia. Mesmo tendo sido derrotada, a Revolução dos Cravos deixou como legado, entre outros, a democracia em Portugal, a derrota do governo autoritário de Marcelo Caetano e Oliveira Salazar e a descolonização dos territórios Africanos, controlados por Portugal

A Revolução dos Cravos livrou Portugal de uma ditadura que durou 48 anos (iniciada em 28 de maio de 1926). A ditadura tinha claros elementos fascistas, que ficaram explícitos na Constituição que implantou o Estado Novo em 1933. Todavia, o fascismo português não se aliou à Alemanha e Itália na Segunda Guerra Mundial, adotando uma posição de neutralidade durante o conflito. Essa postura ajudou a que no pós-1945 a ditadura salazarista fosse apoiada pelos governos da Inglaterra e dos EUA, sobretudo em virtude da Guerra Fria e da “ameaça” comunista.

³ Um período de reorganização social onde a ideia de se construir um Portugal socialista é democrático foi pungente. As ocupações de escolas, fabricas, moradias e terras tentaram construir uma democracia popular. Os muitos governos provisórios desse período mediavam os conflitos por vezes legitimando o poder popular.

A configuração dos governos Salazar e Marcelo Caetano como um regime fascista não é um consenso entre os cientistas sociais que interpretam o período. Durante os governos, toda a oposição carregava a bandeira do antifascismo. Contudo, a partir da década de 80, algumas análises, como as de António Costa Pinto⁴, preferiram o termo direita autoritária para classificar o regime, por entender que o governo português que decretou o Estado Novo diferia dos regimes fascistas tradicionais, como os de Alemanha e Itália. Posteriormente, historiadores como Jorge Campinos⁵, Enzo Collotti⁶, João Bernardo⁷, Maria-Antonieta Macciocchi⁸, resgataram o termo fascismo para interpretação do Estado Novo português. Nosso papel, entretanto, é de dissertar sobre o período, confrontando autores e fontes. Não temos, assim, a intenção de defender a tese A ou B, apenas percorrer um caminho que favoreça ao leitor uma aproximação com o momento histórico interpretado.

Por a pesquisa ter se iniciado com fontes primárias, como jornais,⁹ documentários e leituras de livros de autores que vivenciaram o período, o termo fascista e antifascista por vezes aparecerá no texto; não podemos alterar as fontes. As bandeiras principais do levante das forças armadas que antecedeu a tomada das ruas pelo povo eram: o fim da guerra colonial, a derrubada do “governo fascista”, o saneamento dos fascistas, a desfascistização da educação, etc. Portanto, erraríamos mais tentando fazer uma crítica a essas fontes, visto, inclusive, que abordamos esse tema como antecedentes históricos que originaram os movimentos que derrubaram a ditadura e participaram das transformações culturais, políticas e econômicas do período revolucionário em curso.

No documentário: *Duas Histórias de Prisão*, de Ginette Lavigne, duas mulheres contam suas histórias de como e porque foram presas políticas do regime autoritário de Marcelo Caetano, sucessor de Salazar. Diana Andringa e Maria José Campos eram jovens quando estavam presas. As duas se envolveram com movimentos de resistência antifascista, antes do dia 24 de abril de 1974.

⁴ ANTÓNIO COSTA PINTO — O salazarismo e o fascismo europeu. Problemas de interpretação nas ciências sociais, Lisboa, Editorial Estampa, 1992

⁵ Jorge Campinos, A Ditadura Militar (1926-1933). Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1975

⁶ Enzo Collotti, Fascismo, fascismos, Lisboa, Editorial Caminho, 1992; O fascismo em Portugal. Actas do Colóquio realizado na Faculdade de Letras de Lisboa em Março de 1980, Lisboa, A Regra do Jogo, 1982

⁷ BERNARDO, João (2003). Labirintos do fascismo: na encruzilhada da ordem e da revolta. Porto: Edições Afrontamento.

⁸ Maria-Antonieta Macciocchi (dir.). Eléments pour une analyse du fascisme, 2 volumes, Paris, Union Générale d' Edition, 1976.

⁹ Percorremos todos os exemplares do jornal O Combate, que tinha como um de seus editores o militante e ensaísta João Bernardo.

Os depoimentos são descrições da prisão, da cela onde ficaram, e das circunstâncias em que foram presas. Relatam, também, as torturas que sofreram. Quando instaurada a Revolução, Diana e Maria são soltas. No filme, os depoimentos das militantes são alternados com tomadas externas, quando têm a oportunidade de relatar suas vidas atualmente. Membros do movimento estudantil, na época da revolução, as duas mulheres continuaram na militância ao longo da vida.

Portugal manteve uma postura de neutralidade durante a Segunda Guerra Mundial, evitando a inimizade das potências liberais. O regime tinha total apoio político dos governos Inglês e Estadunidense. Da derrota Alemã até a década de 1960 houve três eleições presidenciais (manipuladas), suficientes para que os EUA e a Inglaterra ignorassem as perseguições políticas e legitimassem o governo. A década de 1960 iniciou com o anúncio da guerra colonial e com a crescente oposição do movimento estudantil ao governo.

Guerra colonial

É importante destacar que a colonização territorial do continente africano pelo imperialismo europeu só foi possível a partir da invenção da metralhadora e da manipulação do quinino¹⁰, o que dá uma ideia da brutalidade e da perniciosidade do conflito colonial. Nos tempos de África escravista, a opressão no continente era executada por elites locais. É claro que a Europa não se importou em financiar práticas de banditismo e sequestro (no princípio não se importou nem em fazer esse trabalho sujo com seus “lançados”), com o intuito de se favorecer economicamente dos conflitos internos. Esse favorecimento econômico foi também cultural e político. Milhares de vidas foram cambiadas, sobretudo, por cachaça, armas e uns charutos de baixa qualidade, banhados em melaço, que divertiam a nova elite africana.¹¹

Em 13 de abril de 1961, Oliveira Salazar anunciou, portanto, o início da guerra colonial e cinco dias depois enviou as primeiras tropas para Angola, país que ocupa hoje um território 14 vezes maior que Portugal. Com o desenvolvimento do conflito, os oficiais de carreira deixaram de ser numericamente suficientes para garantir as posições além-mar e conter os rebeldes africanos, que lutavam por revolução e independência. Nesse contexto,

¹⁰ Composto químico antimalárico registrado por espanhóis na conquista do império Inca no início do século XVII, o elemento foi isolado 1820 em fins do século XIX só a Colômbia exportou 6 milhões de libras da casca de Cinchona para a Europa.

¹¹ Tivemos como referência de Análise desse parágrafo os estudos do Historiador canadense Paul Lovejoy, intitulada de tese da transformação que tenta entender como a África tornou-se o continente mais subdesenvolvido do mundo.

todos os jovens com nível superior passaram a ser recrutados como oficiais e enviados como milicianos para as frentes Africanas. No terreno do conflito, minas terrestres ainda hoje mutilam os sobreviventes. Contra a guerrilha popular, o poder colonial considerava todo o povo africano como suspeito.

Forjados na geração de 1950 e 1960, os jovens treinados para a guerra colonial foram os mesmos que assistiram aos exemplos mundiais de heroísmo popular, marcados por projetos revolucionários, construídos à margem de Moscou. Esse espectro de mudança e transformação popular tinha como pano de fundo internacional a revolução cultural na China, o triunfo da Revolução Cubana, e os levantes de 1968 (fermentados também pelo assassinato de Ernesto Che Guevara em 1967), e a consolidação da resistência nas colônias.¹²

Mesmo os trabalhadores menos politizados, ainda na época de Salazar¹³, começaram a perceber a exploração que sofriam e passaram a demonstrar insatisfação com o custo de vida, e com os salários, que não acompanhavam os aumentos de preços. O regime ditatorial foi ficando assim, cada vez mais desgastado. Descobriam-se e formavam-se cada vez mais organizações estudantis que resistiam ao regime, chamadas de subversivas. A mobilização estudantil ampliou-se, sobretudo na resistência, contra a guerra colonial.

Dissertar sobre a guerra colonial não nos pareceu em momento algum uma tarefa fácil. Partimos do geral ao específico, utilizamos as principais leituras das disciplinas sobre África, cursadas ainda na graduação, para entender como o continente mais rico tornou-se o continente mais pobre (tese da transformação) e de que modo a ocupação e colonização do continente, por parte das nações europeias, influiu nesse processo. Para interpretar, mais especificamente a luta anticolonial e suas contradições, não descartamos as contribuições de Frantz Fanon, mesmo este sendo Argelino e, portanto, nacionalizado de uma colônia Francesa. Enfim, sobre a descolonização da África portuguesa, encontramos e escolhemos Pepetela (líder do MPLA de Angola) e Samora Machel (Moçambique). Para entender o contexto geral da influência marxista sobre esses autores africanos, bem como sobre a última revolução do século XX, em um mundo ainda bipolar, onde a teoria marxista já apresentava suas vertentes maoístas, estalinistas, castro-guevaristas, trotskistas dentre outras, utilizamos um arcabouço teórico muito mais amplo, mas citamos aqui Hobsbawm, Thompson, Marx, Daniel Bensaïd entre tantos outros.

¹² Otelo Saraiva de Carvalho por exemplo, um dos principais e mais radicais líderes do MFA tinha claras influências maoístas em sua formação e uma vez no governo ajudou na criação dos GDUP, Grupos Dinamizadores de Unidade Popular, baseado no que Otelo viu em Cuba.

¹³ Salazar morre em 27 de julho de 1970

A luta anticolonial nasceu no território da barbárie e foi inevitavelmente maniqueísta.¹⁴ Após a segunda guerra mundial e com o início da *guerra fria*, os africanos, que resistiram e que lutaram pela independência, se identificavam com o pólo socialista. As experiências vitoriosas de guerrilha, de antes de 1960, aqueceram e moldaram a nova estratégia revolucionária do terceiro mundo. A vitória da estratégia de guerrilhas, na China (1949), deu uma nova perspectiva de triunfo de revoluções socialistas em países periféricos, o início da guerra do Vietnã (1955), o desenvolvimento da revolução Cubana (1959), o potencial da luta de independência argelina (1954-1962), dentre outros. O Movimento pela Libertação de Angola, por exemplo, inicia suas ações em 1961 e o Comitê pela Libertação de São Tomé e Príncipe (CLSTP) é organizado por militantes exilados no Gabão em 1961. O Partido Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) tem sua fundação em 1962 e o Partido Africano da Independência/União dos Povos da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), fundado em 1956, decide, em 1962 aderir à estratégia de luta armada, à defesa da pátria e à criação de um projeto socialista nacional, baseado nas contradições específicas da África, eram alguns dos desafios colocados.

Para a interpretação do trabalho associado no pós 25 de abril e para a análise da formação das experiências de classe portuguesas, não poderíamos esquecer o então “Portugal” além-mar, que forneceu os primeiros revolucionários e patriotas a se rebelarem contra o governo tirano. Os guerrilheiros africanos lutavam pelo povo e o povo dava-lhes o que comer.¹⁵ Assim, povo e exército dividiram experiências e lutaram de forma associada pela libertação das colônias. A transmissão de saberes é associada à difusão da luta guerrilheira, uma aliança entre teoria e prática, entre a experiência empírica e o conhecimento formal transmitido através das escolas do movimento (principalmente as novas gerações) e da própria luta. A educação popular foi uma importante estratégia política da guerrilha, a ideia de elevar a consciência das massas, apostar na formação de quadros políticos e absorver as experiências da luta dos trabalhadores em países subdesenvolvidos foram fundamentais para a independência das colônias. Não entendemos a libertação das colônias apenas como fruto da revolução ocorrida no continente Europeu. Muito pelo contrário, seguimos na hipótese de que as tensões em Portugal se davam principalmente pela crise gerada pela guerra colonial. As guerrilhas, por sua vez, tinham como principal influência o maoísmo ou o castro guevarismo que tem como um dos ideais a aplicação de uma revolução nacional como etapa

¹⁴ FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Civilização brasileira. 1979

¹⁵ Retiramos essa informação do romance *Maiombe*, escrito por Pepetela, líder do MPLA.

para a revolução mundial. O apoio popular foi um elemento determinante de superioridade sobre o inimigo que dispôs de mais armamentos e soldo.

O povo veio com as crianças. O Comandante falou-lhes. A escola já estava pronta, podiam começar as aulas. O professor União tinha sido enviado de longe pelo movimento para ensinar. No tempo do colonialismo, ali nunca tinha havido escola, raros eram os homens que sabiam ler e escrever. Mas agora o povo começava a ser livre. Movimento, que era de todos, criava liberdade com as armas. A escola era uma grande vitória sobre o colonialismo. O povo devia ajudar o MPLA e o professor em tudo. Assim o seu trabalho seria útil. As crianças deveriam aprender a ler e a escrever e, acima de tudo, a defender a Revolução. Para bem defender a revolução, que era para o bem de todos, tinham de estudar e ser disciplinados. (PEPETELA, novembro de 1972)¹⁶

Segundo o depoimento de um militar português, quem fosse guerrear em território africano “ia guerrear no cu do Judas”¹⁷. Tal expressão aguça a imaginação histórica dessa guerra e da cortina de fumaça que o governo tentou criar para camuflar os massacres, as torturas e a tirania. Apesar do maniqueísmo de guerra, o moral das tropas em conflito esteve em constante relação.¹⁸ No caso português, a ideologia de manutenção de tropas no território africano foi produzida pelos mesmos ideólogos que exerciam hegemonia sobre o estado português.

No início da década de 1970, a estratégia portuguesa de guerra ultramarina entrou em colapso e a derrota lusitana não tardou¹⁹. O “império” português se desgastou nas três frentes de batalha: Guiné, Moçambique e Angola. Não por acaso, o fim da guerra colonial é entendido como a principal bandeira do levante de oficiais do dia 25 de Abril e da unidade do Movimento das Forças Armadas (MFA). Figuras expressivas do governo, como o General Spínola²⁰, defenderam publicamente o fim da guerra e a entrega progressiva do controle territorial aos africanos para evitar prejuízos maiores.

A Física moderna nos ensina que matéria é energia, e esta nunca está inerte (BACHELARD, Gaston). Por isso, liquidar o exército português é liquidar sua ideologia.

¹⁶ PEPETELA [PESTANA, Artur Carlos Maurício]. *As aventuras de Ngunga*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1983.

¹⁷ Extraído do documentário *Natal 71*.

¹⁸ Tiramos essa conclusão teórica a partir do texto anterior ao período, escrito por Lenin, denominado de “Situação Revolucionária”, no qual o autor explica que para ocorrer uma revolução popular não basta que os oprimidos acreditem que possam tomar o poder, a situação é tal qual que os poderosos temem perdê-lo junto com seus privilégios

¹⁹ O tempo histórico é diferente para quem escreve ou vive a história, não pretendo menosprezar nem um segundo de guerra que para quem está na frente de batalha pode durar uma eternidade e deixar marcas profundas durante toda a vida.

²⁰ Governador da Guiné foi o primeiro presidente da republica depois do 25 de abril. Um dos elementos mais reacionário do MFA

Toda matéria, inclusive a social, está em constante movimento e é, portanto, e ao mesmo tempo receptor e transformador de energia. A palavra²¹ manifesta mais o desejo do espírito que das cordas vocais. Deste modo, o que determinou esta guerra não foi a marca do fuzil, mas o lado para o qual ele apontou.

A propaganda de guerra do governo português foi comparativamente seu ponto mais fraco. Garantir a segurança do “território nacional” de uma nação lusitana, “pluricontinental” e “multiracial” não era um discurso capaz de elevar o moral das tropas nem de legitimar por muito tempo as mobilizações, os esforços e as baixas de guerra.

O policiamento colonial impôs deslocamentos populacionais, que suprimiram a rotina e o modo de vida das famílias. A crise econômica fez os esforços exigidos aos combatentes pesarem ainda mais sobre a mulher e os filhos. O Estado promoveu, então, o Movimento Nacional Feminino. As mulheres dos homens de poder do país pronunciaram-se a favor do conflito, tentou-se criar um tipo ideal de mulher em consonância com o regime e com os esforços de guerra.²²

Os produtos culturais e a cooptação de artistas populares foi um fenômeno superestrutural decorrente do esforço de guerra. A história oral é construída por discursos sobre os fatos e acontecimentos históricos. A memória deve ser interpretada a partir do que os personagens lembram e do que não lembram, em outras palavras, as verdades que revelam e as que omitem. Como estes justificam as opções e decisões tomadas no período? Quais foram as experiências produzidas e transmitidas durante a guerra colonial que possibilitaram a realização do 25 de Abril e do Período Revolucionário em Curso?

A ideia de presentear todos os soldados com um vinil de artistas populares, cantando músicas de apoio à guerra colonial, serviu como uma luva em noite de frio para a Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE) e o governo português. O vinil *Natal 71* foi um regalo distribuído de modo equitativo aos militares, numa data que reafirmou a família como célula social fundamental de uma grande pátria. Contudo, os alistamentos promovidos pela pátria dividiram as famílias portuguesas impedindo, assim, as reuniões natalinas dos alistados no seio do lar.

A produção do vinil e dos eventos produzidos para comemoração do Natal alistou artistas que deveriam dar a sustentação ideológica que todo exército precisa se deseja

²¹ Bakhtin, na demonstração de que palavra é matéria.

²² Esses elementos são muito bem abordados no documentário “Natal 71”

permanecer de pé. Florbela Queiroz é uma personagem emblemática da cooptação cultural. Seu nome foi estampado em tanques de guerra, como uma causa maior pela qual se lutaria.

O disco *Natal 71* deu nome a um filme dirigido por Margarida Cardoso que pretendeu reconstruir o aparelho de propaganda ideológico do estado português durante a guerra nas colônias. Para isso, o filme se utilizou da memória oral, na medida em que recortou depoimentos de soldados, produtores e artistas que participaram destas *atividades alienantes*. Os *produtos culturais* difundidos no período foram reinterpretados. Que experiências foram recuperadas pela sociedade portuguesa até a produção do filme?

Era o tempo em que Portugal era um grande império colonial – pelo menos era o que eu lia nos livros da escola – e para que assim continuasse, o meu pai e grande parte da sua geração combateu nessa guerra, que durou treze anos. Hoje transportamos, em silêncio, essas memórias. Olho para trás e tento ver. Em casa do meu pai encontrei algumas fotografias, a cassete e o disco. A cassete é uma voz de revolta, o disco é uma peça de propaganda nacionalista. São memórias de uma ditadura fascista. Memórias de um país fechado do resto do mundo, pobre e ignorante, adormecido por uma propaganda melosa e primária que nos tentava esconder todos os conflitos, e que nos impedia de pensar e de reconhecer a natureza repressiva do regime em que vivíamos. (CARDOSO, Margarida)

A câmera deste documentário também lançou um olhar sobre O Cancioneiro de Niassa, material produzido clandestinamente em Moçambique, divulgado em fitas cassetes por militares de diferentes funções e patentes. Esse movimento surgiu no final da década de 1960 e foi responsável por parodiar fados, encaixando letras que retratavam a triste rotina dos militares em Moçambique. Esse espectro festivo e rebelde forjado em Niassa rapidamente se espalhou por toda a tropa. Tais fitas registraram parte da experiência que “enfrentou a morte na luta pela vida”²³.

A experiência não espera discretamente, fora de seus gabinetes, o momento em que o discurso da demonstração convocará a sua presença. A experiência entra sem bater à porta e anuncia mortes, crises de subsistência, guerra de trincheira, desemprego, inflação, genocídio.

(Thompson, 1981, p.17)²⁴

²³ Parte desse material está disponível no sítio eletrônico: http://ultramar.terraweb.biz/Cancioneiro_do_Niassa/mocambique_cancioneiro_do_niassa.htm

²⁴ THOMPSON, Edward P. *A miséria da teoria: ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

A Revolução dos Cravos e o assalto do Quartel do Carmo.

As fontes mais visitadas sobre a Revolução dos Cravos, foram publicados por autores que participaram de forma ativa do processo revolucionário, como o exemplo de Álvaro Cunhal, militante do partido comunistas português, que produziu o livro *A Reforma Agrária*, e João Bernardo editor do Jornal o Combate, que circulou em Portugal de junho de 1974 a fevereiro de 1978 e tinha como lema “A libertação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores”. Nos jornais e documentários do período, procuramos primeiro entrevistas e pronunciamentos de militantes do MFA e populares inseridos nos processos de mobilização.

Pretendemos dissertar sobre os fatos e acontecimentos inerentes ao 25 de Abril de 1974 e, como recurso de análise, faremos uso dos documentários produzidos sobre o push militar, a fim de entendê-lo e contextualizá-lo, dando a oportunidade de obter um contato mais próximo de nosso objeto de pesquisa. Pretendemos, com isso, aguçar o interesse do leitor, propondo um caminho inicial e realista, a fim de que o debate não se esgote nessas descrições. Com toda a certeza, os novos olhares que percorrerem as fontes por nós utilizadas, encontrarão questionamentos e observações por nós não percebidas. Os novos problemas criados nos motivaram a buscar novas fontes produzidas no período e/ou posteriormente.

“A Noite do Golpe de Estado”, utilizado como fonte ~~secundária~~, conta detalhadamente os momentos em que antecederam a Revolução dos Cravos. O filme passa pelo olhar desse homem, que olha diretamente para a câmera, para dentro da tela, para o espectador. Ele está ali como um oficial que se lembra de seus feitos. Está ali como um velho que viu sua juventude passar. Está ali como espectador e ator desse processo de liberdade do povo português. Está ali como alguém que experimentou o processo revolucionário e lhe conferiu um novo significado. A transformação, a revolução, a mudança são sempre processos de educação e aprendizagem de novas experiências. O aprendizado assim como a experiência de classe se dá em uma esfera individual e coletiva e é sempre, indissociavelmente, político, cultural, social e econômico.

A câmera deste filme entra em uma sala, que dá em um porto. O personagem, mais velho, melancólico, lembra-se da vida olhando para o mar e para o espectador. “A Noite do golpe de Estado” é diferente dos filmes que normalmente são feitos sobre o 25 de abril de 1974. O homem anda, pelo porto, lembrando de sua juventude, de como foi ir para Angola para lutar em guerra. O seu sonho, na verdade, era ser ator, encenar Shakespeare, autor da

frase: “triste do povo que precisa de heróis”. Porém, os únicos teatros que visitou foram em Angola.

O homem entra em um cenário. Parece o palco em que queria atuar em sua juventude. No dia 24 de abril de 1974, ele passou as angústias em um lugar parecido com aquele. Esse homem é Otelo Saraiva de Carvalho, um dos líderes do MFA, capitão do exército em Angola e um dos dirigentes da Revolução do 25 de Abril. Otelo Saraiva de Carvalho

explica, quase que teatralmente, as estratégias de seus companheiros para a tomada do poder e das ruas. Todo levante iniciou-se com o toque da canção Grândola Vila Morena, pela Rádio Renascença, cantada por Zeca Afonso que foi utilizada como senha que deu início à movimentação das tropas rumo a Lisboa. “A Noite do Golpe do Estado” mostra a melancolia desse ex-oficial, e, ao mesmo tempo, seu orgulho ao contar detalhadamente as estratégias para a derrubada do fascismo.

Com o comando dos Capitães de Abril, o MFA tomou o poder no dia 25 de abril de 1974, libertou as colônias e deu início a um processo de transformações radicais na sociedade portuguesa. A crise econômica que, em 1973, colocou os índices de inflação em 25% e as denúncias do governo no interior da Igreja contribuíram para o cenário de descrédito geral do governo fascista que possibilitou o triunfo do *putsch* militar.

As principais emissoras de rádio e televisão do país foram ocupadas pelo governo revolucionário. O antigo FNAT (órgão de propaganda fascista) foi convertido para o Programa de Dinamização Cultural Portuguesa. As brigadas de educação popular eram cooperativas de teatro e cinema. A revolução ocorreu em toda a produção artística e literária e se manifestou nas bases populares e nas medidas governamentais. Essa atitude manifestou as experiências acumuladas anteriormente pelo conjunto de artistas e intelectuais portugueses e estrangeiros que colaboraram e participaram no PREC, graças a estes, foram produzidos muitos documentos e imagens que nos serviram de fonte de pesquisa.

Esta vontade de consciencializar politicamente o país passou muito pela consolidação de estruturas (as chamadas unidades de produção dependentes do Instituto Português de Cinema ou as novas cooperativas) que asseguraram a produção intensiva de documentários sobre várias temáticas, desde a cobertura de acontecimentos políticos, ações revolucionárias até programas de índole didáctica que ensinariam a população novos hábitos, por exemplo, de alimentação e higiene.²⁵

²⁵ COSTA, José Filipe. *A revolução de 74 pela imagem: entre o cinema e a televisão. Princípios para compreensão do cruzamento dos dispositivos televisivo e cinematográfico entre 1974 e 1976.*

No rastro dessa documentação tão vasta e fértil se recupera a história e a memória da revolução que passou. E esse verbo parece deixar um sentido de vazio que quer retornar, mas só pode fazer o novo. Infelizmente, muitas fontes estão esquecidas em estúdios internacionais, e muito pouco se havia publicado e arquivado em Portugal até o aniversário de trinta anos da revolução. São fontes privilegiadas, algumas registradas durante o PREC, outras entrevistas posteriores de cineastas e fotógrafos que viajaram a Portugal para experimentar diferentes conceitos de arte progressista. A revolução em seus períodos de ascensão e queda é registrada, interpretada e provocada por todos esses filmes.

O Filme “As Armas e o Povo” é um documento riquíssimo, produzido no calor da hora pelo Sindicato dos Trabalhadores da Produção de Cinema e Televisão. Entrevistas, depoimentos e imagens são colhidas logo após o 25 de Abril de 1974, quando eclodiu a revolução. Todo o tipo de gente dá depoimentos: velhos, novos, soldados, crianças, operários, mulheres, pobres e estudantes universitários. O entrevistador é ninguém menos que o cineasta brasileiro Glauber Rocha exilado em Portugal durante o período.

O cineasta que revolucionou o *cinema novo* brasileiro vai a Portugal, entusiasmado com o movimento que eclodiu em 1974, e resolve colher depoimentos de diversas pessoas. As entrevistas mostram claramente a opinião e a experiência do povo português: não importava a classe social, a idade ou sexo, todos eram favoráveis à revolução e ao fim da guerra colonial (“independência imediata às colônias portuguesas na África”, diz um cartaz). A imensa maioria das falas era de apoio ao MFA e bem otimistas em relação ao futuro de Portugal (o narrador se diz almejando uma sociedade em que seja banida a exploração do homem pelo homem e que a partir daquele momento, o povo não mais acreditaria em salvadores da pátria).

Assim como Glauber Rocha, Rui Simões e sua equipe foram ao mesmo tempo espectadores e atores da Revolução dos Cravos. E produziram um filme no calor dos acontecimentos do processo revolucionário, Rui Simões filmava o que depois seria intitulado de “O Bom Povo Português”, lançado em 1981. Mostra, sem compromisso com a linearidade ou com a cronologia, todas as etapas da Revolução, do início do PREC ao quinto Governo provisório, liderado por Vasco Gonçalves, alternando imagens da luta no campo e na cidade, e, também, girando olhares para as lutas de independência nacional dos países colonizados por Portugal. Para além do momento de euforia com o advento da Revolução, o filme relata as dificuldades de organização dos trabalhadores mesmo depois do PREC. Alguns

denunciam a crescente violência da polícia, outros lembram que a exploração da maioria trabalhadora continua.

O PREC é a expressão de uma sociedade em conflito. A racionalidade impõe aplicações valorativas inevitáveis sobre os fatos. A história é um espetáculo em que a tortura, por vezes, é apresentada como justiça e a barbárie é aplicada como projeto civilizatório, contudo, cabe a nós proteger a justa posição com valores humanistas e argumentos científicos.

A construção do filme não segue uma linha clássico-narrativa tentando entender, cronologicamente, os acontecimentos do 25 de abril. Muitas vezes se move bruscamente do irônico – com músicas características, onde a montagem é mais dinâmica, ridicularizando alguns políticos – para o dramático, sem mediações – com imagens de câmera lenta e música sofrida, causando sentimento de identificação no espectador. “O Bom Povo Português” é um filme experimental. Da lentidão das imagens sem narração para a rapidez das cenas, com sons de tiros, ele pretende chocar. Não só por sua estrutura não convencional, mas também por seu conteúdo crítico tanto a Salazar quanto aos governos revolucionários.

O povo vai às ruas

Os protestos estudantis em Portugal tiveram mais força em 1969 com uma grande manifestação em Coimbra. Daí para frente, o governo só se desgasta, suas forças se esgotam na guerra colonial e a crise do petróleo repercute nos índices de inflação. O ano de 1974 tem como antecedentes de um lado a vitória vietnamita, do outro a derrota no Chile. Esse fato mostra o que os estudantes como segmento social se organizaram e puderam aprender e ensinar com as experiências da classe trabalhadora mundial: a mobilização e a resistência coletiva são fortes armas para a luta pela liberdade de um povo que sofreu por quarenta e oito anos com fascismo de Salazar e Marcelo Caetano.

O novo cenário da luta socialista depois de 68 para surpresa da maioria dos observadores, em 1974 um clássico putsch militar de jovens oficiais desiludidos e radicalizados pelas longas guerras coloniais de retaguarda derrubou o mais velho regime direitista então operando no mundo: a “Revolução dos Cravos em Portugal”. A aliança entre eles, um forte Partido Comunista emergindo da clandestinidade e vários grupos marxistas radicais, logo se dividiu e foi superada, para alívio da Comunidade Européia, a que Portugal se juntou pouco depois.²⁶

²⁶ HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos. O breve século XX 1914-1991*. 2ª edição. São Paulo. Companhia das Letras, 1994.

Para que o *putsch* da madrugada do 25 de abril desse certo o MFA ocupou todas as emissoras de rádio e TV do país. A cobertura dada pela RTP nas edições do jornal *Última Hora* no dia do golpe foram utilizadas como fontes primárias. A TV tornou-se um dos meios pelos quais se deu a relação entre o povo e o novo governo.

Acreditava-se que, devido ao fato, da escola ter estado, historicamente, afastada do mundo do trabalho sua contribuição na “formação de um potencial tecnológico que permita construir o socialismo” e a independência nacional pelos meios de comunicação de massas, em especial a rádio e a TV, além de outras instâncias educativas que têm se dedicado a este setor da população.²⁷

A derrubada do governo criou uma nova correlação de forças na sociedade. Os jornalistas da RTP fizeram questão de destacar que todos, na emissora, estavam de acordo com o golpe, e com a ocupação armada da televisão. O apoio das massas é uma das demonstrações de que o fuzil esteve ao lado do povo e que a revolução dos cravos foi uma vitória do consenso sobre a coerção. Os repórteres destacaram, também, o caráter cívico e ordenado da intervenção popular. O jornal *Última Hora* reportou a repercussão mundial da revolução dos Cravos na África e em todo o mundo, inclusive no Brasil. O futuro das relações internacionais portuguesas era uma incógnita que dependia do desenvolvimento da revolução.

O primeiro comunicado de Spínola (como líder do primeiro governo provisório) em companhia da Junta de Salvação Nacional mostrou o caráter heterogêneo do MFA. Em tom reacionário, o general promete ao povo apenas o bem estar social e pede a esse que aguarde a instauração democrática. Seu semblante é de homem preocupado com os rumos do país. O general se pôs à frente da revolução antes que a revolução lhe pusesse abaixo. Essa manobra, contudo, tinha um limite. Como típico defensor das classes proprietárias acreditava que manter o controle era impedir que este caísse nas mãos operárias.

O povo desacatou a ordem e encheu as ruas de Lisboa para aplaudir o exército. Estava farto do silêncio e da passividade, pedia o saneamento dos fascistas e comemorava o fim da guerra na África. O exército que outrora serviu para coagir a população converteu-se em ponta de lança da revolução. Seus interesses estavam intimamente ligados pelo desejo de derrubar o regime. Centenas de milhares se mobilizaram para a festa, pá! Esse novo ator (o povo) tornou-se rapidamente protagonista da história.

²⁷ TIRIBA, Lia. *Processo e Trabalho e Processo Educativo: Notas Sobre o “Período de Ouro” da Educação de Jovens e Adultos em Portugal*. In: CANÁRIO, Rui e RUMMERT, Sonia Maria. *Mundos do Trabalho e Aprendizagem*. Educa, Lisboa. 2009

Será que conseguimos imaginar os tanques passando em ruas vazias? Se não representasse a vontade popular, como conheceríamos o 25 de Abril? Como *Revolução dos Cravos* ou como *reação dos tanques*? A teimosia do povo que fez questão de ir às ruas foi um sinal de que os maiores interessados na ordem pública não trocam a sua ordem pela ordem dos senhores. Em resumo, era insustentável a manutenção da guerra nas colônias, tal guerra não tinha data nem estratégia para acabar. A crise percorria todo país, até mesmo as famílias de classe média viam seus filhos sendo alistados para guerrear em outro continente. O governo de Marcelo Caetano era frágil e representava o velho e obsoleto. Os anseios de emancipação popular ganhavam espaço em toda a sociedade, e, se a maior parte dos oficiais do exército insurgiram e declararam os esforços de guerra vãos, quem melhor que esses para protagonizar o ascenso do novo, do revolucionário? O MFA por sua vez representava o novo, ainda que um movimento em disputa, coesionava todas as forças contra a manutenção da guerra colonial.

Nos dias que se seguiram ao 25 de Abril, as ruas de Lisboa estavam lotadas. Já antes do golpe, os periódicos clandestinos convocavam a população para um 1º de Maio antifascista. Estima-se que um milhão de pessoas tenham participado dos protestos, um cartaz dizia: “A poesia está na rua”. A manifestação contou ainda com o retorno político dos dirigentes do Partido Comunista e do Partido Socialista, dentre outros intelectuais. Portugal era um novo país. Nas primeiras 30 horas de revolução, mais de 2000 funcionários da PIDE foram presos. Os presos políticos foram soltos, e os exilados puderam retornar em segurança.

Os trabalhadores, que se calaram por meio século, foram às ruas, unindo um milhão, no primeiro de Maio que se seguiu ao 25 de Abril, e, entre uma data e outra, Lisboa estava abarrotada. As massas se auto-mobilizaram ante o exemplo do MFA, porém a mobilização espontânea depende da organização para não esvaziar-se. A organização da prática é feita pela teoria num processo consciente de intervenção na realidade, depende de um conhecimento sistematizado. A motivação tem de ser consciente. A revolução é uma conjugação de mobilização e organização da classe. Essas duas forças se associam, e enquanto a primeira é impetuosa e explosiva, a segunda é disciplinada e permanente.

A grande mobilização das massas transformou-se em organização. A experiência dos trabalhadores até aqui mostrou que massas mobilizadas podem derrubar a velha ordem, todavia, apenas o povo organizado pode construir uma nova ordem. A mobilização dos trabalhadores pode evoluir para duas situações: 1) converter-se em uma maior organização, ou 2) dispersar, gerando a fragmentação dos trabalhadores e de seus interesses. Há uma

unidade entre mobilizar e organizar, assim como, há uma unidade em derrubar uma ideologia e construir outra. Não pode existir mobilização sem organização e vice-versa. Não se pode construir um governo da maioria sem se derrubar o governo da minoria.

Os dias que seguiram, provariam ainda, que a vontade dos trabalhadores é antagônica à vontade da burguesia. A sua potencialidade de classe é a emancipação humana, a realização filosófica, sem a qual, a democracia plena e participativa não pode existir. Uma pequena demonstração dessa força é sempre acompanhada de uma profunda transformação histórica. O enredo ficou mais emocionante, o cenário foi alterado e os papéis sociais e políticos foram redefinidos, as falas passaram a representar melhor os seus personagens. Só o povo executa as grandes transformações históricas. Fazer caminhar a história todos podemos e fazemos. Alterar seu rumo é uma ação conjunta de seus atores sociais.

Ao perceberem que “todos os seres humanos são atores”²⁸, o trabalhador toma consciência do papel exercido na cena, bem como dos diferentes interesses envolvidos na trama. A militância artística como o trabalho espiritual militante em geral, baseia-se na realidade em movimento, na unidade entre teoria e prática. A experiência dos filmes re-significou as ocupações de terras, criando novas proporções para debates e personagens envolvidos no processo. Para tornar-se popular não basta que o povo seja objeto do filme, é necessário que se democratize as diferentes técnicas utilizadas na produção cinematográfica (e isso depende da revolução radical) para que o filme seja objeto consciente do povo.

Reconstruir o país

Produzido pelos trabalhadores da produção de cinema e televisão, “As Armas e o Povo” não é apenas um documentário sobre a Revolução dos Cravos. É também a comprovação de trabalho comunal feito pelo conjunto dos trabalhadores. Mostra como é possível a associação entre a mobilização e a organização do povo, os trabalhadores experimentam o aprendizado em conjunto, e a construção da memória coletiva. Aqui, os próprios trabalhadores entrevistam outros trabalhadores, aprendem a ouvir seus companheiros, estabelecem relações de colaboração entre trabalhadores e não de exploração entre patrões e empregados.

Partimos do princípio de que “os conceitos são categorias engravidadas de história”, pois “até as categorias mais abstratas – precisamente por causa de sua natureza abstrata – apesar de sua validade para todas as épocas, são contudo, na determinidade desta abstração,

²⁸ Boal, Augusto. *Jogos para atores e não atores*

igualmente produto das condições históricas, e não possuem plena validade senão para estas condições e dentro dos limites destas” (Marx, 1978, p. 120). Nesse sentido, apreender as dimensões educativas da experiência dos trabalhadores durante processo revolucionário em curso - PREC requer historicizar, no contexto português, as categorias produção associada, autogestão, consciência de classe, cultura do trabalho e experiência de classe – categorias estas que, no horizonte da emancipação da classe trabalhadora, se relacionam e se articulam.

Na realidade, luta de classes é um conceito prévio assim como muito mais universal. Para expressá-la claramente as classes não existem como entidades separadas, que olham ao redor, encontram uma classe inimiga e começam logo a lutar. Pelo contrário, as pessoas (gentes) encontram-se em uma sociedade estruturada em modos determinados (...), experimentam a exploração (...), identificam pontos de interesse antagônico, começam a lutar por essas questões e no processo de luta se descobrem como classe, e chegam a conhecer este descobrimento como consciência de classe. A classe e a consciência de classe são sempre as últimas, não as primeiras, fases do processo real histórico. (Thompson, 1984, p. 37)²⁹

Coube à vanguarda (que durante a ditadura portuguesa, estava mergulhada na luta subterrânea ou exilada) incentivar o povo a capitanear os acontecimentos do 25 de Abril, ocupando, produzindo e reivindicando que o novo governo desse subsídio legal e militar a formação de comunas e a expropriação de capitalistas, o MFA dividiu-se como toda a sociedade em pólos antagônicos.

Por um lado, houve realmente, sobretudo em Itália e na Inglaterra, um crescimento impetuoso das lutas sociais, até 1974. Por outro lado, em 1973, toda a esquerda européia se define estrategicamente no espelho da tragédia chilena. Enquanto a ditadura franquista agonizava em Espanha, Portugal sofre em 1974-75 uma verdadeira crise revolucionária: o Verão de 1975 assiste ao surgimento nas fábricas, nos bairros, nos quartéis, em formas de dualidade de poder e, em Agosto, desfilam blindados nas ruas de Lisboa ao lado dos manifestantes.³⁰

A dificuldade e a complexidade de uma Revolução que se pretende popular é explícita em toda documentação analisada. De início, as dificuldades são óbvias: aprender a viver coletivamente, em todas as instâncias da vida, aprender a ouvir e a falar. Depois os problemas aparecem dentro da própria esquerda, as discussões são muitas e não dão conta de resolver as diferenças internas e construir uma intervenção coesa. Os trabalhadores são convidados a se posicionarem e a tomarem partido, com isso ampliam sua politização enquanto aprendem a viver e participar politicamente em um país que antes os explorava e agora era deles.

Foram criadas comissões de trabalhadores, moradores, soldados e marinheiros. Estudantes, pais e professores ocuparam escolas e

²⁹ THOMPSON, Edward P. *Tradicón, revuelta y consciéncia de clase*. Barcelona: Editorial Grijalbo, 1984.

³⁰ BENSÁID, Daniel. *Trotskyismos*. Edições Combate, Lisboa. 2008

universidades, exigindo a desfascistização do ensino. No que tange ao movimento operário, as principais lutas se davam contra as demissões em massa, contra o abandono e o encerramento das fabricas, pela fuga ou pelo saneamento dos fascistas... Os trabalhadores deflagraram centenas de greves e ocupavam as instalações das empresas (...)Entre março e agosto de 1975, com a hegemonia do Partido Comunista Português (PCP) no governo provisório, 150 empresas haviam sido nacionalizadas; em julho de 1976, esse número chegou a 245.³¹

Entretanto, da mesma forma que o processo revolucionário permitiu que a classe trabalhadora se apoderasse de artes e conhecimentos, antes concentrados nas camadas abastadas, legitimou a difusão de conceitos, valores e experiências produzidos no seio da classe trabalhadora e do processo revolucionário em curso. Por isso, não se aprende sobre uma revolução só lendo documentos de cúpula e chefes de estado. Procuramos, antes, meditar sobre as diferentes manifestações artísticas e literárias da época. Enfim, ampliar o universo documental para captar o estado espiritual do período analisado. *Setubal Ville Rouge* é um documentário organizado por franceses interessados em divulgar o processo revolucionário português. O filme penetra nas comissões de trabalhadores, moradores e soldados, investigando o processo real de organização do poder popular e da democracia participativa.

Durante o processo revolucionário em curso – PREC (1974-75), as comissões de trabalhadores, comissões de moradores, comissões de soldados e marinheiros, organizações de base de estudantes e professores e outros segmentos dos movimentos populares, atuaram, simultânea e articuladamente, no sentido de administrar a vida no campo e na cidade, construindo um novo sentido para o trabalho e para as relações sociais mais amplas (Sweeze, 1976).

A península de Setúbal transformou-se na vila vermelha. O trabalhador que durante o fascismo foi proibido de falar em social-democracia, agora poderia inclusive superá-la. O filme mostrou o desenvolvimento da luta de classes em Portugal: o cenário produzido em Setúbal era antagônico a qualquer estado capitalista. Os moradores forjaram uma democracia direta a partir da eleição de delegados em cada condomínio que elegeu a comissão de moradores. Uma fábrica de relógios e uma outra, de carros, francesa, foram ocupadas pelo controle operário, durante o PREC. Como o governo português posicionou-se?

³¹ TIRIBA, Lia. *Processo e Trabalho e Processo Educativo: Notas Sobre o “Período de Ouro” da Educação de Jovens e Adultos em Portugal*. In: CANÁRIO, Rui e RUMMERT, Sonia Maria. *Mundos do Trabalho e Aprendizagem*. Educa, Lisboa. 2009

A formação de comunas é um divisor de águas, é embrião da sociedade de livres produtores e da nova democracia. A comuna representa um passo organizativo no poder dos trabalhadores. As organizações de trabalhadores, (como sindicatos, cooperativas e associações) antes da revolução, têm o papel de representar os trabalhadores no diálogo entre o governo e os patrões para mediar as relações de classe (no caso português, até esse diálogo foi proibido e as organizações de trabalhadores tinham que ser clandestinas, porque em Portugal havia uma ditadura). As comunas, no entanto, cumpriam um papel distinto, o de conchamar o poder popular, que é entendido como uma declaração de guerra, pelos empresários e capitalistas.

O Estado capitalista, em qualquer de seus formatos ou modelo político, oprime os trabalhadores, numa aparente tentativa de conciliação entre as classes, a fim de garantir os interesses da burguesia. Com a revolução, o governo provisório tentou imprimir uma outra lógica para o estado português, incentivando as comunas e a formação de cooperativas, associações e assembleias do povo. A divisão do governo provisório, em dois grandes blocos, com interesses antagônicos, não tardou a acontecer.

Os diferentes trabalhadores entrevistados, falam das contradições reais da organização do poder popular e de uma sociedade radicalmente democrática. Um dos desafios encontrados é a questão de gênero, ou seja, da igualdade entre homens e mulheres. Apesar de não pretendermos desenvolver esse tema nessa monografia, ressaltamos que quando a democracia popular ocupou moradias, organizou creches comunitárias e difundiu um ideal de sociedade livre. Tinha como horizonte melhorar a vida das mulheres, que sem sombra de dúvidas, melhoraria a vida de toda a sociedade. Mesmo com tais melhorias, a desigualdade patente entre os sexos manteve-se. É fato que a conquista de direitos fomentou a luta por mais direitos.

As conquistas econômicas dos trabalhadores, como casa para os necessitados e creche para os mais pobres, não incomodaram tanto o capitalismo, como as conquistas políticas. A nova estrutura de poder e consciência que a motivou foi uma declaração de independência, de indiferença em relação à classe dos proprietários. Esses sim! Ao combater os trabalhadores e trabalhadoras organizados, demonstrou sua relação de dependência dos trabalhadores. Se nos ativermos bem à questão, perceberemos que essa relação de classes são indissociavelmente políticas, econômicas, culturais e sociais.

No dia 15 de abril, como resultado da consolidação do núcleo progressista que esteve junto com Vasco Gonçalves, à frente do IV Governo Provisório (26 de março à 8 de agosto de 1975), lançou-se o Decreto-Lei que propôs o desenvolvimento geral do socialismo português. O objetivo geral contido no corpo do documento de abril propõe:

- a) Garantir a independência nacional no arranque para um socialismo verdadeiramente português, evitando situações extremas de crise económica que nos coloquem em reforçadas e delicadas dependências externas;
- b) Identificar a dinâmica da classe trabalhadora com um projecto de construção de socialismo.³²

A análise das dimensões educativas dos movimentos populares requer a reconstrução histórica da totalidade social do espaço/tempo em que os sujeitos coletivos estão imersos. Atravessado por questões económicas, políticas, sociais, culturais e educacionais, o espaço/tempo a que nos referimos tem como pano de fundo o embate entre as práticas fundadas nas relações capitalistas de produção e as práticas dos trabalhadores no cotidiano da fábrica e nos demais espaços de produção da vida social (ocupação de terras, escolas, quartéis, moradia, etc.). Nesse sentido, entendemos que a compreensão da realidade, como síntese de múltiplas determinações e unidade do diverso, requer a eleição de categorias de análise como mediação, particularidade e singularidades (Ciavatta, 2007).

Ao mostrar imagens das comemorações da Revolução dos Cravos e seus antecedentes, o jornal a Última Hora, exibido pela RTP³³, exibiu, também, as assembleias abarrotadas de trabalhadores nas ruas de Lisboa e entrevistas com trabalhadores agrícolas, contando sobre sua exploração pelo fascismo nas terras alentejanas.

Como tentamos demonstrar aqui, A revolução dos Cravos foi um período de ascensão (qualitativo e quantitativo) popular, com formação de comunas e o desenvolvimento do trabalho associado. Nos próximos capítulos faremos uma análise do processo educativo desenvolvido dentro e fora dos muros escolares, como iniciativa do governo revolucionário ou como iniciativa autônoma dos próprios trabalhadores. Também faremos uma investigação sobre o processo de reforma agrária e analisaremos que saberes os trabalhadores produziram durante a ocupação das terras. Os próximos capítulos terão essa ordem respectivamente. Nesse sentido, preferimos não aprofundar ou apresentar fontes sobre esses temas ao longo desse primeiro capítulo.

BIBLIOGRAFIA:

³² Decreto-Lei N.º203-C/75 de 15 de Abril de 1975

³³ Compilados no documentário *Portugal 74 – 75*.

- ALMEIDA, Sónia Vespeira de (2009). *Camponeses, Cultura e Revolução. Campanhas de Dinamização Cultural e Acção Cívica do MFA (1974-1975)*. Lisboa: IELT-Colibri.
- ALTHUSSER, Louis. *Cartas sobre a Revolução Portuguesa*. Lisboa: Seara Nova, 1976
- ARQUIVOS DE MEMÓRIA. Portugal 1974-1976. Processo Revolucionário em Curso. *Revista de Estudos de Etnologia Portuguesa*, n. 12/13 (2002). Número temático.
- BERNANDO, João. Autonomia dos trabalhadores, Estado e mercado. In RODRIGUES, Francisco Martins. *O futuro era agora. O movimento popular e o 25 de Abril*. Lisboa: Editora Dinamo, 1994, p. 207-213
- BERNARDO, João (2003). *Labirintos do fascismo: na encruzilhada da ordem e da revolta*. 2015
- _____. *Um dia, um mês, um ano: para onde vai o 25 de Abril?* Lisboa: Contra-a-Corrente, 1975.
- BARRETO, José. Empresas industriais geridas pelos trabalhadores. In *Revista de Análise Social*, n. 51, julho/agosto/setembro, 1977.
- BASE FUT. *Pelo socialismo autogestionário*. Lisboa: Edições Base, 1979.
- BRINCA, Pedro e BAÍA, Etelvina. *Memórias da Revolução no distrito de Setúbal, 25 anos depois – vol 1.e 2): Setúbal na rede*, 2001
- BRUNO, Lúcia. Portugal: O “Combate” pela autonomia operária. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1983 (Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais).
- CAMPINOS, Jorge. *A Ditadura Militar (1926-1933)*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1975
- CAUTELA, Afonso (1976). “Descolonização cultural – inovação pedagógica. Educação permanente e Poder Popular, condições para uma democracia em bom estado”, *O Século*, 24 de fevereiro de 1976, 7.
- COLLOTTI, Enzo. *Fascismo, fascismos*, Lisboa, Editorial Caminho, 1992; *O fascismo em Portugal*. Actas do Colóquio realizado na Faculdade de Letras de Lisboa em Março de 1980, Lisboa, A Regra do Jogo, 1982
- CORREIA, Pedro Pezarat. *Descolonização de Angola. A jóia da coroa do Império Português*. Mem Martins: Inquérito, 1991.
- CORREIA, Ramiro, MARUJO, João e SOLDADO, Pedro. *MFA. Dinamização cultural e ação cívica*. Amadora: Ulmeiro, s/d.
- CUNHAL, Álvaro. *A revolução portuguesa. O passado e o futuro*. Lisboa; Editorial Avante, 1994 (2ª edição).
- FERREIRA, José M. *Portugal em transe (1974-1985)*. Vol. 8 da História de Portugal (dir. José Mattoso, Lisboa: Círculo de Leitores.
- FERREIRA, Vitor Matias. *Movimentos sociais urbanos e intervenção política*. Porto, Afrontamento, 1976
- GOMES, Adelino e CASTANHEIRA, José Pedro. *Os dias loucos do PREC (Do 11 de março ao 25 de novembro de 1975)*. Lisboa: Expresso; Público, 2006
- JORNAL O COMBATE, Edições de junho de 1974 a fevereiro de 1978
- LEITÃO, L. et al. *Movimento urbanos e comissões de moradores*. Lisboa: Contra-a-Corrente, 1976
- MACCIOCCI, Maria-Antonieta(dir.). *Eléments pour une analyse du fascisme*, 2 volumes, Paris, Union Générale d' Edition, 1976.
- MELO, João de. *Guerra Colonial, Fotobiografia*. Lisboa: Círculo de Leitores/Publicações Dom Quixote, 1990.
- MURAIAS DE ABRIL 1974. Biblioteca Museu e Resistência, s/d
- OLIVEIRA, D. e VIEIRA, M. *O poder popular em Portugal*. Coimbra: Centelha, 1977.

OLIVEIRA, Luisa Tiago de. *Estudantes e povo na revolução. O Serviço Cívico Estudantil (1974-1977)*. Oiras: Celta, 2004

OLIVEIRA, Maria Luísa Brandão Tiago de (2000). O Serviço Cívico estudantil (1974-1977). *Estudantes e Povo numa conjuntura revolucionária*. Lisboa: ISCT

PATRIARCA, Fátima. Práticas de acção operária e formas organizativas na Lisnave. In *Análise Social*, vol XIII (51), 1977 – 3º, p. 619-680

_____. Operários portugueses na Revolução: a manifestação dos operários da Lisnave de 12 de setembro de 1974. In: *Análise social*. Lisboa: ISCVL, vol. 14, n. 56, 1978, p.695-727.

_____. DOCUMENTOS. Controlo operário em Portugal - 1 / compil. Maria de Fátima Patriarca, Marinús Pires de Lima e João David Miranda. In: *Análise Social*, n. 47d, 1976:

_____. Controlo operário em Portugal - 2 / compil. Maria de Fátima Patriarca, Marinús Pires de Lima e João David Miranda. In *Análise Social*, vol. 12 (48), 1976 – 4º, 789-804 (LISNAVE, SETENAVE, SOREFAME, CERVEJA)

PIRES, José. *Greves e o 25 de Abril*. Lisboa: Base FUT,

PIMENTA, C. *Como fazer o controlo da produção*. Lisboa: Seara Nova, 1977.

PIMENTA, Fernando Tavares. “A ideologia do Estado Novo, a guerra colonial e a descolonização em África”. In: NUNES, João Paulo Avelãs; FREIRE, Américo. *17 Historiografias portuguesa e brasileira no século XX. Olhares cruzados*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra / Coimbra University Press, 2013.

PINTO, António Costa (1989). O salazarismo e o fascismo europeu. In: ROSAS, Fernando; BRITO, J. M. Brandão de. *Salazar e o salazarismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

PINTO, António Costa - O salazarismo e o fascismo europeu: problemas de interpretação nas Ciências Sociais. Lisboa: Estampa, 1992.

PROJETO DE DECRETO-LEI do V governo sobre o controle operário. In *Economia e socialismo*. Amadora: Livraria Bertrand, 8 de novembro de 1976, p. 45-48.

RIBEIRO, Gonçalves. *A vertigem da descolonização. Da agonia do êxodo à cidadania plena*. Lisboa: Inquérito, 2002.

RIBEIRO, Margarida Calafate. “Memórias coloniais imperfeitas”. *Jornal Público*, caderno Cultura, 20 de Janeiro de 2015. Disponível em: <http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/memorias-imperfeitas-1682657>.

ROSAS, Fernando; BRITO, J. M. Brandão de (1989). *Salazar e o salazarismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

SANCHES, Manuela Ribeiro. (Org.). *Malhas que os impérios tecem. Textos anticoloniais, contextos pós-coloniais*. Lisboa: Edições 70, 2011.

SANTOS, António de Almeida. *Quase Memórias*. Vol. 1: Do colonialismo e da descolonização. Vol. 2: Da descolonização de cada território em particular. Lisboa: Casa das Letras/Notícias, 2006.

SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos. *Análise Social*, vol, 1. n. 42/43, 1975.

SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos, .; LIMA, Marinús Pires de e FERREIRA, Vitor Matias. e. *O 25 de Abril e lutas sociais nas empresas* (3 volumes)

SANTOS, Hipólito dos. A redinamização da Associação dos Inquilinos Lisbonenses (1966/79). In *A IDEIA Revista Libertária*, nº65 Outubro 2008 – pgs. 16 -24

TEODORO, António. *Revolução e utopia. Um programa de acção no campo educativo para uma sociedade a caminho socialismo*. In *Revista Lusófona de Educação*, n. 10, 2007, p. 141-154

TILHOU, Nadejda. *La mémoire de la révolution dès oeillets: les cas Sogantal*. Doutoramento em Antropologia, co-orientação com Elianne de Latour, Paris, École des Hautes Études em Sciences Sociales e FCH/Universidade Nova de Lisboa.

TIRIBA, Lia. *Processo de Trabalho e Processo Educativo...* In CANÁRIO, Rui e RUMERT, Sonia Maria. *Mundos do Trabalho e Aprendizado*. Educa Portugal 2009

TIRIBA, Lia. *Cultura do trabalho, produção associada e produção de saberes*. 2006

TIRIBA, Lia. *Saberes do trabalho associado: Cenários da autogestão no “processo revolucionário em curso”*

Capítulo II: Pressupostos para construção de uma práxis da pedagogia popular

A Revolução dos Cravos foi a última revolução do século XX e como em todo processo revolucionário e educativo, ocorre uma revisão teórica, seja ratificando ou problematizando uma determinada tese. Nesse sentido resgataremos as lições de Antônio Gramsci, Lenin, Marx, Thompson, Paulo Freire e outros intelectuais que nos ajudaram a entender o conceito de práxis e o processo educativo nas relações sociais estabelecidas entre trabalhadores. Freire afirma que “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”³⁴ Que lições históricas podemos tomar da Revolução dos Cravos e seus processos educativos?

A análise das dimensões educativas dos movimentos populares durante o PREC requer a reconstrução histórica da totalidade social do espaço/tempo em que os sujeitos coletivos estão imersos. Atravessado por questões econômicas, políticas, sociais, culturais e educacionais, o espaço/tempo a que nos referimos tem como pano de fundo o embate entre as práticas fundadas nas relações capitalistas de produção e as práticas dos trabalhadores no cotidiano dos espaços de produção da vida social (ocupação de terras, escolas, quartéis, moradia, etc.). Nesse sentido, entendemos que a compreensão da realidade, como síntese de múltiplas determinações e unidade do diverso, requer a eleição de categorias de análise como mediação, particularidade e singularidades (Ciavatta, 2007).

Durante o PREC o espectro do cooperativismo e do trabalho associado rondou fazendas, fábricas, bairros populares, círculos intelectuais e de artistas; as diferentes formas do trabalho autônomo e coletivo manifestaram-se em comissões de fábrica, movimentos populares, cooperativas de produção, etc.

Foram criadas comissões de trabalhadores, moradores, soldados e marinheiros. Estudantes, pais e professores ocuparam escolas e universidades, exigindo a desfascistização do ensino. No que tange ao movimento operário, as principais lutas se davam contra as demissões em massa, contra o abandono e o encerramento das fabricas, pela fuga ou pelo saneamento dos fascistas... Os trabalhadores deflagraram

³⁴ FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia

centenas de greves e ocupavam as instalações das empresas (...) Entre março e agosto de 1975, com a hegemonia do Partido Comunista Português (PCP) no governo provisório, 150 empresas haviam sido nacionalizadas; em julho de 1976, esse número chegou a 245.³⁵

Os documentos evidenciam que os espaços/tempos não formais de aprendizagem das técnicas de trabalho constituem-se como espaços/tempos de aprendizagem (e de construção) de determinadas relações sociais de produção. Para os trabalhadores que não têm acesso ao saber científico-tecnológico produzido e sistematizado ao longo da história, a estrutura da divisão do trabalho e a democracia interna da cooperativa ou da Unidade Coletiva de Produção (UCP) são o que permitem, em maior ou menor grau, a ampliação de saberes para além daqueles que correspondem a uma atividade específica. Na luta política, os trabalhadores apreendem as contradições e desafios da cultura do trabalho e da sociedade que pretendem construir (Tiriba, 2009).

O trabalho associado é no capitalismo uma forma de produção marginal. No interior de um determinado modo de produção, convivem outros modos de produção contraditórios. O trabalho escravo, de um lado, e o trabalho associado de outro, são exemplos de sistemas marginais que convivem com o capitalismo. O desenvolvimento do trabalho associado é manifestação econômica da práxis revolucionária consciente.

Dentro de um determinado modo de produção hegemônico comungam outros modos de produção, são embriões de uma *nova* ou *velha* sociedade. Além de modos de produção, se germinam, também, ideias e ideologias, que por meio da formação de *intelectuais orgânicos* se irradiam, socialmente, para construir uma *nova hegemonia*. Esses ideais podem ser de reforma, no sentido revolucionário do termo, ou no sentido oposto, de uma *contrarreforma*. Mesmo que o *Estado* seja dirigido (por exemplo) por uma direita liberal, de capital financeiro e industrial, um grupo ainda mais reacionário se organiza ao encontrar novos intelectuais, e fecunda seu projeto político em instituições da sociedade civil, como círculos, clubes, jornais, sítios eletrônicos etc. “(...) *todos são formas organizativas que se referem às formas de produção econômica (infraestrutura) e política (Estado), ainda que sua atuação seja basicamente cultural*(...)”³⁶

A premissa marxiana do trabalho, como elemento de formação humana e lócus de aquisição e produção de saberes, nos permite afirmar que o movimento de ocupação de terras

³⁵ Idem

³⁶ MENDONÇA, Sonia Regina de. Sociedade Civil em Gramsci: Venturas e Desventuras de um conceito. Pag.3.

subsequente ao 25 de Abril, apresenta-se como um campo fértil para análise das relações entre trabalho e educação, e, sobretudo, para apreensão de fundamentos e propostas de educação integral da classe trabalhadora, a partir de sua experiência como classe explorada, e como organizadora e dirigente do processo produtivo. “*Não basta saber ler que Eva viu a uva. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho.*”³⁷

Os interesses dos camponeses, portanto, já não estão mais, como ao tempo de Napoleão, em consonância, mas sim em oposição com os interesses da burguesia, do capital. Por isso os camponeses encontram seu aliado e dirigente natural no proletariado urbano, cuja tarefa é derrubar o regime burguês. (p.280)³⁸

Trabalho associado é o termo utilizado por Marx para definir a associação de trabalhadores em um determinado modo de produção sem patrões. O trabalho associado (no interior das cooperativas), por representar uma mudança qualitativa na experiência dos trabalhadores, é determinante no processo de formação da classe trabalhadora e de sua consciência social. Os mecanismos de alienação inclusos na superestrutura e na infraestrutura são diretamente atacados e combatidos por toda e qualquer forma de trabalho comunal. Com a formação da classe, o trabalhador percebe que o mundo não é só a “*terrinha*”. A revolução conjuga teoria e prática num momento em que os argumentos não são mais suficientes para superar a contradição social candente. “*A consciência é, pois, logo, desde o começo, um produto social, e continuará a sê-lo enquanto existirem homens.*”³⁹

Durante o Processo Revolucionário em Curso – PREC (1974-75), as comissões de trabalhadores, comissões de moradores, comissões de soldados e marinheiros, organizações de base de estudantes e professores e outros segmentos dos movimentos populares, atuaram, simultânea e articuladamente, no sentido de administrar a vida no campo e na cidade, construindo um novo sentido para o trabalho e para as relações sociais mais amplas (Sweeze, 1976).

A formação de comunas é um divisor de águas, é embrião da sociedade de livres produtores e da nova democracia. A comuna representa um passo organizativo no poder dos trabalhadores. As organizações de trabalhadores, (como sindicatos, cooperativas e associações) antes da revolução, têm o papel de representar os trabalhadores no diálogo entre o governo e os patrões para mediar as relações de classe (no caso português, até esse diálogo

³⁷ FREIRE, Paulo. Educação na cidade, 1991.

³⁸ MARX, Karl. *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*

³⁹ MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. 1981

foi proibido e as organizações de trabalhadores tinham que ser clandestinas, porque em Portugal havia uma ditadura). As comunas efetivadas após o 25 de abril de 1974, no entanto, cumpriam um papel distinto, o de conclamar o poder popular, que é entendido como uma declaração de guerra, pelos empresários e capitalistas.

Sem dúvida, podemos dizer que existe uma grande quantidade de saberes produzidos no trabalho associativo e na vida cotidiana da classe trabalhadora – saberes estes que precisam ser explicitados e legitimados pelos próprios trabalhadores associados. Difundir criticamente verdades já descobertas pressupõe mobilizar os saberes, articulá-los, sistematizá-los, buscando fora da fábrica, outros saberes sobre o mundo do trabalho – saberes estes que têm sido negados aos trabalhadores.⁴⁰

É possível que algum leitor questione a importância dessa atmosfera revolucionária para o desenvolvimento científico, que ainda argumente que a única teoria que se desenvolve durante a revolução é a revolucionária, que revolução é sinônimo de barbárie e que em nada contribui para a espécie humana. Destacamos, contudo, que, toda a nova teoria é revolucionária, ela transforma o pensamento de um determinado campo social e aproxima o sujeito do conhecimento da verdade. Uma nova descoberta, inevitavelmente, deixa algumas hipóteses anteriores obsoletas.

Ao estudar os saberes do trabalho associados a um determinado *lócus* de produção, sob uma perspectiva científica que se enquadre nos critérios acadêmicos atuais, nos propomos a diminuir as segregações culturais, sociais, econômicas que impedem a democracia, numa aliança entre o conhecimento formal e a experiência dos trabalhadores. (E. P. THOMPSON)

Nesse mesmo caminho estão os trabalhos de Thompson que trabalha as categorias *experiência* e *educação formal*, quando este afirma que a educação formal tem muito o que aprender com a experiência dos trabalhadores; e Gaston Bachelard que em seu trabalho sobre o espírito científico afirma que o sujeito do conhecimento caminha sobre uma corda bamba entre o conhecimento empírico e o conhecimento formal, sob o risco de ser ora um formalista ora um empirista. Recordamos aqui o historiador Thompson e o físico-químico Bachelard para fortalecer as teses do educador Paulo Freire quando este nos avisa que “A teoria sem a prática vira 'verbalismo', assim como a prática sem teoria, vira ativismo. No

⁴⁰ TIRIBA, Lia. *Cultura do trabalho, produção associada e produção de saberes*. 2006

entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade.⁴¹

O aprendizado, como iniciação em habilitações dos adultos, não se restringe à sua expressão formal na manufatura, mas também serve como mecanismo de transmissão entre gerações. A criança faz seu aprendizado das tarefas caseiras primeiro junto à mãe ou avó, mais tarde (freqüentemente) na condição de empregado doméstico ou agrícola. No que diz respeito aos mistérios da criação dos filhos, a jovem mãe cumpre seu aprendizado junto às matronas da comunidade. O mesmo acontece com os ofícios que não tem um aprendizado formal.⁴²

Entendemos a história como uma ciência em movimento e sempre inédita, por isso, sem repetições. Os aprendizados coletivos e libertadores que essa ciência nos traz flertam com o campo da educação e da filosofia. A categoria *saberes do trabalho associado* (TIRIBA), por sua vez, possibilita o estudo dos valores sociais produzidos no interior das comunas e cooperativas, investigando como os interesses antagônicos confrontaram-se e que novos valores de classe são produzidos durante o processo revolucionário.

Atribuímos um sentido positivo para a ciência, ela contribui para a experiência humana, no entanto, essa produção científica precisa encontrar materialidade social para ter uma maior efetividade. E, isso é o que uma revolução mais revela: existem interesses e valores antagônicos na sociedade de classes. O poder popular, mesmo reduzido a uma experiência local, é um conceito filosófico, em outras palavras, é um conhecimento formal que, caso tenha êxito em sua realização empírica, tende a melhorar a vida humana na esfera terrestre.

Em primeiro lugar, é possível perceber que, assim como na fábrica capitalista, à medida que os integrantes dos empreendimentos populares aprendem os conhecimentos técnicos para produção, apreendem também os valores e comportamentos que são necessários para o estabelecimento de determinadas relações sociais de produção. Nesse sentido, é preciso investigar as condições objetivas e subjetivas do processo de produção e socialização do saber no interior dessas organizações econômicas, tendo em conta as experiências de vida que cada um dos trabalhadores carrega para dentro da unidade econômica. E aí seria interessante perceber como é que cada um desses trabalhadores se relaciona com esses saberes, bem como as “relações de saber” que vão se estabelecendo no processo de produção.⁴³

Marx demonstrou que a contradição fundamental da sociedade é o caráter social da produção e o caráter privado da propriedade. A produção espiritual (o trabalho do

⁴¹ FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. São Paulo: Paz e Terra, 1989.p.67

⁴² THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*, cap.1 *Costumes e cultura*. Pag.17

⁴³ TIRIBA, Lia. *Cultura do trabalho, produção associada e produção de saberes*. 2006.

cientista) é também social, pois depende do conhecimento prévio, adquirido por gerações anteriores e de mercadorias produzidas pelos trabalhadores braçais (Thompson), que satisfazem o aparelho biológico desses espíritos científicos. Esse conhecimento produzido socialmente torna-se privado e elitizado. “*A divisão do trabalho só se torna realmente divisão no momento em que surge uma divisão do trabalho material e espiritual*”.⁴⁴ São inúmeros os mecanismos de alienação(estraneamento) contemporâneos. Tanto o conhecimento quanto os bens que ele gera acabam por servir à manutenção dos privilégios de classe. O conhecimento ofertado às massas é escasso e fragmentado.

...encontramos naturalmente inúmeros exemplos cada vez mais surpreendentes em nosso tempo em que a máquina mais complicada é governada simplesmente, com um conjunto de conceitos empíricos racionalmente mal concebidos e mal articulados, mas reunidos de forma pragmaticamente segura. A um tal conceito simples e positivo, a utilização simples e positiva de um instrumento (mesmo que seja teoricamente complicado) corresponde a um pensamento empírico, sólido, claro positivo e imóvel.⁴⁵

O pensamento do trabalhador antes da revolução é realista, contudo, estático: obedecer ao patrão e ao governo capitalista é a forma pragmaticamente segura de manter-se vivo e empregado. A revolução rompe a inércia mental e estimula o pensamento dinâmico de um realismo crítico e dialético. É a aplicação de conceitos racionais a uma realidade em movimento.

Não precisamos ir longe para perceber que por trás de toda máquina existe um “filósofo” que aperta o botão. Por trás de todo fuzil há um “filósofo” que decide a hora de atirar ou não. Deste modo, Gramsci enfatiza a construção de uma classe hegemônica moral, intelectual e, portanto, cultural. No mais, Gramsci também observa o papel das *massas* sociais e dos *partidos políticos*. Não abordaremos neste capítulo as diferenças entre os conceitos de *massas* ou *classes*, mas destacamos que Gramsci vivenciou o avanço do fascismo e tratou com muita propriedade do papel *educativo* e *didático* dos *círculos culturais*.

Gramsci em seus cadernos do cárcere discute sobre educação e a formação de intelectuais, e inicia sua reflexão com o pressuposto de que todos os seres humanos são filósofos por mais simples que seja o arcabouço teórico de um indivíduo e por mais braçal que seja sua atividade, essa sempre demanda de uma filosofia, ele(esse indivíduo) sempre se depara com a necessidade de escolhas para manter sua sobrevivência. E mesmo a escolha de sobreviver e não de morrer baseia-se numa filosofia. A filosofia imposta a maioria é a de

⁴⁴ MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. 1981

⁴⁵ BACHELARD, Gaston. *A Filosofia do Não*. In: Os Pensadores. Abril Cultural, São Paulo. 1984.

colocar sua mão de obra à venda no mercado de trabalho em troca (quando a precarização do trabalho o permite) de um salário, ou um meio de subsistência.

Dessa atmosfera, desenvolve-se a técnica ou o aperfeiçoamento do trabalhador na esfera produtiva e solidifica-se a princípio sem estímulos mais abstratos uma forma de pensar que no geral é também massiva e da maioria da população. Gramsci se depara, portanto, com o modo de pensar da maioria, e a esse apanhado de ideias Gramsci denomina de *senso comum*. É desse ponto que partirá a formação de quadros e o desenvolvimento de um pensamento social crítico, que se solidificará até um pensamento revolucionário que instrumentalize o trabalhador a apoderar-se dos meios de produção e do aparelho do estado transformando esse estado em um estado dirigido pelos trabalhadores.

O *socialismo científico* pressupõe que a extinção do Estado só é possível com o fim da *luta de classes*. Então, percebemos que a extinção do Estado é, em si, o fim das opressões de classes e o término de todas as instituições (inclusive o Estado - ampliado ou restrito) necessárias para manutenção de tais relações como o papel moeda, por exemplo, ou as fronteiras que dividem as nacionalidades. Se o *mercado* controla a sociedade, significa que suas leis estão em vigor. É uma falácia dizer que o *mercado* pretende acabar com o Estado. O Estado, como aparelho de opressão de uma classe sobre a outra, termina no mesmo momento em que terminam as *classes* e a *luta de classes*, em outras palavras, no momento em que se realiza a emancipação humana e a *sociedade de livres produtores*.

Para os marxistas é a burguesia e o capital quem dirigem um estado capitalista. A solução para Marx não é uma ditadura de nenhum tipo, ao contrário, é exatamente a radicalização da democracia e da participação política que pode nos conduzir ao socialismo.

A tarefa sugerida por Gramsci no trabalho educativo e político é, portanto, partir do *senso comum* para construir um pensamento mais sólido sobre os pontos mais assertivos os quais ele denomina de *bom senso* para só a partir daí derrubar as ideias reacionárias, que devem ser descartadas na construção do saber científico. Gramsci, portanto, não faz um elogio do senso comum, esse é apenas o ponto de partida da qual parte os trabalhadores médios. Desse processo de avaliação de nível de consciência, ou seja, saber de que estado de consciência partem os trabalhadores, Gramsci propõe que se o destaque do *núcleo sadio* do *senso comum* ao qual denominou de *bom senso*. E por fim aprofundar o bom senso a fim de construir os “porquês” e “pra quês” se pensa ou se aja de um determinado modo.

A ideia é quebrar ou ao menos conscientizar os modos operantes, o fazer sem pensar da vida cotidiana repetitiva ou ritualística. Refletir sobre as atitudes e comportamentos aos

quais o trabalhador a tempos vinha repetindo sem questionar, mudar suas relações com os modos de produção e reprodução da vida social.

Não se trata de idolatrar o senso comum, mas sim atentar ao momento histórico em que massas humanas redescobrem a sua existência ao apoderar-se dos meios de produção e de um projeto político. A revolução propicia um descortinar do mundo. Se o povo não tivesse do que reclamar a passividade seria sinônimo de razão, contudo, o que vemos é o capitalismo em contradição com a própria existência humana.

Como tentamos demonstrar, todo indivíduo (consciente ou não) coloca-se em favor (de modo mais ou menos ativo) de um desses movimentos antagônicos (capital e trabalho). E qualquer tese que negue a existência desses dois movimentos, em outras palavras, que negue a luta de classes, só pode partir da alienação e escorar-se no idealismo, negando, ora o caráter social da produção, ora as necessidades biológicas do ser social.

O termo *democracia*, por sua vez, é um termo caro ao marxismo. Nos parece que filosoficamente, e isso se expressa nos escritos marxianos, a *democracia* (o *comunismo*) só é possível com a extinção das classes sociais e do Estado. Dessa noção deriva o conceito de *ditadura do proletariado*, um estágio de transição (*socialismo*), onde o estado é controlado pelos trabalhadores, entre a *ditadura burguesa* e a *sociedade de livres produtores* (*democracia*). A história, porém, nos forçou a conhecer uma instância da *ditadura burguesa* ainda mais ditatorial. Por mais redundante que possa parecer, fomos obrigados a interpretar um regime democrático burguês (o que filosoficamente é também paradoxal) e um regime ditatorial burguês.

Pretendemos aplicar conceitos e categorias científicas para a análise dos processos históricos, não negamos que almejamos desenvolver um olhar humanista sobre os fatos, até porque, somos seres humanos e carregamos suas qualidades e defeitos. Se a humanidade, em seu conjunto, chegou à conclusão de que o fascismo foi uma prática política equivocada, não queremos que tal erro se repita e apontamos tal sistema como um modelo desumano. Se, do mesmo modo, ao analisar o texto, o leitor for sensível às necessidades humanas dos trabalhadores e perceba que o capitalismo também é desumano, ou ainda que o fascismo é a sua face mais sincera desse sistema, compreendemos que a infraestrutura econômica do capitalismo nos traz esse apontamento.

A produção da vida (...) surge agora imediatamente como uma dupla relação: por um lado como relação natural, por outro como relação social-no sentido que aqui se entende a cooperação seja em que circunstâncias for e não importa de que modo e com que fim. Daqui resulta que um determinado modo da cooperação é ele próprio uma <<força produtiva>>; e que a quantidade das forças produtivas acessíveis aos homens condiciona o estado

*da sociedade, e portanto a <<historia da humanidade>> tem de ser sempre estudada e tratada em conexão com a história da indústria e da troca.*⁴⁶

Lenin faz um estudo minucioso do que configura como uma situação revolucionária, e percebe que no processo de tomada do Estado há (salvo possíveis exceções) um momento de *dualidade de poder*. Na Rússia, por exemplo, havia um poder emanado pelos soviets e outro pela дума. Qual deles deveria prevalecer? O conceito de *hegemonia* em Gramsci é fundamental para evitar qualquer tipo de superficialidade acerca dessa discussão.

O estado capitalista, em qualquer de seus formatos ou modelo político, oprime os trabalhadores, numa aparente tentativa de conciliação entre as classes sociais, a fim de garantir os interesses da burguesia. Com a revolução, o governo provisório tentou imprimir uma outra lógica para o estado português, incentivando as comunas e a formação de cooperativas, associações e assembleias do povo. A divisão do governo provisório, em dois grandes blocos, com interesses antagônicos, não tardou a acontecer.

Gramsci considera Lenin como o “*O maior teórico moderno da filosofia da práxis*”⁴⁷. Lenin entende o *materialismo dialético* como *um guia de ação*. Para este autor, uma teoria científica é algo que se confirma na experimentação prática da realidade. Gramsci, para evitar maiores problemas com a ditadura fascista italiana, utiliza o brilhante termo *filosofia da práxis*, sugerindo, assim, uma unidade indissociável entre teoria e prática na construção do conhecimento. Gramsci, em sua análise, amplia o conceito de Estado e de intelectuais, conceitos intimamente ligados à formação de uma ideologia e construção de uma hegemonia de classe.

A respeito de cultura proletária, Lênin definiu toda a cultura (inclusive a erudita) e tecnologia (por mais moderna que seja) como cultura proletária, na medida em que são frutos do trabalho social de toda a história humana, logo, os méritos dos avanços tecnológicos não devem ser dados à burguesia nem compreendidos como propriedade da classe dominante, tais paradigmas não podem representar nada mais, senão os ideais dominantes. Essa tese leninista reflete sobre o tema da ideologia de classes e sobre o processo de transição entre o socialismo e o comunismo, que não conseguiremos abordar neste trabalho.

Admitimos que, de alguma maneira, somos co-autores desses saberes e dessas práticas? Ora, o saber popular não existe de uma forma autônoma,

⁴⁶ MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. 1981

⁴⁷ GRAMSCI. Antônio. *A Concepção Dialética da História*. Civilização Brasileira 1981

*mas, como qualquer outro saber, vai se construindo em diversas redes de convivências (...)*⁴⁸

“A existência de ideias revolucionárias numa época determinada pressupõe a existência de uma classe revolucionária”⁴⁹. Esse potencial revolucionário nem sempre é utilizado, e nunca atingiu o seu auge, pondo fim à luta de classe. É precisamente no chão de fábrica e dos bairros mais pobres, que percebemos os diferentes níveis qualitativos da consciência e da experiência de classe, em outras palavras, o grau de acirramento das lutas de classe.

De onde surge a alienação? Surge do interior da classe dos possuidores, e a partir deles, da infra-estrutura e da superestrutura por eles controlada, e, é disseminada na sociedade. O trabalhador acaba aceitando, naturalizando e reproduzindo alienação, pela qual se difundem as ideias dominantes de conciliação de classes. Em nossa compreensão da teoria marxista o comunismo é o próprio movimento contra o capital, portanto, o comunismo é o nome da força social que combate a classe que controla o estado capitalista. Este movimento deve reproduzir-se em métodos e caminhos que realizem o que há de mais positivo no conhecimento universal.

O pensamento Marxiano deixa claro que a luta de classes não foi inventada, ela foi percebida a partir de um olhar crítico da sociedade, e essa “descoberta” científica só foi possível a partir do desenvolvimento dos meios de produção capitalistas. Só essa conjugação de luta social, desenvolvimento das forças produtivas e crítica da economia política, possibilitou transformar um espectro de rebeldia das multidões em um manifesto crítico da sociedade capitalista, de cunho classista e emancipatório.

E de onde surgem as ideias comunistas? Tanto da classe revolucionária, quanto de qualquer olhar atento às condições objetivas dessa (luta de) classe. Para Lenin, a luta de classes é sempre uma luta política. A filosofia da práxis emerge da observação da realidade e da participação consciente e orgânica em prol da revolução radical. “O intelectual orgânico deve estar diretamente relacionado com a vida prática, deve ser um ‘persuasor permanente’.”⁵⁰

⁴⁸ TIRIBA, Lia. *Cultura do trabalho, produção associada e produção de saberes*. 2006

⁴⁹ MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. 1981

⁵⁰ MARINHO, Pedro Eduardo Mesquita de Monteiro. O Centauro Imperial e o “Partido” dos Engenheiros: a contribuição das concepções gramscianas para a noção de Estado Ampliado no Brasil Império. In: MENDONÇA, Sonia Regina de (org.). *Estado e Historiografia no Brasil*. Niterói: Ed. UFF, 2006, p. 63.

O conceito de intelectual em Gramsci merece que destaquemos ao menos três categorias-chaves: 1) a de *intelectual*(filósofo) *amplo*, ao qual todo ser humano em maior ou menor grau é em potencial; 2) o conceito de *intelectual tradicional*, ao qual o desenvolvimento científico acabou por formar especialistas, como, médicos, matemáticos, técnicos, mecânicos, etc; 3) e por fim, o conceito de *intelectual orgânico* ao qual estabelece um vínculo organizado em função das classes(ou frações de classe) em conflito na sociedade.

A respeito do conceito de *intelectual*(mais) *amplo* (1), Gramsci entende como critério para defini-lo, o da capacidade de discernimento (comparar e relacionar) e o de aprendizado inerente ao ser humano, desenvolvido em maior ou menor grau. Destacamos também a capacidade de mudar de pensamento e posicionamento, mesmo quando portadores do *senso comum* são capazes de selecionar o *bom senso* (*núcleo sadio do senso comum*), e então encontrar uma reflexão classista, aprimorar as opiniões a fim de formar e defender pontos de vista rumo a um conhecimento científico, mais denso, e qualificado.

Entendemos o conceito de *intelectual tradicional* (2), como sendo a formação de especialistas, fundamental para o desenvolvimento das forças produtivas. Esses *intelectuais* são fundamentais para o funcionamento e desenvolvimento das sociedades (inclusive a socialista). Esses têm a capacidade de parar (ou movimentar) a produção. Portanto, os partidos buscam convencê-los e, em nível mais profundo, envolvê-los ou, até mesmo, comprometê-los com a luta política de maneira orgânica.

Por fim, o *intelectual orgânico* é a principal ferramenta da transformação social e histórica, e essa capacidade se dá no desenvolvimento da *filosofia da práxis*. A aliança entre a ação prática vinculada a luta de classes (motor da história) e um estudo teórico prático do acúmulo da experiência social, desde a formação do *Estado* e da divisão social do trabalho até os dias atuais. O Manifesto Comunista escrito por Marx e Engels introduz e funda uma escola política do socialismo científico. Ao percorrermos os critérios para definição de um *intelectual* (sentido amplo) *orgânico* (sentido restrito), reconhecemos dois caminhos concomitantes, o do intelectual (no sentido restrito) que se vincula aos *partidos* (sentido amplo) de *classe* ou *militante* que busca uma constante intelectualização. Como tentamos demonstrar, essas fronteiras não existem e a utilizamos apenas como um recurso didático para entender como indivíduos de origens sociais distintas, percorrendo caminhos diferentes, podem cumprir uma função social similar na luta de classes, seja em favor da classe dominante ou da classe explorada.

“Uma visão clara do conjunto da história econômica de um determinado período nunca é possível no próprio momento; não se pode alcançá-la senão mais tarde,

depois de se terem reunido e selecionado os matérias(...)”⁵¹ e conhecendo os fatos decorrentes. Do mesmo modo, o historiador se propõe a aproximar-se do passado, edificando uma totalidade lúcida e uma interpretação precisa. Não nos cabe olhar o passado (por mais recente que seja, ou maior sejam os números de sobreviventes) com os olhos dele. Heráclito já sabia que não podia banhar-se duas vezes nas águas do mesmo rio, pois, não só ele, como as águas, transformam-se.

Ao mostrar imagens das comemorações da Revolução dos Cravos e seus antecedentes, o jornal a Última Hora, exibido pela RTP⁵², exibiu, também, as assembleias abarrotadas de trabalhadores nas ruas de Lisboa e entrevistas com trabalhadores agrícolas, contando sobre sua exploração pelo fascismo nas terras alentejanas.

Em 1970, segundo o censo do Instituto Nacional de Estatística - INE, para uma população de 8,6 milhões de portugueses, 30% não sabia ler nem escrever, apenas 28% possuía instrução primária completa, 1% possuía ensino secundário completo e 0,6% o ensino superior.⁵³

Durante o PREC, emissoras de rádio e televisão foram ocupadas pelo governo revolucionário. O antigo FNAT (órgão de propaganda fascista) foi convertido no Programa de Dinamização Cultural Portuguesa. Surgiram inúmeras cooperativas de teatro, cinema e iniciativas de educação popular. Além disso, várias equipes de cinema internacional foram formadas para registrar o processo revolucionário. A revolução ocorreu em toda a produção artística e literária.

Esta vontade de consciencializar politicamente o país passou muito pela consolidação de estruturas (as chamadas unidades de produção dependentes do Instituto Português de Cinema ou as novas cooperativas) que asseguraram a produção intensiva de documentários sobre várias temáticas, desde a cobertura de acontecimentos políticos, ações revolucionárias até programas de índole didáctica que ensinariam a população novos hábitos, por exemplo, de alimentação e higiene.⁵⁴

O cinema militante português foi uma manifestação do trabalho associado no campo artístico. A democratização da arte começou com um grupo de artistas que buscou retratar o povo e permitir que esse se enxergasse no vídeo, transformando a vivência em experiência percebida e sistematizada (E. P. Thompson). É o momento em que a arte popular é uma meta. Afinal de contas, os populares ainda são sujeitos da observação artistas, os

⁵¹ ENGELS, Friedrich. *As lutas de classe na França (1848-1850)*, de Karl Marx. In: ENGELS, Friedrich. *Política*. Organizado por: NETTO, José Paulo. editora ática, São Paulo, 1981.

⁵² Compilados no documentário *Portugal 74 – 75*.

⁵³ TIRIBA, Lia. *Processo de Trabalho e Processo Educativo...* In CANÁRIO, Rui e RUMERT, Sonia Maria. *Mundos do Trabalho e Aprendizado* pag.163

⁵⁴ COSTA, José Filipe. *A revolução de 74 pela imagem: entre o cinema e a televisão. Princípios para compreensão do cruzamento dos dispositivos televisivo e cinematográfico entre 1974 e 1976*.

dirigentes das câmeras, e dos filmes ainda são uma vanguarda, contudo colocar, populares como objeto de análise retratando os interesses dos mesmos foi uma revolução na produção artística. A arte popular é para nós quando os trabalhadores dominam toda a esfera de produção de um determinado projeto. As ocupações de terra são o cenário ideal para a gravação de filmes militantes.

O palácio ainda não tinha sido ocupado e a crença numa intervenção da polícia, injustificada mas real, tinha impelido, sobretudo as mulheres da assembleia que se seguiu, a tomar as primeiras medidas de auto-repressão. É a partir desse processo que o instrumento de trabalho em que nós nos tínhamos tornado para eles, interveio no debate e que levou, por vezes, à alteração da natureza do respectivo, que sugeriu acções... de alguma maneira tínhamo-nos transformado em argumentistas, evidentemente não ao escrevermos ou predeterminarmos as cenas, mas ao deslocarmos a escrita para a acção. Foi neste processo que existiu manipulação, pelo menos subjacentemente, e que o curso da pequena história mudou, por vezes de forma fundamental.⁵⁵

Numa entrevista posterior à realização do filme e à prisão dos ocupantes da Torre Bela, Thomas Harlan revela o aprendizado coletivo da contraditória ocupação, tanto dos cineastas quanto dos ocupantes. A passagem ilustra as contradições vividas na filmagem e realização da comuna. Os proprietários utilizavam a colossal extensão de terra como fazenda de caça e para passar os finais de semana. O mais interessante é que as imagens filmadas eram também exibidas dentro da ocupação.

Não queríamos intervir como antes, nas casernas, com todas as nossas referências históricas, chaves nas mãos: com uma câmara que devia produzir exactamente o que esperávamos dela. (...) O primeiro salto qualitativo residia no facto de que tínhamos perdido o nosso ponto de vista: o ponto tinha-se disseminado numa junção de linhas de forças tais que a câmara começava a deslocar-se ao acaso. Perdeu toda a segurança: ignorava tudo do seu lugar, da sua função. A nossa não-intervenção transformou-se, desde o início, em intervenção: a câmara desorientada ligava-se instintivamente às personagens mais evidentes, mais à vista, aos chefes que ela ajudou a criar(...)⁵⁶

Percebe-se a preocupação de uma narrativa documentária propositiva, e não dogmática dos fatos, apresentando elementos contraditórios e algumas dificuldades na organização desse lócus embrionário de produção coletiva. Em meio aos acontecimentos, a câmara registra a vivência daqueles trabalhadores rurais transformando-a em experiência. Novos sujeitos foram forjados durante o processo de organização da comuna. Para nós, o filme não só sintetiza aquele passado, como disputa o futuro da existência humana.

⁵⁵ HARLAN, Thomas. Entrevista realizada por: BRANCO, Paulo, DANEY, Serge e GIRAUD, Thérèse

⁵⁶ HARLAN, Thomas. Entrevista realizada por: BRANCO, Paulo, DANEY, Serge e GIRAUD, Thérèse

O novo momento histórico proporcionou a formação de grupos que registraram o Processo Revolucionário em Curso e as transformações no cenário português. Dentre as transformações ocorridas e registradas em filmes e documentários, destacamos a reforma agrária e a criação das cooperativas agrícolas como marca da revolução portuguesa.

Além das cooperativas de cinema os novos embriões do poder popular percebem que para florescerem e frutificarem dependem do fomento e até mesmo relações orgânicas com outros lócus de desenvolvimento da luta social, mais ou menos avançados.

Torna-se claro que a verdadeira riqueza espiritual depende completamente da riqueza de suas relações reais. Só deste modo os diferentes indivíduos são libertados das várias barreiras nacionais e locais, colocados em relação prática com a produção (também com a espiritual) de todo o mundo.⁵⁷

Tomas Harlan, em uma entrevista, conta como surgiu o embrião do projeto do filme Torre bela:

Por essa altura Jacques d'Arthuys, conselheiro cultural de Valparaíso, acabava de ser nomeado para o Porto. Ele sugeriu-nos tentar, na sequência do trabalho, fazer uma análise do caso, aparentemente único, do exército colonial português, vencido e reconvertido em qualquer coisa como um embrião do exército popular.⁵⁸

Internacionalismo representa uma etapa do processo de emancipação da consciência. Se o capitalismo é global a luta contra esse também deve se fundar em bases internacionalistas. No próximo capítulo perceberemos como esse conceito aparece no interior das unidades coletivas de produção agrária. Como solução de contradições patentes da organização da produção e da luta dos trabalhadores contra o avanço da exploração capitalista. No primeiro capítulo abordamos a influência internacional na luta de descolonização africana e do estopim da Revolução dos Cravos. Nesse segundo capítulo perceberemos como a luta internacional dos trabalhadores levou para o território português cineastas e intelectuais de todo mundo que pretendiam registrar a revolução dos cravos e empoderar a classe trabalhadora. E no terceiro capítulo perceberemos como a experiência empírica dos trabalhadores, em luta contra o capital desenvolveu, o internacionalismo como processo teórico consciencial e como necessidade de ações práticas relativas a escoamento da produção, troca de maquinário e de saberes.

A solidariedade dos trabalhadores foi manifestada, como mostra a vasta documentação, através de agitação política do período. Todos os grupos de esquerda valorizavam o internacionalismo, primeiro, por toda a experiência histórica internacional,

⁵⁷ MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. 1981

⁵⁸ HARLAN, Thomas. *Entrevista* realizada por: BRANCO, Paulo, DANEY, Serge e GIRAUD, Thérèse

segundo, pela certeza de que a revolução não poderia triunfar sem romper as fronteiras portuguesas.

Por esses dois aspectos principais, o internacionalismo operário se mostrou vivo em todo movimento comunista e/ou libertário. Na medida em que a exploração capitalista é global, a resistência também deve ser. O internacionalismo, contudo, não é apenas o sentimento de unidade entre as nações, manifesta-se em ações concretas. Em Portugal, eram comuns os comícios e campanhas de solidariedade internacional.

À solidariedade interna soma-se a solidariedade internacional. As cooperativas da URSS e da Bulgária socialista ofereceram valiosos parques de máquinas, no valor de muitas milhares de dezenas de contos. Da RDA e de outros países socialistas chegou também auxílio em material. Trabalhadores da RFA e de outros países capitalistas, associados muitas vezes a imigrantes portugueses prestaram também sua solidariedade. (Álvaro Cunhal)⁵⁹

Todo esse convívio internacional não é possível sem teoria, organização, articulação, luta política, etc.

É interessante observar que quanto mais densas as redes de solidariedade, quanto mais os trabalhadores estendem as suas relações para além da própria unidade econômica, maior a possibilidade de ampliação dos saberes sobre o mundo!⁶⁰

O Programa de Acção do Ministério de Educação e Investigação Científica - MEIC, anunciava o propósito da revolução no campo da educação, atribuindo à escola a expansão da cultura e do saber. A palavra de ordem da campanha de educação de adultos foi “*a luta dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores*” (Marx). A Direção Geral de Educação Permanente - DGEP entendia que a educação de adultos seria “*obra dos próprios adultos*”, constituindo-se no cotidiano de trabalho de produzir a vida associativamente. A experiência portuguesa nos permite inferir sobre projetos de educação integral da classe trabalhadora, projetos estes coadunados com projetos societários emancipatórios. (Tiriba, 2009)

Esse momento histórico pode ser entendido como o “período de ouro” da educação de jovens e adultos em Portugal no que diz respeito às aprendizagens proporcionadas pelo processo de ocupação de terras, casas, escolas, quartéis e fábricas durante o processo revolucionário em curso - PREC (1974-1975).⁶¹

⁵⁹ CUNHAL, Álvaro. *A revolução Portuguesa. O passado e o Futuro*. Cap.6: *A reforma agrária*.p.143

⁶⁰ TIRIBA, Lia. *Cultura do trabalho, produção associada e produção de saberes*. 2006

⁶¹ TIRIBA, Lia. *Processo e Trabalho e Processo Educativo: Notas Sobre o “Período de Ouro” da Educação de Jovens e Adultos em Portugal*. In: CANÁRIO, Rui e RUMMERT, Sonia Maria. *Mundos do Trabalho e Aprendizagem*. Educa, Lisboa. 2009

A dificuldade e a complexidade de uma Revolução que se pretende popular é explícita. De início, as dificuldades são óbvias: aprender a viver coletivamente, em todas as instâncias da vida, aprender a ouvir e a falar. Depois os problemas aparecem dentro da própria esquerda, as discussões são muitas e não dão conta de resolver as diferenças internas e construir uma intervenção coesa. Os trabalhadores são convidados a se posicionarem e a tomarem partido, com isso ampliam sua politização enquanto aprendem a viver e participar politicamente em um país que antes os explorava e agora era deles. “A educação qualquer que seja ela, é sempre uma teoria do conhecimento posta em prática.”⁶²

Bibliografia:

- ALMEIDA, José Solano. BORGA, Cesário. COSTA, Isabel Silva. FURTADO, Joaquim. *Portugal 74-75*. Documentário. Produção RTP 1994
- BACHELARD, Gaston. *A Filosofia do Não*. In: Os Pensadores. Abril Cultural, São Paulo. 1984.
- COSTA, José Filipe. *A revolução de 74 pela imagem: entre o cinema e a televisão. Princípios para compreensão do cruzamento dos dispositivos televisivo e cinematográfico entre 1974 e 1976*.
- CUNHAL, Álvaro. *A revolução Portuguesa. O passado e o Futuro*. Cap.6: *A reforma agrária*.
- ENGELS, Friedrich. *As lutas de classe na França (1848-1850), de Karl Marx*. In: ENGELS, Friedrich. *Política*. Organizado por: NETTO, José Paulo. editora ática, São Paulo, 1981.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 1989
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*
- GRAMSCI, Antônio. *A Concepção Dialética da História. Civilização Brasileira* 1981
- HARLAN, Thomas. *Entrevista realizada por: BRANCO, Paulo, DANNEY, Serge e GIRAUD, Thérèse*
- MARINHO, Pedro Eduardo Mesquita de Monteiro. *O Centauro Imperial e o “Partido” dos Engenheiros: a contribuição das concepções gramscianas para a noção de Estado Ampliado no Brasil Império*. In: MENDONÇA, Sonia Regina de (org.). *Estado e Historiografia no Brasil*. Niterói: Ed. UFF, 2006
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. 1981
- MENDONÇA, Sonia Regina de. *Sociedade Civil em Gramsci: Venturas e Desventuras de um conceito*.
- THOMPSON, E. P. *Costumes em comum, cap.1 Costumes e cultura*.
- TIRIBA, Lia. *Cultura do trabalho, produção associada e produção de saberes*. 2006
- TIRIBA, Lia. *Processo e Trabalho e Processo Educativo: Notas Sobre o “Período de Ouro” da Educação de Jovens e Adultos em Portugal*. In: CANÁRIO, Rui e RUMMERT, Sonia Maria. *Mundos do Trabalho e Aprendizagem*. Educa, Lisboa. 2009

⁶² FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983

Capítulo III: Trabalho, lazer e produção de saberes nas Unidades Coletivas de Produção e Cooperativas Agrárias.

O trabalho associado no campo se manifestou em forma de cooperativa agrícola, e da palavra de ordem: “terra a quem nela trabalha”. Na frente rural, o PCP dividiu espaço com outras organizações políticas e com líderes independentes, em meio a uma massa muito maior de trabalhadores, pouco escolarizados e sem muita experiência política, que parecia não entender bem a divergência entre as organizações políticas e a potencialidade de classe à qual tinha nas mãos. Essa parcela do povo era quem poderia definir, e radicalizar ainda mais, os rumos da Revolução dos Cravos.

À reforma agrária, Srs. Deputados, terá imediatamente estas incidências: melhorar o nível de vida da massa camponesa, produzir mais para que nós importemos menos é para que tenhamos mais também, terminar com o desemprego crônico no Alentejo e onde o latifúndio predomina. Ajudar a situação dos pequenos e médios produtores e proprietários agrários dentro do País, reduzir e até eliminar a necessidade da emigração.⁶³

As grandes propriedades agrárias em Portugal eram, para os intelectuais críticos, a causa do subdesenvolvimento econômico português, visto que além de concentrarem a riqueza e o maior lucro de seus proprietários serem oriundos da especulação dessas terras, nestes muitos poucos seres humanos eram contratados para trabalhar. Essa elite agrária comandava o país por muitas gerações. A única esperança para o trabalhador de mudar suas condições de vida era emigrar para outro país. O estudo da questão agrária demonstrava para esses estudiosos que a grande propriedade da terra era sinônimo de miséria e subdesenvolvimento.

Isto aconteceu no nosso país, acontece e tem acontecido em todos os países. Não há nenhum país onde a grande propriedade agrária latifundiária predominou que fosse desenvolvido. Era atrasada a Rússia dos tsares, eram atrasados os países balcânicos, antes da revolução socialista. Era atrasada a Polônia, são atrasados os países do Próximo Oriente onde predomina a grande propriedade agrária de raiz feudal, é atrasado o Sul da Itália, a Espanha, Portugal, o Brasil, todos os países onde predomina a grande propriedade agrária latifundiária.⁶⁴

Parte da região agrária de Portugal, contudo, era composta de pequenas e médias propriedades, mas os interesses desses também não eram atendidos por Salazar nem Marcelo

⁶³ MIGUEL, Antônio Gervásio e Francisco. *intervenção na Assembleia Constituinte, em 15 e 18 de Julho de 1975* Edições «Avante!». 1975

⁶⁴ MIGUEL, Antônio Gervásio e Francisco. *intervenção na Assembleia Constituinte, em 15 e 18 de Julho de 1975* Edições «Avante!». 1975

Caetano. O governo era sustentado politicamente pelos grandes proprietários e pela exploração das colônias. Os impostos e taxaões mais significantes recaíam sobre os pequenos proprietários e pequenos e médios produtores que não podiam se dar ao luxo de manter terras improdutivas e lucrar com a especulação fundiária.

À existência do latifúndio entrava o desenvolvimento e atira para cima dos pequenos e médios produtores e pequenos proprietários a carga tributária e todas as desvantagens que, para favorecer os interesses dos latifundiários, assim é determinado pelos governos. O nosso país, concretamente, sempre orientou a sua política, em relação à agricultura, de acordo com os interesses dos grandes latifundiários e com desvantagem e em prejuízo dos pequenos e médios produtores. Por isso a reforma agrária é fundamental nas regiões do nosso país onde predomina a grande propriedade...⁶⁵

A emigração dos camponeses portugueses teve início na intenção de aumentar o padrão de vida, mas, com o anúncio das guerras nas colônias, o objetivo da emigração deixou de ser apenas melhorar de vida e passou a ser a de não ser recrutado para talvez morrer no continente africano. Sobrevivência é, portanto, o melhor conceito para descrever o movimento migratório da região agrária de Portugal.

Antigamente a emigração era para o Brasil. Nos anos 30, 40 e até 50. Depois mais tarde veio a emigração para França. À guerra em África fez o maior surto. Rapazes que fugiam à guerra eram autênticos dramas. Muitos fugiam a salto. Rapazes da freguesia de Barcouço foram presos em Vilar Formoso. Houve até um caso muito falado aqui no lugar. Um grupo de rapazes foi preso em Vigo, depois de atravessar o Rio Minho de barco. Iam como membros duma equipa de futebol embarcar em Vigo de avião. Um funcionário desconfiou, telefonou para Lisboa para a Federação de Futebol e ainda os mandou deter. Chegaram a casa passado um mês. Mais tarde foram doutro modo. Ficaram cá as mulheres e meia dúzia de homens. A juventude não quer isto.⁶⁶

O estudo da reforma agrária e dos saberes de se produzir associativamente se justifica pelo grau qualitativo e quantitativo que tal projeto adquiriu. Um dos documentos utilizados em nossa pesquisa foi o registro da Conferência da Reforma Agrária que mobilizou principalmente as Unidades Coletivas de Produção (UCPs) onde o Partido Comunista Português (PCP) tinha influência. No breve trecho que segue são apresentados alguns números relativos à proporção que a organização política das UCPs.

A Conferência da Reforma Agrária realizou-se cerca de um ano e meio após o atranque para a ocupação e expropriação dos latifúndios. Hoje, numa área de 1140800 hectares, florescem 450 UNIDADES COLETIVAS DE PRODUÇÃO

⁶⁵ MIGUEL, António Gervásio e Francisco. *Intervenção na Assembleia Constituinte, em 15 e 18 de Julho de 1975* Edições «Avante!». 1975

⁶⁶ SALVADOR, José A. *Camponeses de Barcouço << Não vamos morrer agarrado às enxadas >>, ou de como se dá conta do nascimento e vida da Cooperativa de Produção Agro-Pecuária de Barcouço (Medalha)*. Centelha. Coimbra 1977.

onde já não existe a exploração do homem pelo homem. Nelas trabalham 93557 homens, mulheres e jovens⁶⁷

Até Abril de 1974, foi patente o baixo desenvolvimento agrícola. A participação da produção rural no PIB caiu de 24% para 15%, entre 1960 e 1973. Os preços dos produtos alimentícios aumentaram e a agricultura se demonstrou incapaz de alimentar o mercado interno, mostrando-se o setor mais precário da economia portuguesa durante a crise de 1973. A estrutura da terra no Alentejo girava em torno do latifúndio. Como a dominação de classe no campo português pautava-se na coerção física, da precariedade do trabalho, das incertezas dos trabalhadores assalariados e da utilização de trabalhadores quinzenais, optamos pela utilização do conceito de “latifundismo”. A manutenção da posse da terra não era garantida pela produtividade, mas, ao contrário, era a grande extensão improdutiva de terra para especulação e a manutenção do desemprego no campo que garantiam o monopólio da região.

Camponeses, vocês têm sido aqueles que menos apoio têm recebido dos vários governos. Assim já no tempo de Salazar e Caetano, os impostos que pagavam pelas terras eram tantos e tão altos que a exploração das terras não dava para pagá-los. Quantas vezes vocês ficavam doentes e tinham medo de ir ao médico só porque eles depois de uns minutos de «consulta», vos levavam o dinheirito que vos custava tanto trabalho... E quando acontecia irem para o Hospital? Quantos foram aqueles que sofreram, só para tirarem os seus filhos da miséria, pondo-os a estudar?⁶⁸

O filme *Lei da Terra* (Alberto Seixas e Solveig Nordlund), em que um narrador e uma narradora tratam de apresentar a história do país antes de 1974, aborda o processo de reforma agrária no Alentejo, reportando imagens históricas e depoimentos dos trabalhadores que estavam vivendo o processo revolucionário. Os diretores dão importância ao processo de ocupação que se iniciou antes da reforma agrária. Alguns depoimentos colhidos são emocionantes, mostrando que, assim como os trabalhadores fazem o processo revolucionário, este também forma os trabalhadores.

Outro documento utilizado foi o manifesto “Política da Ocupação Torre Bela”. Nele é passado também um ponto de referência para destacar e valorizar as conquistas e as

⁶⁷ _____ *Conferência da Reforma Agrária: Évora 30/31 outubro de 1976 para consolidar e avançar. CONCLUSÕES.* 1976 pag.2

⁶⁸ SALVADOR, José A. *Camponeses de Barcouço << Não vamos morrer agarrado às enxadas>>, ou de como se dá conta do nascimento e vida da Cooperativa de Produção Agro-Pecuária de Barcouço (Medalha).* Centelha. Coimbra 1977

necessidades da reforma agrária como um projeto do desenvolvimento econômico de Portugal e da consciência de classes de todos os trabalhadores.

Pela manhã, os trabalhadores dirigiam-se para o largo da aldeia em busca de emprego. Aí eram escolhidos os mais jovens e fortes, pelos capatazes. Os velhos e fracos eram desprezados... Já pouco rendiam... Os abutres tinham comido a sua carne. Para estes, a miséria, as esmolas e a vagabundagem era o seu único fim.⁶⁹

Um depoimento do filme “Lei de Terras”, em especial, nos chama a atenção para como esse trabalhador enxerga sua experiência de vida associada ao processo coletivo de experiência de classe: um deles afirma que, mesmo analfabeto, sabe da exploração que sofreu até aquele momento. Que foi roubado, desde pequeno, pois trabalhava desde os sete anos. Ele diz: *“nos tempos em que andava na escola... até nisto fui roubado. Tinha que ajudar a meus pais, por isso deixei de ir à escola. Sou analfabeto, infelizmente, mas sei da exploração que tive”*. O filme mostra também as dificuldades cotidianas para a manutenção da Revolução.

A justificativa acerca da expropriação da terra passava muito pela noção política de que o tempo e as riquezas oriundas do trabalho haviam sido roubados durante anos pelos grandes proprietários e patrões. Outra noção política era de que a correlação de forças só se manteve por tanto tempo com os patrões graças a coerção promovida pelos proprietários, pela Guarda Nacional e pela PIDE

Os salários eram miseráveis. Sofriam alterações diárias, ou semanais... Tudo dependia da procura de mão de obra. Ainda hoje se pratica ali a comercialização do homem.

Era a esta exploração que os trabalhadores se viam obrigados a ceder, pois, nas suas toscas casas, sem o mínimo de condições de vida, havia bocas a alimentar... As mulheres sofriam dupla exploração. Devido aos salários irrisórios dos maridos eram obrigadas a trabalhar também para os patrões. Ao fim de um dia de trabalho no campo, a exploração e o trabalho continuavam em casa. O seu ópio era a igreja. Aí procuravam consolo e refúgio, mas não encontravam o pão e o fim à sua miséria.

Para os homens, o refúgio era o álcool. Nele, esvaziavam os seus silêncios, uns, outros, mais conscientes desta exploração, calavam a voz interior que os incitava à revolta, pois lá estavam os bufos da PIDE, a guarda nacional republicana e os patrões que lhes tampavam a boca com ameaças e represálias que muitas vezes se chegavam a concretizar.⁷⁰

Tratamos do moral, no primeiro capítulo dessa dissertação, quando abordamos o moral das tropas portuguesas guerreando com as guerrilhas africanas. Nesse momento cabe-nos trazer esse conceito para entender como esses camponeses e suas famílias encaravam a

⁶⁹ _____ *Cooperativa Agrária Popular da Torre Bela: Torre Bela dum Tapada Real... a uma Cooperativa Agrícola Popular ou o fim do Feudalismo em Portugal*. Abril de 1975 pag.13

⁷⁰ _____ *Cooperativa Agrária Popular da Torre Bela: Torre Bela dum Tapada Real... a uma Cooperativa Agrícola Popular ou o fim do Feudalismo em Portugal*. Abril de 1975

exploração do trabalho, os baixos salários, a falta de direitos e assistência médica, a repressão e a ditadura, entre outras questões. A história mostrava para esses seres humanos que parar de trabalhar ou tornar-se proprietário não era uma possibilidade diária. Restava, portanto, resgatar ou projetar a experiência do trabalho comunal.

Para o trabalhador rural, a perda dos direitos comunais e dos resquícios de democracia nas aldeias; para o artesão, a perda de seu status; para o tecelão, a perda do seu meio de vida e da sua independência; para a criança, o fim do trabalho e do lazer domésticos; para os diversos grupos de trabalhadores cujos salários reais aumentaram, a perda da segurança e do tempo livre, ao lado da deterioração das condições ambientais urbanas. (Thompson)⁷¹

A passagem acima, retirada de Thompson, mostra a importância da intervenção democrática e do processo individual de sentir-se seguro e livre, permitido pela coletividade e pelo trabalho em sociedade, onde mesmo os artistas e artesãos têm uma produção social.

Noutro tempo tentou-se aqui fazer uma adega cooperativa em Barcouço. O governo de Salazar tinha um plano de adegas cooperativas para todo o país. Barcouço estava previsto, mas o Grémio de Coimbra puxou para Souselas. Para abrir uma cooperativa eram precisas três mil pipas, segundo esse tal decreto. Um grupo de lavradores reuniu-se e decidiu fazer um abaixo assinado. Mandámos a petição para Lisboa para abrir a adega aqui. Não fomos a outras terras: já tínhamos quatro mil e tal pipas só em Barcouço. Mas veio logo um decreto que só autorizava a abertura de adegas com seis mil pipas.(...) Com a exigência das seis mil pipas boicotaram a nossa adega. O projecto foi posto de lado, tanto mais que apareceu a guerra de Angola. Depois, ou se ficava com o vinho em casa, ou se ia para Souselas. À maioria entrega-o lá. Só recebemos passados dois anos, mas o preço é garantido. Agora na Mealhada apareceu a Sogrape a comprar uvas para fazer vinho rosé. Alguns sócios de Souselas foram lá. Eles pagam mais que a cooperativa, mas é só para fazer concorrência. Se estoirassem com a cooperativa baixavam o preço.⁷²

A Revolução dos Cravos trouxe a reforma agrária. A reforma agrária trouxe a organização do trabalho comunal no campo, o trabalho associado possibilitou a vinícola e muitos outros bens coletivos para os trabalhadores, questões que abordaremos ao longo deste capítulo. A mudança de consciência e da correlação de forças serão abordadas aqui, assim como as ações propostas por esses novos trabalhadores.

O vinho é que dá mais volume de trabalho e mais volume de dinheiro. Antigamente, no tempo de Salazar, a Junta Nacional dos Vinhos cobrava imposto sobre todo o vinho. Até sobre o que bebíamos. O vinho era muito barato na altura. Foi uma época de crise vinícola. Muitos homens emigraram: havia débitos, dificuldades. O dinheiro do vinho não dava para pagar. Salazar em 1961 consegue vender algum vinho para o Mercado Comum: Alemanha, França, Holanda. A

⁷¹ THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa*. A árvore da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

⁷² SALVADOR, José A. *Camponeses de Barcouço << Não vamos morrer agarrado às enxadas >>, ou de como se dá conta do nascimento e vida da Cooperativa de Produção Agro-Pecuária de Barcouço (Medalha)*. Centelha. Coimbra 1977

Adega Cooperativa de Souselas pagou nesses anos. Ainda comprei um motor de rega. Custava, então, 1500\$00. Mas tudo se agravou com a guerra em África. Houve um ano de superabundância e o vinho ficou para aí. A cooperativa de Souselas foi bom: sempre foi melhor que ficar com o vinho; mantém o preço do vinho. O grande perigo na vinicultura é a superprodução. Além disso quando o vinho estava na adega já a gente precisava do dinheiro, e isso não é assim. A adega não paga logo. Às vezes era-se obrigado a vender ao armazenista por preços irrisórios para receber mais depressa. A adega melhorou mesmo para as pessoas que ficavam com o vinho em casa: o preço fica assegurado.⁷³

Nesse período, os documentos e discursos do governo apontavam, cada vez mais, para estreitar as relações entre o exército e os camponeses; os discursos asseguravam a intervenção militar contra as tentativas reacionárias ou anticamponesas. O legado histórico da participação militar nos conflitos agrários, durante o fascismo, era de defesa dos proprietários da terra.

Camponeses, sois vós aqueles que mais trabalham neste País. Dura é a vossa vida, pois tendes que vos levantar todos os dias cedo, faça chuva, faça vento ou sol, para deste modo tirar da terra, o pão tão necessário à vossa vida. Viver da terra é uma sorte, pois quando vem mau tempo a colheita que vos deu tantas despesas e tantos sacrifícios estraga-se. A vossa vida é tão dura que desejais ver os vossos filhos livres de tal situação.⁷⁴

É difícil determinar qual o segmento da família do camponês pobre era mais oprimido. Os mais velhos nunca eram recrutados pelo trabalho quinzenal, os homens eram demasiadamente explorados em uma extensa jornada de trabalho sem direitos trabalhistas como férias e baixíssimos salários, as mulheres, por vezes, cumpriam a tripla jornada: trabalho doméstico, trabalho na terra e cuidar dos maridos e filhos. Os jovens, por sua vez, estavam sob constante ameaça de serem recrutados para a guerra em África, e muitos o foram e lá morreram, por uma causa que não era a sua.

Tudo isto se repercutia nos filhos. A sua herança era a miséria e a exploração. Alguns, fugiam à miséria do campo e iam para às cidades. Outros recorriam à emigração. Mas a exploração perseguia-os como uma doença hereditária.⁷⁵

A liberdade da revolução não é o conceito burguês de liberdade, onde torna-se livre à medida que se aumenta o padrão pessoal de consumo. A liberdade desses trabalhadores é física e mental, é a possibilidade de sonhar e realizar sonhos coletivos, porque o ser humano

⁷³ SALVADOR, José A. *Camponeses de Barcouço << Não vamos morrer agarrado às enxadas >>, ou de como se dá conta do nascimento e vida da Cooperativa de Produção Agro-Pecuária de Barcouço (Medalha)*. Centelha. Coimbra 1977

⁷⁴ SALVADOR, José A. *Camponeses de Barcouço << Não vamos morrer agarrado às enxadas >>, ou de como se dá conta do nascimento e vida da Cooperativa de Produção Agro-Pecuária de Barcouço (Medalha)*. Centelha. Coimbra 1977

⁷⁵ _____ *Cooperativa Agrária Popular da Torre Bela: Torre Bela duma Tapada Real... a uma Cooperativa Agrícola Popular ou o fim do Feudalismo em Portugal*. Abril de 1975

é, em sua essência, um ser social. Uma nova perspectiva de vida apresentou-se no horizonte, onde as mudanças sociais trariam uma esperança candente para as novas gerações.

Não emigrou, sobretudo quando apareceu «isto do socialismo.» A cooperativa pareceu-lhe ser um passo nesse sentido. Daí a sua aposta no esforço colectivo...⁷⁶

O socialismo real tirou a ideia subjetiva de fuga, e a necessidade da emigração para um país de melhores condições de trabalho. As novas condições materiais de existência trouxeram um estado de consciência no qual a decisão de enfrentar os problemas e superá-los de forma democrática era mais lógica e interessante. Esse novo comportamento só faz sentido, para a classe trabalhadora, quando tomado em conjunto e de modo organizado, se assim melhor viver e trabalhar, com uma unidade capaz de mudar a vida local, propondo um novo modo de trabalhar e viver, um novo conjunto de ideias que rompiam com o modo de produção capitalista e o sistema arcaico que se mantinham com origens feudais de produção em certas regiões de Portugal.

«Emigrar? Quando era solteiro pensei nisso. Depois de casar não fui capaz. Nasci e fui criado aqui. Eu gosto de trabalhar no campo. Mas como trabalhávamos não dava para nada. O meu pai foi para a Venezuela. Ganhou pouco com isso e nunca mais cá voltou. A gente tem é que tentar fazer uma vida mais feliz. Trabalhar sim, mas para sermos todos mais felizes. Quando veio isto do socialismo pensei que devia ficar aqui na terra. O socialismo faz-se cá.»⁷⁷

No trecho acima, fica nítido que os camponeses absorveram novos critérios subjetivos como felicidade e esperança em seu moral. Esse movimento mental fez com que os cooperados almejassem consolidar raízes e trabalhassem nas terras cooperativadas. Como vimos no capítulo dois, e veremos nesse, que com a revolução houve todo um movimento de intelectuais artistas que migraram para Portugal para melhor apoiar a revolução, e outros que o fizeram de seus países.

Na opinião do PCP não haverá em Portugal uma só reforma agrária, mas, digamos, duas reformas agrárias. Na zona da grande propriedade a reforma agrária passa pela expropriação dos latifundiários e das grandes explorações agrícolas capitalistas. Os limites da expropriação são determinados por lei, de acordo com a natureza dos terrenos, dos tipos de cultura e outros.⁷⁸

⁷⁶ SALVADOR, José A. *Camponeses de Barcouço << Não vamos morrer agarrado às enxadas >>, ou de como se dá conta do nascimento e vida da Cooperativa de Produção Agro-Pecuária de Barcouço (Medalha)*. Centelha. Coimbra 1977,

⁷⁷ SALVADOR, José A. *Camponeses de Barcouço << Não vamos morrer agarrado às enxadas >>, ou de como se dá conta do nascimento e vida da Cooperativa de Produção Agro-Pecuária de Barcouço (Medalha)*. Centelha. Coimbra 1977

⁷⁸ MIGUEL, Antônio Gervásio e Francisco. *Intervenção na Assembleia Constituinte, em 15 e 18 de Julho de 1975* Edições «Avante!». 1975

O que pretendemos demonstrar é que a Reforma Agrária representa uma derrota nas estruturas da ditadura portuguesa, muitos grandes proprietários saíram de Portugal e combateram a revolução morando em outros países. Essa derrota foi um golpe na fração vigente da classe dominante do regime ditatorial. O triunfo da reforma agrária seria um marco na consolidação da revolução e do poder popular.

Quero analisar, apenas, um problema importante que tem moldado toda a vida do nosso país através da nossa história: é o problema da reforma agrária. Somos o País mais atrasado da Europa do ponto de vista material, e só depois do 25 de Abril fomos, na Europa Ocidental, o mais adiantado do ponto de vista político nalguns pontos. Somos um Portugal atrasado, porque sempre no nosso país predominou-a grande propriedade.⁷⁹

É preciso determinar também qual o papel dos militares em toda essa atmosfera de radicalização política nas regiões agrárias portuguesas. Com o 25 de Abril, o exército passou a apoiar o povo e a questionar o monopólio consolidado pelas elites agrárias durante o Estado Novo. O governo e o MFA manifestavam uma pluralidade interna e uma dualidade de interesses antagônicos; embora hegemônico pelos que representavam os interesses dos trabalhadores, uma fração do governo, dirigida pelo general Spínola, representante dos interesses dos proprietários, organizou uma tentativa de golpe de estado no dia 11 de março de 1975.

(...) a contribuição das forças armadas foi irregular, refletindo contradições internas. Se muitas vezes intervieram a favor dos trabalhadores, outras intervieram em apoio dos agrários ou ficaram passivos ante as violências desencadeadas por estes.⁸⁰

De janeiro a março de 1975, as ocupações de terras tiveram um aumento considerável, até então com um apoio passivo do governo. Depois da tentativa reacionária frustrada de tomar o poder e acabar com o processo revolucionário, promovida pelos partidários do general Spínola, o governo passou a ter um papel ativo no processo de ocupação de terras. Com a formação do IV Governo Provisório, o exército passou a atuar em prol dos ocupantes. A luta contra o latifúndio, que já sofria um ascenso desde o início de 1975, teve um crescimento territorial vertiginoso, graças, também, à participação do exército.

O PCP defende que as expropriações dos latifúndios e das grandes explorações agrícolas capitalistas sejam levadas a cabo sem indemnização.(...) Na zona da pequena e média propriedade a reforma não passa pela expropriação do pequeno e médio campesinato. Aí a reforma agrária não consiste em tirar a terra, mas, ao

⁷⁹ MIGUEL, António Gervásio e Francisco. *Intervenção na Assembleia Constituinte, em 15 e 18 de Julho de 1975* Edições «Avante!». 1975

⁸⁰ CUNHAL, Álvaro. *A revolução Portuguesa. O passado e o Futuro. Cap.6: A reforma agrária.* p. 136

contrário, dar-se terra a quem tem pouca ou não tem nenhuma e dar ajuda financeira e técnica. A reforma agrária não tira a terra aos pequenos e aos médios camponeses, como a reacção propaga aos quatro ventos. O PCP defende que a reforma agrária se faça com a participação activa dos assalariados agrícolas e dos pequenos e médios camponeses e de acordo com a sua vontade. Defendemos o respeito da propriedade dos pequenos e médios camponeses.⁸¹

A partir de março de 1975, com a exclusão dos golpistas do governo e do MFA, os militares passaram a apoiar diversas ocupações de terra, e, para os camponeses, isso foi uma importante demonstração de que os tempos eram novos e que o 25 de abril estava transformando Portugal. De fato, as ocupações de terra tomaram a ordem do dia nas discussões dos comandos do exército. A tradição agrária portuguesa, que tinha suas origens no feudalismo, era entendida como contradição econômica central para desenvolvimento da economia de Portugal. Esses questionamentos, contudo, já se manifestavam antes da revolução e têm como um de seus marcos a greve de 1962 quando todo Alentejo parou.

A realização da reforma agrária, que entregue a terra dos latifúndios e das grandes explorações agrícolas capitalistas àqueles que a trabalham, constitui uma das aspirações mais profundas dos assalariados agrícolas e dos pequenos camponeses de Portugal. A consigna reforma agrária não é uma consigna colocada pelo Partido Comunista Português depois do 25 de Abril. A reforma agrária faz parte dos objetivos e da luta do meu Partido ao longo dos anos da ditadura fascista. Encontramo-la consagrada na imprensa clandestina desses longos anos, consagrada no programa do meu Partido aprovado em 1965⁸²

No dia 15 de abril, como resultado da consolidação do núcleo progressista que esteve junto com Vasco Gonçalves, à frente do IV Governo Provisório (26 de março a 8 de agosto de 1975), lançou-se o Decreto-Lei que propôs o desenvolvimento geral do socialismo português. O objetivo geral contido no corpo do documento de abril propõe:

- a) Garantir a independência nacional no arranque para um socialismo verdadeiramente português, evitando situações extremas de crise econômica que nos coloquem em reforçadas e delicadas dependências externas;
- b) Identificar a dinâmica da classe trabalhadora com um projecto de construção de socialismo.⁸³

O programa agrário contido neste documento regulamenta sobre crédito, nacionalização global dos prédios rústicos, expropriação de terras, construção e redefinição do que é baldio, intervenção estatal de grande investimento nas cooperativas, ordenação da caça, do abate e da comercialização de carnes, saneamento e formação de equipes de

⁸¹ MIGUEL, Antônio Gervásio e Francisco. *intervenção na Assembleia Constituinte, em 15 e 18 de Julho de 1975* Edições «Avante!». 1975

⁸² MIGUEL, Antônio Gervásio e Francisco. *intervenção na Assembleia Constituinte, em 15 e 18 de Julho de 1975* Edições «Avante!». 1975

⁸³ Decreto-Lei N.º203-C/75 de 15 de Abril de 1975

desenvolvimento agrário e mediação, entre governo e cooperativas, com a promoção de campanhas. Antonio Barreto analisa que:

Deste período fiam ainda dois legados doutrinários. Em primeiro lugar, a vocação política da reforma agrária. Esta visa a propriedade privada e o capitalismo, não mais as terras abandonadas e subaproveitadas, reforma agrária e socialismo tornaram-se indissociáveis.⁸⁴

As leis de reforma agrária, assim como a maioria dos decretos expedidos pelos governos provisórios, tiveram uma escrita panfletária, objetivando mobilizar e fortalecer as ações e lutas populares. São documentos que apresentam o caráter do governo e seu interesse em alterar a correlação de forças da luta de classes em Portugal. Conforme o Decreto-Lei N° 406-A/75.

Os dispositivos legais contidos no presente diploma constituem apenas um quadro geral de ataque à grande propriedade e à grande exploração capitalista da terra. Resultado político da tradição de luta, das iniciativas e das conquistas de operários e pequenos agricultores, pretendem colocar-se agora, como instrumento e como estímulo, ao serviço dessas camadas.⁸⁵

Outro documento que encontramos, necessário à discussão do trabalho associado no campo português, foi o livro intitulado de *Camponeses de Barcouço. Não vamos morrer agarrados à enxada», ou de como se dá conta do nascimento e vida da Cooperativa de Produção Agro-Pecuária de Barcouço* de José Salvador Medalha. Nesse documento o autor tentou demonstrar o direcionamento de alguns revolucionários no sentido de refletir sobre a reforma agrária nas terras do norte de pequenos proprietários. Esses trabalhadores rurais, também explorados pelo governo e pelos tributos que favoreciam aos grandes latifundiários, juntaram suas terras e alguns de seus bens para ter uma capacidade maior de organização e intervenção na política, para reivindicar junto ao governo seus direitos e apoiar o processo revolucionário. Estes também criaram comissões de base da revolução.

Barcouço é uma freguesia do concelho da Mealhada a cerca de dez quilómetros da cidade de Coimbra. São para aí quatro centenas de casas, algumas de emigrantes, mas praticamente todas habitadas por outras tantas famílias. Sem esgotos, nem água canalizada, Barcouço sofreu a sangria da emigração dos anos sessenta, apesar de hoje já existir electricidade.⁸⁶

A nova democracia com o modo de produção comunal é uma demonstração da unidade entre luta econômica e luta política. Essa luta apresentou-se como uma possibilidade de fazer avançar a revolução em terras onde a Lei da Reforma Agrária não previa a

⁸⁴ BARRETO, Antonio. *Anatomia de uma revolução. A reforma agrária em Portugal 1974-1976* p.108

⁸⁵ Decreto-Lei N.º 406-A/75, de 29 de julho.

⁸⁶ SALVADOR, José A. *Camponeses de Barcouço << Não vamos morrer agarrado às enxadas>>, ou de como se dá conta do nascimento e vida da Cooperativa de Produção Agro-Pecuária de Barcouço (Medalha)*. Centelha. Coimbra 1977

expropriação de terras. Ainda assim, os documentos evidenciam a necessidade da organização de trabalhadores como único meio de desenvolvimento da região.

Nas passagens retiradas do documento *Camponeses de Barcouço. Não vamos morrer agarrados à enxada*», ou de como se dá conta do nascimento e vida da Cooperativa de Produção Agro-Pecuária de Barcouço veremos que o trabalho comunal gerou conquistas não só nos níveis de produção e na economia, mas também no campo educacional e pedagógico: na formação de quadros e na produção de novos saberes. O que chamamos aqui de novos saberes, podem não ser tão novos, mas, com a revolução, ganharam um grifo histórico e um maior fluxo, tornando o processo de aquisição destes mais democrático.

Pensavam diversos camponeses que isso não seria suficiente, e defenderam a organização de uma cooperativa de produção através da junção de terras. Não se tratava de ocupar grandes propriedades, de resto inexistentes na região, mas de unir camponeses e terras para modificar as relações de produção ampliando as áreas cultiváveis, utilizando máquinas e diversificando as culturas. É evidente que este processo levou alguns a afastarem-se do projecto.⁸⁷

A cooperativa de Barcouço não se propunha a expropriar os pequenos e médios camponeses, esses seriam proprietários de uma fração específica da cooperativa. A consciência do camponês está muito vinculada à propriedade da terra para garantir seu auto sustento, sem ter de pagar tributos ou frações de sua produção a patrões. Esse foi o processo de transição ocorrido nas cooperativas de produção da região agrária do norte de Portugal. Um processo que, como manifestamos aqui, se propôs a organizar e reivindicar a formação dos trabalhadores, com a consciência política necessária para desenvolver o socialismo e irradiar suas ideias.

Para muitos, quando naquela reunião de Março de 75, foi decidida a organização duma cooperativa de produção através da união das terras, isto assustou-os. O «papão comunista» funcionou: receavam ficar sem as terras. Foi neste momento que os camponeses de Barcouço se descobriram sozinhos com o seu projecto de que não desistiram.⁸⁸

Como expressamos nesse documento, os revolucionários de Barcouço afirmavam que nem o governo nem as duas principais forças de esquerda do governo (PCP e PS) tinham uma política avançada para as terras do norte. A estratégia dos membros do governo era derrotar as elites agrárias portuguesas ocupando as terras do Sul. Nosso objetivo é entender como

⁸⁷ SALVADOR, José A. *Camponeses de Barcouço << Não vamos morrer agarrado às enxadas >>, ou de como se dá conta do nascimento e vida da Cooperativa de Produção Agro-Pecuária de Barcouço (Medalha)*. Centelha. Coimbra 1977

⁸⁸ SALVADOR, José A. *Camponeses de Barcouço << Não vamos morrer agarrado às enxadas >>, ou de como se dá conta do nascimento e vida da Cooperativa de Produção Agro-Pecuária de Barcouço (Medalha)*. Centelha. Coimbra 1977

essas cooperativas mobilizaram saberes e que tipo de democracia era proposto para possibilitar uma atmosfera de solidariedade com o processo revolucionário.

Já imaginaram todas as nossas terras unidas e trabalhadas a máquinas? Quanto lucro a mais teríamos, do que trabalhando esses bocaditos de terra aqui e acolá?⁸⁹

A meta era desenvolver as forças produtivas em um modo de produção comunal. Por desenvolvimento de forças produtivas entendemos a formação técnica e humana, a melhoria do maquinário e ferramentaria, o melhor uso da terra e a organização do trabalho. Tudo isso só foi possível com a organização dos trabalhadores, com a democracia e o movimento de 25 de Abril.

A reforma agrária consiste igualmente na ajuda do Estado às novas cooperativas e explorações agrícolas, aos pequenos e médios camponeses, concedendo créditos em condições favoráveis, fornecendo máquinas agrícolas, sementes, gados, adubos, pesticidas; acabando com formas feudais de exploração, como foros, parcerias e outros; perdoar as dívidas usurárias dos camponeses pobres; alargar as isenções de impostos ao campesinato pobre, estabelecendo um sistema progressivo de contribuição predial rústica segundo o princípio «paga mais quem mais tiver».⁹⁰

Entendemos a importância de recortar alguns muitos trechos de *Camponeses de Barcouço. Não vamos morrer agarrados à enxada, ou de como se dá conta do nascimento e vida da Cooperativa de Produção Agro-Pecuária de Barcouço (Mealhada)*, pela estrutura trabalhada no texto e pelo autor evidenciar o que nós procurávamos: como fomentar os saberes de se produzir a vida associativamente? Para isso precisamos entender como esses trabalhadores viviam e pensavam antes e durante a revolução.

Não se tratava agora de escrever uma reportagem para o «Gazeta da Semana», naturalmente mais rápida, nem de colaborar com o Salgado Matos na feitura de um programa para a RTP sobre a Cooperativa de Produção Agro-Pecuária de Barcouço que viria a ser posto no ar sem (praticamente) nenhuma colaboração deste cronista. No Dezembro da chuva miudinha tratava-se de olhar com mais tempo a vida de Barcouço e da cooperativa⁹¹.

Apresentamos aqui que as contradições cotidianas da vida na comunidade de Barcouço evidenciavam a necessidade de uma revolução. Levar a revolução Portuguesa para as esferas locais era, portanto, o desafio para aprofundar e consolidar tal processo. A ideia de

⁸⁹ SALVADOR, José A. *Camponeses de Barcouço << Não vamos morrer agarrado às enxadas >>, ou de como se dá conta do nascimento e vida da Cooperativa de Produção Agro-Pecuária de Barcouço (Medalha)*. Centelha. Coimbra 1977

⁹⁰ MIGUEL, António Gervásio e Francisco. *Intervenção na Assembleia Constituinte, em 15 e 18 de Julho de 1975* Edições «Avante!». 1975

⁹¹ SALVADOR, José A. *Camponeses de Barcouço << Não vamos morrer agarrado às enxadas >>, ou de como se dá conta do nascimento e vida da Cooperativa de Produção Agro-Pecuária de Barcouço (Medalha)*. Centelha. Coimbra 1977

uma reportagem sobre a cooperativa já nos pareceria interessante, contudo, observar o modo de vida nos pareceu focalizar algo ainda mais interessante ao foco de nosso estudo.

Um dia de chuva pode ser bom por várias razões para os camponeses e camponesas de Barcouço. Atravessando a rua que leva à Igreja podem descobrir-se, por exemplo, grandes vasilhas de plástico a aparar a água que cai das goteiras do telhado.⁹²

Imaginar uma vila, no continente mais rico do mundo, durante a década de 1970, sem água encanada é fato que muitos têm dificuldade. Ainda mais, sabendo que essa vila é parte de um país que se intitula um império ultramarino e explora outros territórios em África é uma imaginação histórica difícil de imaginar, porém real. Destacamos o fato de que só após a Revolução dos Cravos, e da formação de cooperativas, a distribuição de água encanada passou a ser fornecida.

«Mais de metade do lugar tem poços. Para regar normalmente há água nos vales. É aí que as mulheres a vão buscar para casa. A água é acarretada às costas pelas encostas acima: é um verdadeiro calvário para as nossas mulheres. Há uma comissão de melhoramentos da aldeia, mas são quase todos indivíduos da cooperativa e não podem fazer tudo.»⁹³

José Salvador Medalha busca enxergar as tarefas diárias de produção antes e depois da cooperativa, as atividades econômicas, a vida familiar, e as características do lugar. O ensaio de Medalha tem uma narrativa realista, onde, lendo-se, é possível imaginar e enxergar detalhes do estilo de vida nas terras do norte quando prevaleciam os pequenos e médios proprietários.

A actividade agrícola principal aqui no lugar é o vinho. O resto praticamente é para auto-consumo: o milho, a batata (ainda se vende alguma, às vezes), e o azeite. O azeite agora é só para consumo porque as oliveiras baixaram de produção assustadoramente. Isso deve-se à falta de cultivo. Há muita oliveira que não se cultiva, devido à escassez de pessoal.⁹⁴

A formação das cooperativas conseguiu ampliar as atividades econômicas e aumentar a produção, o aumento do capital, oriundo da associação de trabalhadores, tornou possível investir em desenvolvimento de técnicos e melhorar a vida dos trabalhadores. Afinal de contas, segundo as fontes, tudo era decidido coletivamente.

⁹² SALVADOR, José A. *Camponeses de Barcouço << Não vamos morrer agarrado às enxadas >>, ou de como se dá conta do nascimento e vida da Cooperativa de Produção Agro-Pecuária de Barcouço (Medalha)*. Centelha. Coimbra 1977

⁹³ SALVADOR, José A. *Camponeses de Barcouço << Não vamos morrer agarrado às enxadas >>, ou de como se dá conta do nascimento e vida da Cooperativa de Produção Agro-Pecuária de Barcouço (Medalha)*. Centelha. Coimbra 1977

⁹⁴ SALVADOR, José A. *Camponeses de Barcouço << Não vamos morrer agarrado às enxadas >>, ou de como se dá conta do nascimento e vida da Cooperativa de Produção Agro-Pecuária de Barcouço (Medalha)*. Centelha. Coimbra 1977

A cooperativa pouco a pouco estendia as suas actividades à pecuária com os bezerros e as duas Vacas leiteiras, e à avicultura com um pequeno aviário de 400 pintos para engorda.⁹⁵

O cotidiano no interior de uma cooperativa de trabalhadores democrática está fadado a fazer avançar o processo revolucionário, independentemente do tempo político que os problemas levem a aparecer, combatidos por um processo democrático a arma da crítica e da autocrítica tendem a aperfeiçoar o trabalho político, uma vez que se tem confiança no poder das massas trabalhadoras, e que se tem como horizonte a emancipação humana. Diariamente, portanto, o trabalho comunal tem inúmeras conquistas silenciosas que ameaçam as estruturas burguesas e, inevitavelmente, levam à luz do conhecimento histórico vitórias maiores, como apoios governamentais e consolidações mais explícitas do poder, sob a égide dos trabalhadores, por isso, a democracia popular aparece nesses documentos como princípio e fundamento *sine qua non* para vitória sobre a exploração e a barbárie.

A Cooperativa de Barcouço, que depois de longos meses na luta pela sua organização, acabou há alguns dias, por ser legalizada pelo governo. Foi com grande alegria que o Povo de Barcouço, viu legalizada a sua cooperativa sentindo-se compensados de tanto trabalho. A Cooperativa agora constituída tem por fim unir todo o Povo, na luta por melhores condições de vida. Ela não pretende ser um grupinho, mas sim alargar-se a todo o Povo, que queira verdadeiramente uma vida mais justa.⁹⁶

O processo pedagógico e revolucionário trouxe a valorização dos saberes transmitidos entre gerações de trabalhadores explorados, na maioria das vezes, por meio do relato oral de pai para filho ou de avô para neto. Com a instrumentalização política das cooperativas, esses relatos tornaram-se fontes históricas e permitiram-nos a utilização nessa pesquisa, como o relato que segue, que foi retirado do manifesto da Cooperativa agrícola popular da Torre Bela:

As histórias que nos contam os velhos destas redondezas e que os mais novos ouviram contar aos pais e avós dão-nos o direito de considerar a existência deste grande latifúndio como um resto de feudalismo que já não tem sentido e era uma afronta às tradições do povo desta região.⁹⁷

⁹⁵ SALVADOR, José A. *Camponeses de Barcouço << Não vamos morrer agarrado às enxadas >>, ou de como se dá conta do nascimento e vida da Cooperativa de Produção Agro-Pecuária de Barcouço (Medalha)*. Centelha. Coimbra 1977

⁹⁶ SALVADOR, José A. *Camponeses de Barcouço << Não vamos morrer agarrado às enxadas >>, ou de como se dá conta do nascimento e vida da Cooperativa de Produção Agro-Pecuária de Barcouço (Medalha)*. Centelha. Coimbra 1977

⁹⁷ _____ *Cooperativa Agrária Popular da Torre Bela: Torre Bela duma Tapada Real... a uma Cooperativa Agrícola Popular ou o fim do Feudalismo em Portugal*. Abril de 1975 pag.7

Os militares fizeram reuniões com os representantes das cooperativas para tentar suprir suas demandas. No filme *Torre Bela*, uma dessas reuniões é registrada. Os militares refletem sobre a possibilidade de deixar sob o controle da cooperativa os carros militares presentes em território angolano, que seriam devolvidos diante da independência da colônia. A ajuda e fomento estatal para as cooperativas foi um debate fluente tanto nas esferas superiores do governo, quanto nas diferentes expressões nas bases do poder popular.

A reforma agrária consiste também no fomento de parques de tractores e máquinas agrícolas, construção de silos, adegas, lagares, barragens, electrificação rural, construção de estradas, construção de escolas e institutos de formação de milhares de especialistas agrícolas. Consiste na formação de cooperativas de comercialização que assegurem em condições eficazes a compra dos produtos agrícolas por preços compensadores e o fornecimento à agricultura dos produtos necessários.⁹⁸

Quando um trabalhador explica a outro o porquê da coletivização dos meios de produção e por que isso é vantajoso para todos, se percebe a Pedagogia da Produção Associada. O que os trabalhadores aprendem e ensinam, uns aos outros, no cotidiano de trabalho? Há passagens emocionantes e educativas relativas a toda documentação pesquisada das assembleias e reuniões das cooperativas.

- É 50 vezes melhor do que era, a vida agora como cooperador. É mais certo, tenho um ordenado mais certo. Lá fora, ganhava, outras não. Aqui sei que estou bem, estou cedo. Estou satisfeitíssimo. A diferença de trabalhar aqui ou para o patrão, é que eu sempre trabalhei melhor para mim. Não volto a trabalhar pala o patrão. Se isto acabar vou para o estrangeiro... Para o estrangeiro trabalhar para outro patrão?... Mais vele morrer. (pag19) (Cooperativa agrícola popular da Torre Bela) António da Silva Cheia - 42 anos - natural da freguesia de Baleizão - cooperador.

O documentário *Torre Bela* pode nos ajudar a responder essa questão, com a discussão sobre a coletivização (a partir da indenização) da enxada de um camponês. Ou ainda, o encontro (ao ar livre) dos ocupantes, quando entoam a canção *Grândola Vila Morena* (Zeca Afonso), que marcou o início do golpe, na madrugada do 25 de Abril.

Transcrevemos algumas intervenções de uma reunião da cooperativa Torre Bela em que os agricultores conversam sobre a posse da terra:

“- Por tanto, não está em questão o ser dono ou não ser dono da terra, o que se está em questão é que todos vão trabalhar e todos vão se servir da terra para viver melhor.”

⁹⁸ MIGUEL, António Gervásio e Francisco. *intervenção na Assembleia Constituinte, em 15 e 18 de Julho de 1975* Edições «Avante!». 1975

“- Quando se faz uma cooperativa não é para arrumar mais proprietários. Não é para isso que se faz uma cooperativa. Faz-se uma cooperativa para que a terra seja um instrumento de trabalho para os que nela trabalham.”

Após a plenária os ocupantes entoam as palavras de ordem:

"- Abaixo a reação!", "O povo está, com o MFA!" e "Soldado amigo, o povo está contigo!"

Na terça-feira, 23 de abril de 1975, se iniciaram as filmagens e a ocupação de Torre Bela, localizada na Freguesia de Manique do Intendente, conselho de Azambuja, até então, uma reserva de caça da família real de Bragança. A propriedade, de cerca de 1700 hectares, há 15 anos dedicava-se à silvicultura, prática de poucos custos, visto que a cortiça é retirada a cada nove anos. Trabalhadores regulares eram apenas dez para toda a propriedade. Torre Bela foi, até o início da ocupação, símbolo do passado feudal, incorporado ao fascismo e representou o que foi conceituado por lideranças do PCP como “ocupações selvagens”: sem técnicas agrícolas, sem maquinário, agricultores com pouca escolaridade e sem nenhuma organização política que desse o rumo da ocupação.

A ocupação da Torre Bela deu muito que falar aquém e além fronteiras. Muitos aprovam-na como justa e apoiaram-na. Muitos outros reprovaram-na, consideraram-na uma ocupação selvagem e classificaram-na como um acto de banditismo. Muita gente do povo, como aconteceu no dia um de Dezembro de 1975, ignorando a história do seu povo para dar ouvidos aos latifundiários e caciques que querem manobrar a história a seu favor, juntaram-se aos portões da Quinta insultando-nos como ladrões e tentando desconhecer-nos como filhos do seu povo e seus irmãos no sofrer e na opressão.⁹⁹

Será a força das ideias, aliada à força das ações, capaz de mudar os rumos históricos? Tanto a teoria quanto a prática estão submetidas ao desenvolvimento das forças produtivas? Até o presente momento de nossa pesquisa, responderemos que sim.

Os dois primeiros meses de trabalho duro na cooperativa, sem ajudas, nem remunerações, nem salários, nem ordenados, sem podermos exigir do patrão que nos pagasse, obrigaram-nos a enfrentar algumas questões fundamentais. "Se não temos países não temos salários. Não há ordenados. Como viveremos?" Vamos tentar responder às necessidades mais urgentes, atender aos casos.¹⁰⁰

O filme *Torre Bela* é uma grande reflexão sobre os saberes do trabalho associado embutidos em uma ocupação de terra. Os recortes são feitos, com falas de populares e líderes da ocupação, sem narrador e no “olho do furacão”. O documentário mostra a ocupação e, em seguida, a organização coletiva da terra pelos trabalhadores de uma das maiores herdades de Portugal. Com o apoio do exército e de algumas organizações de esquerda, os trabalhadores

⁹⁹ _____ *Cooperativa Agrária Popular da Torre Bela: Torre Bela duma Tapada Real... a uma Cooperativa Agrícola Popular ou o fim do Feudalismo em Portugal*. Abril de 1975

¹⁰⁰ _____ *Cooperativa Agrária Popular da Torre Bela: Torre Bela duma Tapada Real... a uma Cooperativa Agrícola Popular ou o fim do Feudalismo em Portugal*. Abril de 1975 pag.24

organizaram uma Cooperativa que tinha como objetivo aniquilar o estranhamento do trabalho e produzir a vida associativamente. Os trabalhadores foram tentando dar conta das demandas organizacionais dos espaços, objetos e ferramentas coletivas. O documentário traz uma cena ao ar livre com o povo aglomerado, discute os rumos da ocupação e a discussão transforma-se em uma plenária onde, por unanimidade, forma-se a cooperativa:

Trabalhador 1 - Viemos aqui pra ter trabalho e não é para matar ninguém.

Trabalhador 2 - Os donos dessa terra não estão de acordo com a cooperativa, (...) não se importam realmente em dar trabalho a algumas pessoas. A reforma agrária é um fato poderá durar um mês, dois ou três a seguir, mas é um facto. Até lá, nos estamos em uma época de transição, por conseguinte, vamos formar durante esse ato de transição até a reforma agrária sair, um contrato nos moldes de cooperativa. Nós queremos agora um contrato que nos de um trabalho aqui, mas cooperativamente. Sejamos a trabalhar para todos e não para um homem só.

Trabalhador 3 - Vocês não fizeram só pra ter trabalho. Vocês fizeram para ter a terra, porque são vocês que irão trabalhar. (...) mas se aqui se fizer uma cooperativa, em uma parte desta terra, é preciso que este latifundiário que está aí cheio de casas vazias para passar o fim de semana e para as caçadas, e para os amigos deles exploraram esse povo durante anos e anos, os vossos pais, vossos avós.

Trabalhador 4 - Com muita serenidade, mas nós temos que estar conscientes dos nossos direitos, daquilo que queremos, mas com serenidade, pois vos digo se é pra ter aqui um contrato de trabalho para o conjunto dos trabalhadores, como o inicio para uma cooperativa vocês não devem ficar por ai. Este individuo que está aqui não pode ficar com o resto da propriedade. Pois (...) não há direito de que existam aqui imóveis vazios quando há necessidades aqui a volta dessas aldeias (19:29)¹⁰¹

Cenas do trabalho associado e da mobilização dos trabalhadores estão presentes em todos os filmes que retratam os processos de ocupação de terras em Portugal. Buscar água, pulverizar as plantas, tudo tem um novo sentido de coletividade. O trator leva todos ao trabalho. O momento das refeições também tem um novo significado. O refeitório, o trator, a plantação, as máquinas, as ferramentas e as propriedades foram socializados. Agora o trabalho associado gera uma nova prática e uma nova experiência social. Essa consciência e ação coletiva são, em si, uma práxis revolucionária. O manifesto da cooperativa traz na primeira página seus objetivos:

NÓS OS TRABALHADORES DA TORRE BELA ESTAMOS EM LUTA CONTRA O FEUDALISMO, O CAPITALISMO, A BURGUESIA LATIFUNDIÁRIA E OS NOSSOS PRÓPRIOS DEFEITOS. .(pag1) (Cooperativa agrícola popular da Torre Bela)

¹⁰¹ Trecho presente no filme *Torre Bela*

A situação a seguir se dá em uma discussão entre dois camaradas da cooperativa Torre Bela. O primeiro trabalhador tenta convencer ao segundo que suas ferramentas, seu trabalho e seus meios de produção, agora, pertencem à cooperativa, logo, à coletividade.

- Qual é o valor da tua ferramenta?
- Qual é o valor da tua ferramenta?
- O valor da minha ferramenta eu não sei. Sei que custa mais dinheiro.
- Ah... então é isso que tu dizes? Isto é da cooperativa tudo isto é da cooperativa não é a tua nem a deste nem a minha. É da cooperativa.
- Tudo é da cooperativa? E os outros que não trazem ferramenta nenhuma, a ferramenta deles é da casa deles... E a minha fica cooperativa, e a minha fica da cooperativa, e a deles que não trouxeram nenhuma para utilizar a cá a trabalhar, nem querem trazê-las que é pra não levar descaminha e dão descaminho à dos outros e ficam com elas, as dos outros.
- Dá-me licença? Isto é no valor de cem escudos?
- Exatamente.
- Dá para a cooperativa, a cooperativa dá-te cem escudos. E isto já não é teu. Isto é meu, é deste é de todo mundo.
- Pode ser muito bem, mas eu é que trabalho com ela, eu preciso fazer amanhã trabalho naquilo que é meu, naquilo que já tenho. Não tenho direito de comprar outra? Depois essa outra fica a ser da cooperativa depois eu vou comprar outra e é sempre da cooperativa, pá. Oh pá?!¹⁰²

A discussão acima parece simples e clara, mas a complexidade da linguagem esconde interesses mais densos. Posteriormente, pudemos entender o papel e o personagem que cada um dos sujeitos queria, de fato, interpretar na cena. O trabalhador, que quer a ferramenta, acredita que deve ter a posse, porque a utilizará para trabalhar, e em momento algum demonstra pretender utilizá-la para explorar o trabalho alheio a partir do arrendamento, enquanto o manifestante, que propõe a coletivização, acredita que seu papel é liderar o trabalho, os trabalhadores e ensinar-lhes como fazer o que eles fazem desde pequenos, e, para isso, utiliza-se de um discurso específico. O trabalhador, que não entende ou não acredita ser possível à coletivização das ferramentas, (ao menos naquele momento) o faz para trabalhar, o outro para liderar trabalhadores, e não há problema nenhum nisso, visto que o movimento precisa, de fato, de uma direção, que é sempre política, cultural, econômica e social.

Será que vamos aprender as lições da história, para não cairmos de novo em individualismos-egoístas? Só trabalhando coletivamente a terra e aprendendo a planificar as diversas possibilidades de bem a explorar e administrar com a participação activa e responsável de todos, é que deixará de haver uns a mandar e outros a trabalhar, uns a serem explorados e outros a terem os lucros. É nisto que estamos empenhados há um ano e dum modo cada vez mais conscientes queremos, com a nossa cota parte, contribuir para o novo capítulo da história do nosso povo¹⁰³

¹⁰² Trecho presente no filme *Torre Bela*

¹⁰³ *Cooperativa Agrária Popular da Torre Bela: Torre Bela duma Tapada Real... a uma Cooperativa Agrícola Popular ou o fim do Feudalismo em Portugal*. Abril de 1975 pag.12

Essa avaliação só foi possível, posteriormente, depois que este determinado líder desacatou uma deliberação da plenária e dormiu na cama do Duque de Lafões. Como demonstramos, a polêmica é complicada e controversa. Será que Thompson nos ajudaria a entender a questão? Para o historiador marxista, o foco desta polêmica não estaria no mero debate econômico, com um mero maniqueísmo entre os que querem compartilhar a ferramenta e os que querem ser donos dela. O fato é que, mesmo que um determinado objeto seja coletivo, pode haver uma discordância de como cuidar dele, que funções este objeto pode executar, e, em caso de escassez, quem seriam os primeiros a utilizá-lo? Outra questão importante é a do processo de formação da consciência, em especial, dos trabalhadores menos intelectualizados que têm, portanto, menos capacidade de articulação política, mas que nem por isso, são menos interessantes ao processo socialista. Muito pelo contrário, o que podemos perceber, em documentos de distintas cooperativas e diferentes organizações, é um combate ao que se classificou por caciquismo político, valor associado pelos cooperados ao individualismo e a ideologia burguesa.

QUE AS TERRAS POR NÓS RECUPERADAS NOS DÊEM OS MEIOS DA
NOSSA PRÓPRIA RECUPERAÇÃO HUMANA E SOCIAL

(...)

SEM PRIVILÉGIOS, INDIVIDUAIS OU DE GRUPO, BRAÇOS ABERTOS À
FRATERNIDADE ENTRE TODOS OS EXPLORADOS DO MUNDO.¹⁰⁴

A mobilização das pessoas gerou a ocupação, a organização dos ocupados transformou a Torre Bela em um locus de produção associada; ali se produziram e compartilharam experiências, criaram-se novos saberes, na medida em que produziram uma nova práxis social. Como nos lembra Gramsci: *Descobrir por si mesmo uma verdade, sem sugestão e ajudas exteriores, é criação, mesmo que a verdade seja velha.*

A princípio nem sequer sabíamos fazer uma reunião, queríamos falar todos ao mesmo tempo, ninguém se entendia, " - Esperar pela minha vez para falar! Fui proibido de falar tanto tempo e agora não posso falar quando me apetece? Isso é que era bom."

Era uma confusão

- Para que as reuniões? São uma pura perda de tempo.- Diziam alguns preocupados com a produção até descobrirmos que umas horas perdidas a planear podem-nos fazer ganhar tempo e dinheiro e que as pessoas humanas não são máquinas de mera produção.

Agora tentamos fazer reuniões mais regulares e pôr a funcionar as equipas de trabalho. Cada um por sua vez fala, critica, é criticado, aprende e procura

¹⁰⁴ _____ *Cooperativa Agrária Popular da Torre Bela: Torre Bela duma Tapada Real... a uma Cooperativa Agrícola Popular ou o fim do Feudalismo em Portugal.* Abril de 1975

comunicar o que vai aprendendo. Lentamente vamos aprendendo a fazer o resumo das reuniões o que nos obriga a avançar e a progredir.¹⁰⁵

Como abordamos no início deste capítulo, consideramos uma vitória importante, na organização de trabalhadores, a conferência realizada em Évora nos dias 30 e 31 de outubro de 1976, intitulada Conferência da Reforma Agrária. Este encontro de trabalhadores conseguiu mobilizar e organizar trabalhadores e cooperados e elencar saberes grifados pela nova consciência de classe difundida no pós revolução. Um aspecto que nos interessou na conferência, além dos saberes elencados, foi a demonstração de força da nova democracia e do objetivo de consolidação do poder popular. A Conferência teve expressivo quantitativo de *3700 delegados e cerca de 500 convidados, intervieram na discussão e aprovação das CONCLUSÕES*¹⁰⁶. Grafaram como: *principais tarefas definidas pelos trabalhadores para intensificar o processo de reforma agrária e fazer valer uma pedagogia permanente e progressiva de construção do poder popular*”

A CONFERÊNCIA DA REFORMA AGRÁRIA dada a profundidade de que se revestiu, marcará certamente uma nova fase para a consolidação da RA e no avanço para uma nova agricultura, livre de exploradores e ao serviço da economia nacional. Milhares de talhadores pequenos e médios agricultores e técnicos, numa atividade criadora e coletiva, participaram na sua organização e aprovaram CONCLUSÕES e MOÇÕES. Dezenas de reuniões e moções foram feitas com as COOPERATIVAS AGRÍCOLAS para discussão das TESES que foram apresentadas na conferência e para eleição dos DELEGADOS.¹⁰⁷

A partir de agora abordaremos mais especificamente os princípios pedagógicos elencados pelos trabalhadores em luta, organizados em coletivos, que observavam a revolução de diferentes prismas. Destacamos, também, alguns dos valores necessários por estes defendidos, para que a luta se tornasse vitoriosa como: democracia, unidade, organização e solidariedade entre os trabalhadores.

2- Devemos intensificar:

- a) Reuniões entre trabalhadores do campo e da cidade organizadas pelos seus sindicatos, a fim de traçar programas de apoio
- b) Jornadas de trabalho voluntário, nos fins de semana, às UCP(S) e aos pequenos agricultores, incluindo apoio técnico na organização da contabilidade, na assistência médica e na resolução de outros problemas que se põem:
- c) Recolha de fundos por comissões de operários industriais e outros trabalhadores para compra de tratores e outras máquinas indispensáveis às UCP(s)

¹⁰⁵ _____ *Cooperativa Agrária Popular da Torre Bela: Torre Bela duma Tapada Real... a uma Cooperativa Agrícola Popular ou o fim do Feudalismo em Portugal*. Abril de 1975

¹⁰⁶ _____ *Conferencia da Reforma Agrária: Évora 30/31 outubro de 1976 para consolidar e avançar. CONCLUSÕES*. 1976 pag.2

¹⁰⁷ _____ *Conferencia da Reforma Agrária: Évora 30/31 outubro de 1976 para consolidar e avançar. CONCLUSÕES*. 1976 pag.2

- d) Apoio no campo da alfabetização, tal como foi praticado pelo movimento Alfa, principalmente no período de férias através de vastas campanhas;
- e) Apoio material, proveniente de grupos de apoio e campanhas nos países capitalistas e especialmente a partir dos países socialistas;
- f) Reuniões de apoio à Reforma Agrária, certas e moções, visitas as cooperativas, para que todos os trabalhadores se sintam a travar a mesma luta pela Reforma Agrária.¹⁰⁸

Tentamos até aqui mesclar: decretos lei, livros de cientistas sociais, resoluções de organizações de trabalhadores, transcrições de documentários e entrevistas. Enfim, um pouco de jornalismo, literatura, ciência e depoimentos de trabalhadores que enfatizavam as perspectivas pedagógicas por eles apreendidas. No depoimento abaixo, o cooperador associado agradece aos movimentos internacionalistas pelo apoio prestado ao processo revolucionário local:

- Não quero deixar de agradecer, apesar de saber que os camaradas Portugueses e Estrangeiros ao ajudar-nos não estão à espera de agradecimentos, para eles vai a nossa solidarização e o nosso abraço revolucionário. Wilson Faustino Filipe - 28 ados – cooperador (pag19 (Cooperativa agrícola popular da Torre Bela))

Esse depoimento é resgatado de um documento emitido por uma cooperativa independente e apartidária, mas o PCP em seus documentos, discursos e conferências também valoriza a unidade, a solidariedade, e a consolidação de estruturas de base e nacionais democráticas, que direcionaram o processo revolucionário para a vitória.

VII comercialização:

4. Devemos criar a nível concelhio, uniões cooperativas com base nas unidades coletivas ê nos pequenos e médios agricultores, para procederem ao transporte, armazenagem, embalagem e comercialização das produções e dos factores de produção, e para melhor abastecimento dos mercados¹⁰⁹

Neste capítulo, não fomos capazes de determinar as divergências teóricas entre as diferentes organizações revolucionárias influentes na Revolução dos Cravos e na construção das estruturas de trabalho associado, nem o pretendemos. O melhor, nesse caso, seria formar um glossário com o nome e sigla de cada partido, determinar seus organismos de imprensa e principais documentos editados e sua linha teórica, para, num segundo momento, apresentar o confronto teórico dos rumos que cada organização tomou durante a revolução, assim como John Reed fez na introdução do livro *Os dez dias que abalaram o mundo*, facilitando o entendimento dos confrontos ocorridos nos 10 primeiros dias da revolução Russa. Aqui,

¹⁰⁸ Conferencia da Reforma Agrária: Évora 30/31 outubro de 1976 para consolidar e avançar. CONCLUSÕES. 1976 pag.7

¹⁰⁹ Conferencia da Reforma Agrária: Évora 30/31 outubro de 1976 para consolidar e avançar. CONCLUSÕES. 1976 pag.12

porém, não pretendemos determinar as divergências e fragmentações que permitiram o descenso da revolução. Muito pelo contrário, escolhemos enfatizar a unidade e as conquistas e demonstração de ascenso político e pedagógico dos trabalhadores e as necessidades elencadas por eles durante esse processo.

São as ferramentas, sulfatos, adubos, etc., a preços tão altos que vos levam grande parte das vossas economias. Por outro lado os produtos da terra, sujeitos às leis do mercado, são algumas vezes vendidos a preços tão baixos, que não dão para pagar as despesas. São os grandes intermediários que tendo o mercado na mão fazem todas as trafalhices para continuarem a engordar à custa do povo. Camponeses é tempo de acabar com isto. Têm pois que se organizar. Devem-se juntar com aqueles que vivem na mesma situação, na aldeia e freguesia e organizarem-se em associações que defendam os vossos interesses. Só organizados poderão vender os vossos produtos e comprar os necessários à vossa vida, a preços razoáveis.. É com a organização dos camponeses em cooperativas a nível de aldeia, freguesia, concelhos, distritos e País, que se poderá dar um passo na conquista de uma sociedade mais justa, acabando com toda a miséria.¹¹⁰

Os documentos analisados, evidenciam que, a solidariedade e o internacionalismo destacados pelos trabalhadores, de fato, existiram, não só no suor derramado lado a lado, mas também, de forma remota com o apoio econômico e político, vindo de outros países. Enfatizamos, portanto, o poder das ideias e das ações, da solidariedade e da unidade política, da teoria e da prática.

Os cooperadores da Cooperativa Agrícola Popular da Torre Bela, a todos os amigos e camaradas portugueses e estrangeiros que de longe sem nunca nos terem visto e sobretudo aos que vieram, lado a lado conosco, experimentar a dureza do trabalho e da luta em que nos empenhamos e decidida e desinteressadamente nos apoiam e ajudam dos mais diferentes modos...¹¹¹

Acreditamos que o processo de formação política se dá através do estudo e do fazer político. A formação de dirigentes e lideranças, por sua vez, se dá com quanto o indivíduo vê-se obrigado a tomar decisões. Um dirigente político é, portanto, um indivíduo que toma decisões. Nem sempre essas decisões são as mais adequadas, e, nesse processo, forja-se um dirigente. Na construção política, e mais específica, de dirigentes da classe trabalhadora tornar-se-á necessário uma atmosfera repleta de espaços democráticos, a fim de educar e formar esse dirigente.

Reuniões muito concorridas. Não só os sócios lá estão. Em muitos casos quando os homens se fizeram associados da cooperativa levaram consigo a família. A mulher e os filhos que trabalhavam a leira familiar foram também trabalhar para a

¹¹⁰ SALVADOR, José A. *Camponeses de Barcouço << Não vamos morrer agarrado às enxadas>>, ou de como se dá conta do nascimento e vida da Cooperativa de Produção Agro-Pecuária de Barcouço (Medalha)*. Centelha. Coimbra 1977

¹¹¹ _____ *Cooperativa Agrária Popular da Torre Bela: Torre Bela duma Tapada Real... a uma Cooperativa Agrícola Popular ou o fim do Feudalismo em Portugal*. Abril de 1975 pag.5

cooperativa quando as terras passaram a ser exploradas em conjunto. Todos participam das reuniões, embora só o chefe da família possa ser juridicamente considerado sócio. Por isso elegível e eleitor. Esta situação é um tanto injusta para as mulheres e para os jovens, mas constitui provavelmente problema semelhante à da igualdade de salários homens-mulheres. Serão os camponeses capazes de resolvê-lo aceitando de pleno direito os seus familiares na cooperativa?¹¹²

Além da contradição explícita no documento acerca da cooperativa de Barcouço, que diz respeito à limitação da mulher e dos jovens na vida política da cooperativa, grafamos aqui a necessidade de se discutir a identidade de classe. É, portanto, necessário que jovens e mulheres empoderem-se dos espaços de discussão política, para que, assim, outros semelhantes identifiquem-se com o que o movimento revolucionário pretende apontar e manifestar.

2. Temos de melhorar os métodos democráticos nas Unidades Colectivas e Cooperativas: fazendo assembleias de trabalhadores todos os meses; combatendo o caciquismo interno, o autoritarismo de certos dirigentes e o individualismo. As questões mais importantes têm de ser discutidas por todos os trabalhadores.¹¹³

A organização da produção depende também de quadros técnicos, o que abordamos e denominamos no segundo capítulo dessa dissertação como intelectuais tradicionais. O atraso econômico de Portugal também evidenciou a carência desses profissionais. Apesar da estrutura agrária da economia portuguesa, a imensa quantidade de latifúndios improdutivos ou pequenas propriedades não consolidou um mercado de trabalho que demandasse a escolarização destes. Com as novas perspectivas de desenvolvimento econômico que o 25 de Abril trouxe, as instâncias laborais de base passaram a reivindicar a formação desses profissionais.

Constituíram-se grupos de trabalho cabendo a cada um ocupar-se de sectores específicos. Assim: grupo de comercialização (tratava do escoamento dos produtos), grupo da contabilidade (ocupava-se da escrita da cooperativa, que nos pareceu um tanto embrionária ainda), grupo das actividades sociais e culturais (que pouco ou nada fez), e grupo da produção. Este último grupo desdobrava-se em três: o das hortas; o do milho, forragens e batatas; e o da resina.¹¹⁴

Destacamos novamente a estrutura da organização das fontes transcritas para que o leitor perceba as semelhanças e diferenças na linguagem dos diferentes documentos grafados acerca da formação de quadros técnicos. É certo que não conseguimos uma totalidade

¹¹² SALVADOR, José A. *Camponeses de Barcouço << Não vamos morrer agarrado às enxadas >>, ou de como se dá conta do nascimento e vida da Cooperativa de Produção Agro-Pecuária de Barcouço (Medalha)*. Centelha. Coimbra 1977

¹¹³ *Conferencia da Reforma Agrária: Évora 30/31 outubro de 1976 para consolidar e avançar. CONCLUSÕES*. 1976 pag.19

¹¹⁴ SALVADOR, José A. *Camponeses de Barcouço << Não vamos morrer agarrado às enxadas >>, ou de como se dá conta do nascimento e vida da Cooperativa de Produção Agro-Pecuária de Barcouço (Medalha)*. Centelha. Coimbra 1977

absoluta, ainda assim acreditamos que alcançamos o objetivo de, através de diferentes fragmentos, retratar a mudança real de mentalidades durante a reforma agrária do PREC. E para que perspectivas futuras essa mentalidade almejou avançar.

10- É necessário que se formem quadros, técnicos e sindicalistas, vindos do seio dos trabalhadores- Para isso exigimos do Estado, o respectivo apoio: cursos para técnicos dê forragens, sementes, etc.; cursos para veterinários e tratadores de gado cursos dê contabilidade e gestão das unidades colectivas de produção/cooperativas agrícolas; cursos de formação comercial.

11, Os Sindicatos e as Uniões de Cooperativas devem promover a realização desses cursos, os quais devem ser dados por técnicos progressistas nacionais ou de outros países, nomeadamente socialistas.

12. É preciso intensificar as visitas de estudo aos países socialistas, mas os trabalhadores das Cooperativas devem ser ouvidos na escolha dos seus companheiros que lá se deslocarão.

13. O Governo deve colocar técnicos competentes e da confiança dos trabalhadores nos Centros Regionais da Reforma Agrária e deve também, reestruturar estes serviços oficiais

14. Os Centros de Formação Profissional devem, também, funcionar ao serviço da Reforma Agrária e realizar cursos para trabalhadores de acordo com as necessidades por eles sentidas.¹¹⁵

No capítulo anterior, apropriamo-nos dos estudos de Antônio Gramsci e de sua ênfase na ideia de que *todos os seres humanos são filósofos*. Todos, portanto, ao desempenharem suas atividades cotidianas, desenvolvem uma visão de mundo que compõe uma estrutura de pensamento que se manifesta por meio da linguagem oral, gestual, de imagens, etc. Trazemos perguntas e reflexões ao longo desse capítulo que, do nosso ponto de vista, confirmam as teses do intelectual italiano. No trecho abaixo os militantes do PREC trouxeram questões e abstrações do novo raciocínio lógico que as conquistas do 25 de Abril permitiram. Enxergamos nestes uma coerência com a conjuntura em que viviam.

Quem tem razão? Qual será o futuro?

A resposta só a história no-la poderá dar, mas enquanto o povo for o autor da história e enquanto o passado foi o mestre e a mãe da vida e do futuro, sabemos já e temos consciência disso, que o fim deste feudo e a restituição aos seus destinos possuidores, é lei da história e um acto de justiça.¹¹⁶

Uma questão muito discutida dos principais leitores de Marx, na atualidade, sobretudo depois das últimas traduções para língua portuguesa, de alguns de seus escritos é se Marx fez um elogio do trabalho. Marx cunhou o conceito de ócio criativo e desenvolveu longos e conhecidos comentários críticos sobre a exploração do trabalho e a exploração do homem

¹¹⁵ _____ *Conferencia da Reforma Agrária: Évora 30/31 outubro de 1976 para consolidar e avançar. CONCLUSÕES*. 1976

¹¹⁶ _____ *Cooperativa Agrária Popular da Torre Bela: Torre Bela duma Tapada Real... a uma Cooperativa Agrícola Popular ou o fim do Feudalismo em Portugal*. Abril de 1975

pelo homem. Na nova cultura do trabalho, desenvolvida durante o PREC, os camponeses de Barcouço propunham organizar o trabalho para trabalhar, melhor trabalhar e trabalhar menos. Não executar apenas tarefas braçais, não só porque assim melhor se satisfiziam, mas por entender as atitudes práticas que a revolução os sugeria. *Camponeses não vamos morrer agarrados à enxada! Vamos usar mais a cabeça e menos as mãos.*¹¹⁷

Porque se cooperativa tem em primeira instância a vocação para transformar as relações sociais de produção que dominavam a zona, visa também em última análise mudar a vida das pessoas no seu todo. Barcouço não é só a cooperativa, embora esta seja hoje o seu coração. Por isso falar de futebol, da música ou da caça é falar do convívio dos camponeses de Barcouço, alguns dos quais não deixam de ir à missa só porque o bispo não gosta de cooperativas. Dum convívio, expressão do colectivismo que a cooperativa engrandeceu.¹¹⁸

O lazer e as artes (música, teatro, filmes, murais, fotografias, etc) também foi um debate corrente nas cooperativas. Não trouxemos todos os documentos e recortes encontrados porque não caberiam nesta dissertação. Mas, deixamos registrado aqui que há grande quantidade no acervo documental do 25 de Abril acerca dessa questão. Portugal é também um local de uma cultura musical e poética patente.

Para uma terra como Barcouço que já tem muita juventude não se pode de maneira nenhuma fazer só um campo de futebol para jogarem onze pessoas. Fizemos um projecto para todas as modalidades. Foi feito por um rapaz da direcção que é desenhador. Mandámos para todas as entidade oficiais do país, e recebemos um subsídio da Direcção Geral dos Desportos de trinta contos, e quinze contos do Governador Civil de Aveiro. Nesse projecto ia o campo de futebol, cabinas, um campo para vários desportos, e uma pista para atletismo. Calculamos que eram necessários 400 contos. Os 45 de subsídio não chegavam. Fizemos a terraplanagem, muros, cabinas. Muita gente lá trabalhou de borla, e mesmo assim gastámos 140 contos. A comissão administrativa da Junta não deu nada, embora pro metesse.¹¹⁹

Os interesses dos governantes nem sempre contemplam as expectativas e anseios da comunidade. E quem foram os maiores interessados no centro esportivo de Barcouço? Estes

¹¹⁷ SALVADOR, José A. *Camponeses de Barcouço << Não vamos morrer agarrado às enxadas>>, ou de como se dá conta do nascimento e vida da Cooperativa de Produção Agro-Pecuária de Barcouço (Medalha)*. Centelha. Coimbra 1977

¹¹⁸ SALVADOR, José A. *Camponeses de Barcouço << Não vamos morrer agarrado às enxadas>>, ou de como se dá conta do nascimento e vida da Cooperativa de Produção Agro-Pecuária de Barcouço (Medalha)*. Centelha. Coimbra 1977

¹¹⁹ SALVADOR, José A. *Camponeses de Barcouço << Não vamos morrer agarrado às enxadas>>, ou de como se dá conta do nascimento e vida da Cooperativa de Produção Agro-Pecuária de Barcouço (Medalha)*. Centelha. Coimbra 1977

trabalhadores realizaram coletivamente, portanto, seus objetivos sem o apoio do governo. Não se prescindiram em solicitá-la, mas uma vez negada, já tinham a mentalidade de executar pelas próprias mãos o que por bem compreendiam como necessidade. Além de festa e música também se joga bola na cooperativa, e, mesmo sem ajuda governamental, os trabalhadores do campo, com a organização comunal, constroem as estruturas para uma nova maneira de viver, e não mais trabalham até seus limites para sobreviver.

*QUE O TRABALHO, O COMER, O DISRUTIR, O APRENDER, E O GERIR CONSTITUAM UM SÓ TEMPO: O TEMPO DE VIVER.*¹²⁰

Como também demonstramos no segundo capítulo, não conseguimos pensar a educação de trabalhadores sem o conceito de práxis utilizado por diferentes autores. Práxis para nós é uma unidade coerente entre a teoria e a prática cotidiana. Sem iludirmo-nos com as contradições inerentes às sociedades de classe, não isolamos a relação direta entre pensamento e ação nos resultados concretos obtidos pelos seres humanos. Também não negamos que um pensamento social depende das condições reais de existência concreta de um determinado indivíduo. Numa abstração, podemos supor da mesma forma, que um pensamento coletivo, depende de relações coletivas edificadas no cotidiano da vida social.

Só queria deixar bastante claro mais uma coisa: a cooperativa agrícola popular da Torre Bela já fez correr muita tinta, mas houve um líquido diferente que correu muito mais: o suor dos trabalhadores, que para fazerem destas terras sub aproveitadas, terras férteis, foi preciso trabalhar muito. Convidamos os incrédulos a visitar-nos, para verem com os olhos, aquilo que deturpam.¹²¹

A concepção de verdade por mais que parta do campo das ideias, ganha sua validade na experiência prática. Deste modo, os camponeses de Torre Bela convidam a todos os incrédulos a experienciar a realidade por eles vividas. Dedicam seu trabalho braçal e intelectual à sociedade. Em Torre Bela nem a produção espiritual ganhou sua parceira perfeita, a propriedade coletiva.

Aos camponeses pobres como nós e duramente explorados

A todos, mesmo aqueles que nos reprovavam e criticavam, oferecemos estes escritos, fruto do nosso trabalho como o trigo e o milho e os produtos da terra que recuperamos e pusemos a produzir mais para benefício nosso e para contribuir

¹²⁰ _____ *Cooperativa Agrária Popular da Torre Bela: Torre Bela duma Tapada Real... a uma Cooperativa Agrícola Popular ou o fim do Feudalismo em Portugal.* Abril de 1975 pag.1

¹²¹ _____ *Cooperativa Agrária Popular da Torre Bela: Torre Bela duma Tapada Real... a uma Cooperativa Agrícola Popular ou o fim do Feudalismo em Portugal.* Abril de 1975 pag.19

com o nosso trabalho para a construção do país novo que todos desejamos para todos os portugueses.¹²²

As fontes por nós encontradas, demonstram os interesses desses trabalhadores em produzi-las. E isso, para nós, é um fenômeno de grande interesse. Entender que esses trabalhadores preocuparam-se em construir fontes históricas para que, no futuro, nós, cientistas sociais, pudéssemos entender suas intenções e interesses sociais, representa um salto qualitativo entre a consciência social e a produção científica.

Apoiados pelo grupo sócio-cultural trocamos por uns dias as enxadas pelas esferográficas e as forquilhas, serrotes e tratores pelas máquinas de escrever! fizemos de noite horas de trabalho e decidimos lançar para o público uma primeira experiência que há-de continuar com uma participação mais ativa e direta de cada um dos cooperados para mostrar que a par do amanhã e cultivo das terras, também cultivamos outras culturas que tanto como o trabalho nos enobrecem como HOMENS. De certo modo, os nomes todos da lista de cooperados somos já autores desta brochura e das que tentaremos lançar no futuro.¹²³

Além de transmitir às gerações futuras as experiências de viver em uma propriedade coletiva e trabalhar, sem o julgo de patrões, as iniciativas documentais das cooperativas tinham o interesse de exportar também, às terras vizinhas, o projeto revolucionário à lembrança do passado ou às esperanças futuras; serviam para nortear as tarefas práticas do presente. E assim o foi. Até hoje, as cooperativas portuguesas formadas durante o PREC servem de referencia teórica e prática para as experiências atuais de trabalho associado.

Os pequenos agricultores de Ourentã e dos Adões seguiram desde cedo o exemplo cooperativo de Barcouço. Durante o ano de 1976 enquanto a COBAR crescia e se consolidava nasciam mais duas cooperativas de produção agro-pecuária naquelas duas povoações vizinhas.¹²⁴

Conforme Álvaro Cunhal, os trabalhadores superaram diversos desafios e contradições e são os maiores responsáveis pelas conquistas da revolução portuguesa:

Os trabalhadores tiveram que vencer sua própria impreparação técnica e falta de experiência. Em muitas unidades não havia quem fizesse contas e muito menos a contabilidade. Só com a unidade, a organização, o espírito revolucionário, a confiança no futuro, era possível nessas condições levar por diante e fazer triunfar a Reforma Agrária.¹²⁵

¹²² _____ *Cooperativa Agrária Popular da Torre Bela: Torre Bela duma Tapada Real... a uma Cooperativa Agrícola Popular ou o fim do Feudalismo em Portugal*. Abril de 1975

¹²³ _____ *Cooperativa Agrária Popular da Torre Bela: Torre Bela duma Tapada Real... a uma Cooperativa Agrícola Popular ou o fim do Feudalismo em Portugal*. Abril de 1975

¹²⁴ SALVADOR, José A. *Camponeses de Barcouço << Não vamos morrer agarrado às enxadas>>, ou de como se dá conta do nascimento e vida da Cooperativa de Produção Agro-Pecuária de Barcouço (Medalha)*. Centelha. Coimbra 1977

¹²⁵ CUNHAL, Álvaro. *A revolução Portuguesa. O passado e o Futuro*. Cap.6: *A reforma agrária*. Pagina. 137

“O andamento da Reforma Agrária pode dividir-se em quatro períodos fundamentais. Até ao 11 de Março, do 11 de Março à publicação da Lei da Reforma Agrária (29-7-1975), da Lei da Reforma Agrária até à queda do V Governo Provisório.”¹²⁶ Com o VI Governo Provisório, os acordos entre o Partido Socialista (PS), Partido Popular Democrático (PPD) e o Partido Comunista Português (PCP) já não eram tão favoráveis aos trabalhadores, mas muito generosos com os antigos proprietários. Houve um corte no crédito e progressiva retirada de terras das cooperativas. Os militares seguiram a linha geral do governo e entregaram a posse da terra aos grandes proprietários. Daí por diante se institucionalizou o fim da revolução. Os militares passaram a atuar na desocupação de terras e o sonho de um Portugal emancipado terminou.

A reforma agrária e o PREC deixaram na memória, porém, o legado do cooperativismo e as marcas do sonho socialista. A experiência vivida ensinou, e ainda tem muito a ensinar, aos trabalhadores e pesquisadores sobre a importância dos saberes e experiências vividos no processo produtivo e no trabalho de produzir a vida associativamente.

Bibliografia:

- Conferência Agrária: Évora 30/31 outubro de 1976 para consolidar e avançar. 1976
_____ *Cooperativa Agrária Popular da Torre Bela: Torre Bela duma Tapada Real... a uma Cooperativa Agrícola Popular ou o fim do Feudalismo em Portugal*. Abril de 1975
_____ *Camponeses não à fome*. Combate. A Libertação dos trabalhadores é obras dos próprios trabalhadores ed. 7
_____ *Trabalhadores em luta no Ribatejo*. Combate. A Libertação dos trabalhadores é obras dos próprios trabalhadores ed. 9
_____ *Herdade da Carteira: Terra tomada*. Combate. A Libertação dos trabalhadores é obras dos próprios trabalhadores ed. 24
_____ *Torre Bela: Uma experiência de vida comunal*. Combate. A Libertação dos trabalhadores é obras dos próprios trabalhadores ed.46
_____ *Aveiras: o quotidiano em uma cooperativa* Combate. A Libertação dos trabalhadores é obras dos próprios trabalhadores ed.47
_____ *Couço os trabalhadores face a desocupação* Combate. A Libertação dos trabalhadores é obras dos próprios trabalhadores ed. 47
_____ *Lutas Sociais nos Campos. Reforma Agrária- Rendeiros do Norte* Combate. A Libertação dos trabalhadores é obras dos próprios trabalhadores ed. 51
BARRETO, Antonio. *Anatomia de uma revolução. A reforma agrária em Portugal 1974-1976*
CUNHAL, Álvaro. *A revolução Portuguesa. O passado e o Futuro*.Cap.6: *A reforma agrária*.

¹²⁶ CUNHAL, Álvaro. *A revolução Portuguesa. O passado e o Futuro*.Cap.6: *A reforma agrária*.

CUNHAL, Álvaro. *Contribuições para o Estudo da Reforma Agrária* Edições Avante 1976
Decreto-Lei N.º 406-A/75, de 29 de julho
Decreto-Lei N.º 203-C/75 de 15 de Abril de 1975
Harlan, Thomas. *Torrebela*. Filme publicado em 1977
MIGUEL, António Gervásio e Francisco. *intervenção na Assembleia Constituinte, em 15 e 18 de Julho de 1975* Edições «Avante!». 1975
SALVADOR, José A. *Camponeses de Barcouço << Não vamos morrer agarrado às enxadas>>, ou de como se dá conta do nascimento e vida da Cooperativa de Produção Agro-Pecuária de Barcouço (Medalha)*. Centelha. Coimbra 1977
SEAMAN, Graham. *O PCP e a Luta Pela Reforma Agrária* Edições Avante 1975
THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa*. A árvore da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

Conclusão

A reforma agrária portuguesa, bem como a Revolução dos Cravos foi, e é, amplamente estudada. Essa vantagem nos trouxe o desafio dialógico de intensa pesquisa e respeito aos debates anteriores, e a necessidade de identidade autoral que justifique a existência e leitura de nossa pesquisa. Esperamos ter contribuído com os leitores que chegaram até aqui. Podemos dizer que aprendemos muito!

Todo esse processo de pesquisa buscou defender os nexos dialéticos entre as teorias educativas e as práticas coletivas dos trabalhadores rurais portugueses. O desenvolvimento das diferentes formas de organização da classe trabalhadora, notadamente do movimento associativo das comunidades, apresenta fontes riquíssimas para as ciências sociais. Disso não abrimos mão.

As palavras de ordem: “Terra a quem nela trabalha” e “A educação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores” talvez resumam o legado político dos saberes do trabalho associado na região agrária de Portugal durante o PREC. As transmissões de saberes trocadas nos locais de trabalho e lazer, por um grupo de produtores, mudaram a consciência e a mentalidade dos indivíduos que delas participaram.

Algumas perguntas que não respondemos nesses capítulos foram feitas, como: Porque o processo revolucionário e a reforma agrária foram interrompidos? Não sabemos precisar essa resposta até o momento atual. Apontamos, contudo, nossa crença em uma história de múltiplas determinações. Entendemos que as potências capitalistas tinham grandes preocupações com a expansão do socialismo na Europa. Do mesmo modo, os grandes proprietários e as elites portuguesas também tinham muito interesse em interromper o processo. As divergências no interior da esquerda podem ter sido um fator que tenha contribuído com o fortalecimento da direita, por outro lado aprendemos durante a pesquisa, que a democracia é um princípio da revolução, e essa pressupõe divergências. O individualismo e o caciquismo, por sua vez, foram apontados pelos trabalhadores como desvios, e duramente combatidos. As duras condições de sobrevivência em cooperativas sem crédito agrícola e incentivos governamentais, também, podem ter ajudado a minar o processo. Levantamos esse ponto porque entendemos que os trabalhadores que se vincularam ao projeto revolucionário o fizeram para melhorar suas condições de vida, acabar com as guerras nas colônias, com a miséria no campo e industrializar Portugal.

Acreditamos que não temos todas as respostas sobre esse projeto, também não realizamos todos os objetivos que traçamos no projeto de pesquisa. Ainda assim estamos satisfeitos com o caminho percorrido até aqui e com os encontros e associações que fizemos na construção desta dissertação. Obtivemos sucesso nas perguntas que fizemos para as fontes e na escolha do objeto de pesquisa. Avançamos!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- _____. Conferência Agrária: Évora 30/31 outubro de 1976 para consolidar e avançar. 1976
- _____. *Cooperativa Agrária Popular da Torre Bela: Torre Bela duma Tapada Real... a uma Cooperativa Agrícola Popular ou o fim do Feudalismo em Portugal*. Abril de 1975
- _____. *Camponeses não à fome*. Combate. A Libertação dos trabalhadores é obras dos próprios trabalhadores ed. 7
- _____. *Trabalhadores em luta no Ribatejo*. Combate. A Libertação dos trabalhadores é obras dos próprios trabalhadores ed. 9
- _____. *Herdade da Carteira: Terra tomada*. Combate. A Libertação dos trabalhadores é obras dos próprios trabalhadores ed. 24
- _____. *Torre Bela: Uma experiencia de vida comunal*. Combate. A Libertação dos trabalhadores é obras dos próprios trabalhadores ed.46
- _____. *Aveiras: o quotidiano em uma cooperativa* Combate. A Libertação dos trabalhadores é obras dos próprios trabalhadores ed.47
- _____. *Couço os trabalhadores face a desocupação* Combate. A Libertação dos trabalhadores é obras dos próprios trabalhadores ed. 47
- _____. *Lutas Sociais nos Campos. Reforma Agrária- Rendeiros do Norte* Combate. A Libertação dos trabalhadores é obras dos próprios trabalhadores ed. 51
- _____. *Um dia, um mês, um ano: para onde vai o 25 de Abril?* Lisboa: Contra-a-Corrente, 1975.
- ALMEIDA, José Solano. BORGA, Cesário. COSTA, Isabel Silva. FURTADO, Joaquim. *Portugal 74-75*. Documentário. Produção RTP 1994
- ALMEIDA, Sónia Vespeira de (2009). *Camponeses, Cultura e Revolução. Campanhas de Dinamização Cultural e Acção Cívica do MFA (1974-1975)*. Lisboa: IELT-Colibri.
- ALTHUSSER, Louis. *Cartas sobre a Revolução Portuguesa*. Lisboa: Seara Nova, 1976
- ARQUIVOS DE MEMÓRIA. Portugal 1974-1976. Processo Revolucionário em Curso. Revista de Estudos de Etnologia Portuguesa, n. 12/13 (2002). Número temático.
- BACHELARD, Gaston. *A Filosofia do Não*. In: Os Pensadores. Abril Cultural, São Paulo. 1984.
- BASE FUT. *Pelo socialismo autogestionário*. Lisboa: Edições Base, 1979.
- BASTOS, João BARRETO, Antonio. *Anatomia de uma revolução. A reforma agrária em Portugal 1974-1976*
- BENAVENTE, Ana (1979). Objectivos, situações e práticas de educação de adultos de Portugal. Lisboa: Direcção-Geral da Educação Permanente.
- BERNANDO, João. Autonomia dos trabalhadores, Estado e mercado. In RODRIGUES, Francisco Martins. O futuro era agora. O movimento popular e o 25 de Abril. Lisboa: Editora Dinamo, 1994
- BERNARDO, João (2003). *Labirintos do fascismo: na encruzilhada da ordem e da revolta*. 2015
- BRINCA, Pedro e BAÍA, Etelvina. *Memórias da Revolução no distrito de Setúbal, 25 anos depois – vol 1.e 2): Setúbal na rede*, 2001
- BRUNO, Lúcia. Portugal: O “Combate” pela autonomia operária. Pontificia Universidade Católica de São Paulo, 1983 (Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais)

CAMPINOS, Jorge. A Ditadura Militar (1926-1933). Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1975
CANÁRIO, Rui. Movimentos sociais e educação popular. Lutas nas empresas em Portugal após o 25 de Abril. In Revista Perspectiva, 2008

CANÁRIO, Rui. A educação e o movimento popular do 25 de Abril. In CANÁRIO, Rui (org). Educação popular e movimentos sociais. Educa/Unidade de I e D de Ciências da Educação, 2007: 11-36.

CARVALHO, Lino e DUARTE, Gorjão (orgs). As cooperativas em questão. Para a história do Decreto-Lei 520/71. Lisboa: Seara Nova, 1972.

CAUTELA, Afonso (1976). “Descolonização cultural – inovação pedagógica. Educação permanente e Poder Popular, condições para uma democracia em bom estado”, O Século, 24 de fevereiro de 1976,

COLLOTTI, Enzo. Fascismo, fascismos, Lisboa, Editorial Caminho, 1992; O fascismo em Portugal. Actas do Colóquio realizado na Faculdade de Letras de Lisboa em Março de 1980, Lisboa, A Regra do Jogo, 1982

CORREIA, José Alberto (2000). As ideologias educativas em Portugal nos últimos 25 anos. Porto: Edições ASA.

CORREIA, Pedro Pizarat. Descolonização de Angola. A jóia da coroa do Império Português. Mem Martins: Inquérito, 1991.

CORREIA, Ramiro, MARUJO, João e SOLDADO, Pedro. MFA. Dinamização cultural e ação cívica. Amadora: Ulmeiro, s/d.

COSTA, José Filipe. *A revolução de 74 pela imagem: entre o cinema e a televisão.*

Princípios para compreensão do cruzamento dos dispositivos televisivo e cinematográfico entre 1974 e 1976.

COSTA, Manuel Augusto Abrantes da (1998). Educação de adultos em Portugal em tempos de revolução. Contributo para a sua história. Dissertação de mestrado em Ciências da Educação. Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra.

CUNHAL, Álvaro. *A revolução Portuguesa. O passado e o Futuro.* Cap.6: *A reforma agrária.*

CUNHAL, Álvaro. *Contribuições para o Estudo da Reforma Agrária* Edições Avante 1976

Decreto-Lei N.º 406-A/75, de 29 de julho

Decreto-Lei N.º 203-C/75 de 15 de Abril de 1975

ENGELS, Friedrich. *As lutas de classe na França (1848-1850), de Karl Marx.* In: ENGELS, FARIA, Maurício Sarda. A autogestão na Revolução dos Cravos. In Autogestão, cooperativa, economia solidária. Avatares do trabalho e do capital. Tese de Doutoramento. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

FERNANDES, Felipe e GUIMARÃES, Sérgio, Hermínio. Excomungados de Abril. Lisboa, Dom Quixote, 2005

FERNANDES, Margarida. A organização dos trabalhadores agrícolas na reforma agrária o caso de Baleizão

FERREIRA, José M. Portugal em transe (1974-1985). Vol. 8 da História de Portugal (dir. José Mattoso, Lisboa: Círculo de Leitores.

FERREIRA, Vitor Matias. Movimentos sociais urbanos e intervenção política. Porto, Afrontamento, 1976

Friedrich. *Política.* Organizado por: NETTO, José Paulo. editora ática, São Paulo, 1981.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. São Paulo: Paz e Terra, 1989

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983

FREIRE, Paulo. Educação na cidade, 1991.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia

- GRAMSCI, Antônio. *A Concepção Dialética da História*. Civilização Brasileira 1981
- GOMES, Adelino e CASTANHEIRA, José Pedro. *Os dias loucos do PREC (Do 11 de março ao 25 de novembro de 1975)*. Lisboa: Expresso; Público, 2006
- HARLAN, Thomas. *Entrevista* realizada por: BRANCO, Paulo, DANNEY, Serge e GIRAUD, Thérèse
- HARLAN, Thomas. *Torrebela*. Filme publicado em 1977
- LEITÃO, L. et al. *Movimento urbanos e comissões de moradores*. Lisboa: Contra-a-Corrente, 1976
- MARINHO, Pedro Eduardo Mesquita de Monteiro. *O Centauro Imperial e o “Partido” dos Engenheiros: a contribuição das concepções gramscianas para a noção de Estado Ampliado no Brasil Império*. In: MENDONÇA, Sonia Regina de (org.). *Estado e Historiografia no Brasil*. Niterói: Ed. UFF, 2006
- MACCIOCCI, Maria-Antonieta(dir.). *Eléments pour une analyse du fascisme*, 2 volumes, Paris, Union Générale d' Edition, 1976.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. 1981
- MENDONÇA, Sonia Regina de. *Sociedade Civil em Gramsci: Venturas e Desventuras de um conceito*
- MELO, Alberto e BENAVENTE, Ana (1978). *Educação popular em Portugal (1974-1976)*. Lisboa. Livros Horizonte.
- MELO, Alberto (1975). “Reforma ou Revolução. Vão passar a coexistir duas concepções diferentes do ensino?”, *Diário de Notícias*, 11 de Julho de 1975, 7.
- MELO, Alberto (1976). “Descolonização cultural – inovação pedagógica”, *O Século*, 23 de Fevereiro de 1976, 16-9.
- MELO, João de. *Guerra Colonial, Fotobiografia*. Lisboa: Círculo de Leitores/Publicações Dom Quixote, 1990.
- MURAI DE ABRIL 1974. *Biblioteca Museu e Resistência*, s/d
- MIGUEL, Antônio Gervásio e Francisco. *Intervenção na Assembleia Constituinte, em 15 e 18 de Julho de 1975* Edições «Avante!». 1975
- MURAI DE ABRIL 1974. *Biblioteca Museu e Resistência*, s/d SALVADOR, José A. *Camponeses de Barcouço << Não vamos morrer agarrado às enxadas >>, ou de como se dá conta do nascimento e vida da Cooperativa de Produção Agro-Pecuária de Barcouço (Medalha)*. Centelha. Coimbra 1977
- OLIVEIRA, D. e VIEIRA, M. *O poder popular em Portugal*. Coimbra: Centelha, 1977.
- OLIVEIRA, Luisa Tiago de. *Estudantes e povo na revolução. O Serviço Cívico Estudantil (1974-1977)*. Oiras: Celta, 2004
- OLIVEIRA, Maria Luísa Brandão Tiago de (2000). *O Serviço Cívico estudantil (1974-1977). Estudantes e Povo numa conjuntura revolucionária*. Lisboa: ISCT
- PALÁCIOS CEREZALES. *O poder caiu na rua. Crise do Estado e Acções Colectivas na Revolução Português*. 1974- 1975. Lisboa, ICS, 2003
- PALACIOS, Diego, 2003, *O Poder Caiu na Rua. Crise de Estado e Acções Colectivas na Revolução Portuguesa*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais
- PATRIARCA, Fátima. *Práticas de acção operária e formas organizativas na Lisnave*. In *Análise Social*, vol XIII (51), 1977 – 3º, p. 619-680
- _____. *Operários portugueses na Revolução: a manifestação dos operários da Lisnave de 12 de setembro de 1974*. In: *Análise social*. Lisboa: ISCUL, vol. 14, n. 56, 1978, p.695-727.
- _____. *DOCUMENTOS. Controlo operário em Portugal - 1 / compil. Maria de Fátima Patriarca, Marinús Pires de Lima e João David Miranda*. In: *Análise Social*, n. 47d, 1976:
- _____. *Controlo operário em Portugal - 2 / compil. Maria de Fátima Patriarca, Marinús Pires de Lima e João David Miranda*. In *Análise Social*, vol. 12 (48), 1976 – 4º, 789-804 (LISNAVE, SETENAVE, SOREFAME, CERVEJA)

PIRES, José. Greves e o 25 de Abril. Lisboa: Base FUT,

PIMENTA, C. Como fazer o controlo da produção. Lisboa: Seara Nova, 1977.

PIMENTA, Fernando Tavares. “A ideologia do Estado Novo, a guerra colonial e a descolonização em África”. In: NUNES, João Paulo Avelãs; FREIRE, Américo. 17 Historiografias portuguesa e brasileira no século XX. Olhares cruzados. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra / Coimbra University Press, 2013.

PINTO, António Costa (1989). O salazarismo e o fascismo europeu. In: ROSAS, Fernando; BRITO, J. M. Brandão de. Salazar e o salazarismo. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

PINTO, António Costa - O salazarismo e o fascismo europeu: problemas de interpretação nas Ciências Sociais. Lisboa: Estampa, 1992.

PROJETO DE DECRETO-LEI do V governo sobre o controle operário. In Economia e socialismo. Amadora: Livraria Bertrand, 8 de novembro de 1976, p. 45-48.

RIBEIRO, Gonçalves. A vertigem da descolonização. Da agonia do êxodo à cidadania plena. Lisboa: Inquérito, 2002.

RIBEIRO, Margarida Calafate. “Memórias coloniais imperfeitas”. Jornal Público, caderno Cultura, 20 de Janeiro de 2015. Disponível em: <http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/memorias-imperfeitas-1682657>.

RODRIGUES, Francisco Martins. *O futuro era agora. O movimento popular e o 25 de Abril*. Lisboa: Editora Dinamo, 1994.

RODRIGUES, Manoel. *A emancipação dos trabalhadores é obra dos próprios trabalhadores*. Porto: Afrontamento, 1975

ROSAS, Fernando (org). *Portugal e transição para a democracia*. 1974-1976. Lisboa, Edições Colibri / Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa. Coleção Cursos Livres, n. 1, 1999.

ROSAS, Fernando; BRITO, J. M. Brandão de (1989). Salazar e o salazarismo. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

SALGADO, Lucília (2012). “A Educação de Adultos na sociedade de classes”, O Direito de Aprender (<https://www.direitodeaprender.com.pt/artigos/educacao-de-adultos-na-sociedade-de-classes>, consultado em 2017.03.08).

SANCHES, Manuela Ribeiro. (Org.). Malhas que os impérios tecem. Textos anticoloniais, contextos pós-coloniais. Lisboa: Edições 70, 2011.

SANTOS, António de Almeida. Quase Memórias. Vol. 1: Do colonialismo e da descolonização. Vol. 2: Da descolonização de cada território em particular. Lisboa: Casa das Letras/Notícias, 2006.

SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos. *Análise Social*, vol, 1. n. 42/43, 1975.

SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos, ; LIMA, Marinús Pires de e FERREIRA, Vítor Matias. e. O 25 de Abril e lutas sociais nas empresas (3 volumes)

SANTOS, Hipólito dos. A redinamização da Associação dos Inquilinos Lisbonenses (1966/79). In A IDEIA Revista Libertária, nº65 Outubro 2008 – pgs. 16 -24

SEAMAN, Graham. *O PCP e a Luta Pela Reforma Agrária* Edições Avante 1975

STOER, Stephen; Dale, Roger (1999). “Apropriações políticas de Paulo Freire: um exemplo de Revolução portuguesa”, in Educação, Sociedade e Culturas, 11, 67-81.

STOER, Steve. *Educação e mudança social em Portugal, 1970-1980, uma década de transição*. Porto: Afrontamento, 1986.

SWEEZY, Paul M. *Luta de Classes em Portugal*. Lisboa, Slemes Editor.1976.

TEODORO, Antônio. Revolução e utopia. Um programa de acção no campo educativo para uma sociedade a caminho socialismo. In Revista Lusófona de Educação, n. 10, 2007, p. 141-154

THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa*. A árvore da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*, cap.1 *Costumes e cultura*.
TIRIBA, Lia. *Cultura do trabalho, produção associada e produção de saberes*. 2006
TIRIBA, Lia. *Processo e Trabalho e Processo Educativo: Notas Sobre o “Período de Ouro” da Educação de Jovens e Adultos em Portugal*. In: CANÁRIO, Rui e RUMMERT, Sonia Maria. *Mundos do Trabalho e Aprendizagem*. Educa, Lisboa. 2009
TIRIBA, Lia. *Saberes do trabalho associado: Cenários da autogestão no “processo revolucionário em curso”*